



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ-
CAMPUS CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO
DE EMPREENDIMENTOS AGROALIMENTARES**

CLAUDIA DO SOCORRO AZEVEDO MAGALHÃES

**ESTUDO DA (IN)EXISTÊNCIA DE SINAIS EM LIBRAS A PARTIR DA
SEMÂNTICA FOCADA NA AGRICULTURA FAMILIAR E PROPOSTA DE
GLOSSÁRIO**

**CASTANHAL
2021**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ-
CAMPUS CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO
DE EMPREENDIMENTOS AGROALIMENTARES**

CLAUDIA DO SOCORRO AZEVEDO MAGALHÃES

**ESTUDO DA (IN)EXISTÊNCIA DE SINAIS EM LIBRAS A PARTIR DA
SEMÂNTICA FOCADA NA AGRICULTURA FAMILIAR E PROPOSTA DE
GLOSSÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA - Campus Castanhal, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares, sob orientação da Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves.

**CASTANHAL
2021**

Dados para catalogação na fonte
Setor de Processamento Técnico Biblioteca
IFPA – Campus Castanhal

- M188e Magalhães, Claudia do Socorro Azevedo
Estudo da (in)existência de sinais em libras a partir da semântica focada na agricultura familiar e proposta de glossário / Claudia do Socorro Azevedo Magalhães. — 2021.
236 f.
Impresso por computador (fotocópia).
Orientadora: Prof^a Dr^a. Miranilde Oliveira Neves.
Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, 2021.
1. Agricultura familiar. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Terminologia. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. II. Título.

CDD: 630.5098115



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ-
CAMPUS CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO
DE EMPREENDIMENTOS AGROALIMENTARES

CLAUDIA DO SOCORRO AZEVEDO MAGALHÃES

**ESTUDO DA (IN)EXISTÊNCIA DE SINAIS EM LIBRAS A PARTIR DA
SEMÂNTICA FOCADA NA AGRICULTURA FAMILIAR E PROPOSTA DE
GLOSSÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA - Campus Castanhal, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares, sob orientação da Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves.

Data da defesa: 13/05/2021

Conceito: excelente

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a. Miranilde Oliveira Neves – Orientadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof. Dr. Romier Paixão Sousa – Membro Interno
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Andrea Pereira Silveira – Membro Externo
Universidade Federal do Pará

Dedico esse trabalho aos meus filhos Caio Lukas Azevedo Magalhães e Arthur Azevedo Magalhães; à Letícia Maria Azevedo Magalhães, a filha caçula. Ao José Carvalho Magalhães Júnior, companheiro de longa data; à minha irmã, Maria Lúcia de Lima Azevedo, a quem devo os avanços nas letras, desde sempre. Ao Vinícius Azevedo, Felipe Azevedo, Joyce Lima que não mediram esforços em contribuir com esse projeto. À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Miranilde Oliveira Neves; à Comunidade Surda; à Associação de Surdos do Município de Castanhal; às professoras e professores de Libras do Município, Estado, Rede Federal e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do IFPA e aos Intérpretes que contribuíram grandemente com essa pesquisa; a todas as Pessoas Surdas do Brasil, as quais lutam por participação plena, por direito à acessibilidade linguística e contra as opressões ouvintistas.

RESUMO

Esta dissertação se insere nos estudos da (in)existência de sinais em Libras a partir da semântica focada na Agricultura Familiar e tem como princípio basilar os estudos terminológicos, lexicográficos e a estrutura linguística da Língua Brasileira de Sinais – Libras. A pesquisa se justifica pela carência da existência, registro e documentação de sinais-termo das Áreas Agrárias e Meio Ambiente em Libras, um fator que interfere na acepção de conceitos usados na interação entre docentes, discentes, tradutores/intérpretes e profissionais envolvidos com a inclusão em geral. O objetivo deste estudo foi pesquisar a existência de termos específicos da Agricultura Familiar em Libras, propor neologismos para termos inexistentes e organizar um glossário bilingue com novos sinais, assim como sinais já utilizados no sistema linguístico das línguas visuoespaciais. A pesquisa é classificada como descritiva e interpretativa com abordagem quanti-qualitativa na primeira etapa e recebeu apoio de um grupo focal na segunda etapa. O percurso metodológico utilizado pautou-se em selecionar termos e conceitos em Língua Portuguesa, a partir de dicionários específicos das Áreas Agrárias e Meio Ambiente. Os termos desconhecidos da pesquisadora, desconhecidos dos primeiros quarenta e nove sujeitos de pesquisa e não encontrados em dicionários de Libras foram estruturados para análise conceitual. Para validar os conceitos dos termos em Língua Portuguesa optou-se pelo grupo focal com participação de dez docentes das Áreas Agrárias e Meio ambiente. O processo de criação dos sinais-termo foi proposto em vídeo por um grupo de dezenove docentes e intérpretes de Libras de várias Instituições Educacionais da Amazônia e apresentados à Associação de Surdos local. Como resultado, obtivemos cinquenta termos dos sessenta e quatro inicialmente selecionados, os quais tiveram seus sinais criados e/ou catalogados em glossário bilingue. Assim, apresentamos o glossário bilingue intitulado “Termos da Agricultura Familiar em Libras” como uma relevante ferramenta para o acesso da comunicação entre profissionais das Áreas e a quem possa interessar.

Palavras-chave: Agricultura Familiar. Glossário. Libras. Terminologia.

ABSTRACT

This dissertation is inserted in the studies of the (in)existence of signs in the Brazilian Sign Language- BSL/Libras based on the semantics focused on Family Farming and has as its basic principle the terminological, lexicographic studies and the linguistic structure of the Brazilian Sign Language- BSL/Libras. The research is justified by the lack of existence of registration and documentation of terms/signs of the Agrarian and Environment Areas in the BSL, a factor that interferes in the meaning of concepts used in the interaction between teachers, students, translators/interpreters and professionals involved with the inclusion generally. The objective of this study was to research the existence of specific terms of Family Farming in the BSL, to propose neologisms for nonexistent terms and to organize a bilingual glossary with new signs, as well as the signs already are used in the linguistic system of visuospatial languages. The research is classified as descriptive and interpretive with a quantitative and qualitative approach in the first stage and received support from a focus group in the second stage. The methodological path used was based on selecting terms and concepts in Portuguese, from specific dictionaries of the Agrarian and Environmental Areas. The unknown terms of the researcher, unknown to the first forty-nine research subjects and not found in the BSL dictionaries, were structured for conceptual analysis. To validate the concepts of the terms in Portuguese, the focus group was chosen with the participation of ten teachers from the Agrarian and Environmental Areas. The process of creating the terms/signs was proposed on video by a group of nineteen BSL teachers and interpreters from various Educational Institutions in the Amazon and presented to the local Deaf Association. As a result, we obtained fifty terms from the sixty-four initially selected, which had their signs created and/or cataloged in a bilingual glossary. Thus, we present the bilingual glossary entitled “Terms of Family Farming in Libras” as a relevant tool for accessing communication between professionals in the areas and whoever may be interested.

Keywords: Family Farming. Glossary. Pounds. Terminology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pesquisa Resultado do questionário de pesquisa I	80
Tabela 2 - Resultado do questionário de pesquisa II	84
Tabela 3 - Resultado do questionário de pesquisa - termos excluídos	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Possibilidades de alofonia em CM da LIBRAS segundo Nascimento (2009)	55
Quadro 2 - Locação.....	57
Quadro 3 - Parâmetro movimento na língua de sinais brasileira segundo Ferreira Brito, 1990	61
Quadro 4 - Expressões não manuais da língua de sinais brasileira segundo Ferreira Brito e Langevin, 1995.....	63
Quadro 5 - Lista de termos selecionados em Língua Portuguesa na área de Meio Ambiente e Ciências agrárias	71
Quadro 6 - Modelo de Ficha terminológica adaptada.....	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do Iconographe des Signes de Pierre Pélissier	38
Figura 2 - Capa do Iconographe des Signes de Flausino José da Gama	39
Figura 3 - Prancha de Pierre Pélissier. L'Enseignement Primaire des Sourds Muets Mis a La Portée de Tout Le Monde Avec Une Iconographie des Signes-1856.....	40
Figura 4 - Obra restaurada de Flausino José da Costa Gama	40
Figura 5 - Tabela de configuração de mãos.....	48
Figura 6 - CM da Libras inventariada por Pimenta	49
Figura 7 - Grupo 1 de Configuração de Mãos	50
Figura 8 - Grupo 2 de Configuração de Mãos	51
Figura 9 - Grupo 3 de Configuração de Mãos	51
Figura 10 - Grupo 4 de Configuração de Mãos	52
Figura 11 - Grupo 5 de Configuração de Mãos	52
Figura 12 - Grupo 6 de Configuração de Mãos	53
Figura 13 - Grupo 7 de Configuração de Mãos	53
Figura 14 - Grupo 8 de Configuração de Mãos	54
Figura 15 - Grupo 9 de Configuração de Mãos	54
Figura 16 - Grupo 10 de Configuração de Mãos	55
Figura 17 - Espaço de enunciação na Língua de Sinais	56
Figura 18 - Organização dos PAs segundo Stokoe et al, 1976.....	58
Figura 19 - Ponto de Articulação segundo Klima & Bellugi , (1979).....	58
Figura 20 - Espaço da sinalização da ASL segundo Klima & Bellugi, (1979)	58
Figura 21 - Organização dos PAs segundo Linddell & Johnson, (2000)	59
Figura 22 - Organização dos PAs segundo Capovilla, (2001)	59
Figura 23 - Sequência numérica dos PAs proposta por Nascimento, (2009).....	60

Figura 24 - Ordem dos PAs proposta por Nascimento, (2009).....	60
Figura 25 - Orientação de mão.....	62
Figura 26 - Localização do IFPA Campus Castanhal	67
Figura 27 - Dicionário da Educação do Campo	69
Figura 28 - Glossário de Termos Usados em Atividades.....	70
Figura 29 - Questionário	72
Figura 30 - Dicionário Língua de Sinais do Brasil. Libras em Suas Mãos – 3 volumes	73
Figura 31 - Livro Ilustrado de Libras.....	74
Figura 32 - Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras	75
Figura 33 - Modelo de ficha terminológica de Lima, (2014).....	77
Figura 34 - Modelo de ficha terminológica preenchida.....	78
Figura 35 - Imagem para o Glossário	88
Figura 36 - Imagem para o Glossário	89

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará

CM – Configuração de mão

EAFB – Escola Agrotécnica Federal de Marabá

E AFC – Escola Agrotécnica Federal de Castanhal

ENM - Expressões Não Manuais

IFPA – Instituto Federal do Pará

L – Locação

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

LP – Língua Portuguesa

LSB - Língua de Sinais Brasileira

M – Movimento

NAPNE - Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas.

OP - Orientação da Palma da mão

PA - Ponto de articulação

SEDUC - Secretaria de Estado de Educação

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

TILS - Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPA – Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1	CONTEXTUALIZAÇÃO	13
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	17
2.1	Interface entre educação do campo, educação inclusiva e surdez	17
2.1.1	Breve Histórico da Educação de Surdos	18
2.1.2	Educação de Pessoas Surdas no Brasil	20
2.1.3	Interface da educação do campo e educação especial na perspectiva inclusiva	21
2.1.4	Inclusão de Estudantes Surdos em escolas do Campo	24
2.2	Língua/Linguagem	26
2.3	As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia	34
2.3.1	Léxico e lexicologia	34
2.3.2	Lexicografia	36
2.3.3	Obras lexicográficas em libras	37
2.3.4	Terminologia	41
2.3.5	Glossários	44
2.4	Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais – libras.....	46
2.4.1	O parâmetro configuração de mão – (cm)	48
2.4.2	Ponto de articulação (PA) ou locação (l)	56
2.4.3	Movimento	61
2.4.4	Orientação da mão	62
2.4.5	Expressões não manuais (ENM)	62
3	METODOLOGIA	65
3.1	Pressupostos Metodológicos	65
3.2	Lócus da pesquisa.....	66
3.3	Etapas metodológicas.....	67
3.4	Seleção dos termos em Português	68
3.5	Elaboração de questionário.....	71
3.6	Seleção dos Dicionários em Libras	72
3.7	Seleção dos sujeitos da pesquisa de sinais	75
3.8	Organização em fichas terminológicas.....	76
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	79
4.1	ANÁLISE DOS TERMOS EM FICHAS LEXICOGRÁFICAS	91
4.2	ESCRITA DE SINAIS - SIGNWRITING	92
5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	203
	REFERÊNCIAS	205
	APÊNDICE.....	212
	ANEXO	225

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Esta dissertação pretende investigar a (in)existência de sinais em Libras no âmbito da educação, a partir da semântica camponesa e tem como princípio basilar, os estudos terminológicos, lexicográficos e a estrutura linguística da Língua Brasileira de Sinais – Libras. A pesquisa teve como resultado a elaboração de um glossário bilíngue, o qual objetiva contribuir para o desenvolvimento da Libras e possibilitar melhoras na interação de Pessoas Surdas¹, intérpretes, professoras e professores de Libras, sujeitos envolvidos em cursos das áreas Agrárias e Meio Ambiente e entre pessoas das localidades camponesas, as quais fazem uso da língua de sinais na perspectiva da semântica específica do campo.

O interesse de realizar esta pesquisa entrelaça-se com a trajetória profissional da pesquisadora. Após a graduação em Letras, iniciei os estudos referentes à Língua de Sinais Brasileira - LSB, com duas especializações: uma em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais e outra em docência em Libras. Estes foram pontos que contribuíram para minha atuação profissional, e após alguns anos de experiência como intérprete e professora de Libras do Município de Castanhal, hoje, estou professora de Libras no IFPA - Instituto Federal do Pará, Campus Abaetetuba.

No IFPA, estive coordenadora do Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, NAPNE, cocomitante à atuação como professora de Libras da graduação em Biologia e Cursos Técnicos Integrados. Neste processo, me deparei com alunos surdos incluídos em cursos com linguagem específica própria das áreas técnicas e graduação. Estes cursos, frequentemente, usam os laboratórios para o desenvolvimento de aulas e pesquisas. Houve uma grande inquietação a partir do trabalho junto ao laboratório de Ciências Biológicas, quando percebi que professores explicavam o conteúdo de suas disciplinas e faziam uso de termos específicos da Biologia de forma oral, exemplificando e indicando o que havia nas prateleiras, por exemplo, em língua portuguesa. Percebi que alguns termos eu não conhecia, mesmo em minha língua materna, no caso, o português do Brasil e o intérprete não nomeava os termos em sinais da Libras, fazia uso demasiadamente do alfabeto maunal (alfabeto da Língua Portuguesa feito nas mãos).

É importante ressaltar que as Pessoas Surdas são impedidas de ouvir e por conta deste

¹ Consideramos Pessoas Surdas com iniciais maiúsculas, para diferenciar surdas/surdos que fazem uso da língua de sinais e constroem suas identidades baseada em um corpo diferente e não deficiente, além de usar a simbolização do mundo a partir da língua de sinais construída nas estruturas dos estudos surdos difundidos por autores como SKLIAR (2013) e PERLIN (2013).

impeditivo, interagem com o mundo através da visão. A língua utilizada na comunicação de surdos é estruturada no corpo e no espaço, não fazendo uso do canal auditivo e, portanto, chamada de língua visuoespacial.

Nas línguas de sinais, o signo linguístico é representado pelo que chamamos de sinal, e também acoplam um significado próprio e pré-determinado, ou seja, um conceito que é transmitido a partir de um determinado sinal. Os Sinais nomeiam as coisas do mundo. São parte de uma língua e se estruturam através de parâmetros gramaticais, Quadros e Karnopp (2004, p. 30) “As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem”.

A partir das pesquisas e da credibilidade e força que as línguas de sinais vão ganhando, além das pressões da comunidade surda, é que países como o Brasil começam a reconhecer a Libras e regulamentar dispositivos legais que vão garantir seu ensino e sua difusão. A Lei 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5626 de 2005, vai reconhecer a Língua Brasileira de Sinais como língua de aquisição materna dos sujeitos surdos, garantir seu uso e difusão em Instituições públicas e incluí-la, obrigatoriamente, como disciplina em cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior e nos cursos de Fonaudiologia e Educação Especial. Mas é preciso ressaltar que mesmo com a obrigatoriedade de uso e difusão da Libras, estamos vivenciando ainda, o início da inclusão de sujeitos surdos em Instituições que se intitulam inclusivas e um dos desafios é incluir Pessoas Surdas de forma eficaz, para que consigam permanecer com êxito dentro de espaços escolares, adquirindo saberes que possibilitem a construção de sujeitos capazes de contribuir com a comunidade em que vivem.

Cabe reafirmar a necessidade de as Instituições se pautarem no trabalho bilíngue para Pessoas Surdas, isto quer dizer, ter duas línguas, atuando em um mesmo espaço, tornando acessível, toda forma de comunicação entre todos os sujeitos envolvidos. Se o ambiente não for favorável linguisticamente, os avanços intelectuais serão prejudicados. Sabemos que, se não há sinais para nomear objetos, a comunicação visuoespacial pode ser feita através da datilologia/alfabeto manual, que é tão somente o alfabeto da Língua Portuguesa – LP, feito com as mãos, não se configurando como língua, como é o caso da Libras.

Percebi que as dificuldades em estabelecer a inclusão de discentes surdos em cursos técnicos, pela ausência de termos específicos em língua de sinais, se apresentava como um fator impeditivo relevante no processo de ensino-aprendizagem deste público. O acesso a sinais em Libras facilita aos sujeitos surdos estabelecerem comunicação entre as línguas que permeiam

as instituições inclusivas, tais como, a Língua Portuguesa e as línguas que Pessoas Surdas aprendem naturalmente, no caso do Brasil, a Libras. Nesse âmbito, é necessário que se tenha dentro das instituições de ensino, pesquisas voltadas para a construção de termos específicos de determinadas áreas, em Libras, que por ser uma língua legitimada apenas em 2002, muitos termos ainda são inexistentes.

Então, a questão perpassou pelo pensamento de como é para as Pessoas Surdas estarem incluídas em cursos desta natureza, sem acesso aos termos específicos em Libras. Esta foi uma primeira inquietação. Em 2016 iniciei um projeto piloto junto com a turma de graduação em Ciências Biológicas do IFPA Campus Abaetetuba e descobrimos vários termos da Biologia inexistentes em dicionários físicos e virtuais da Língua Brasileira de Sinais. Em parceria com professores surdos paraenses, pesquisamos os signos/sinais e construímos uma cartilha com os termos específicos em Libras/Língua Portuguesa/datilologia, seu significado, imagem dos alunos na articulação dos sinais e imagem do significado do sinal em LP. Neste primeiro projeto, pude experienciar um pouco do percurso que percorri nesta pesquisa.

A ideia de pesquisar os termos da semântica do campo surgiu do meu envolvimento com o IFPA Campus Castanhal e se consolidou com o conhecimento adquirido nas disciplinas deste Mestrado.

Os primeiros sujeitos da pesquisa foram profissionais docentes de Libras e Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Município de Castanhal, lotados na SEMED, SEDUC, IFPA, UFPA, entre outros. O critério inicial foi investigar se tais profissionais da área tinham conhecimento dos termos da semântica camponesa em Libras que foram previamente escolhidos, catalogados e apresentados em língua portuguesa.

A ausência das línguas de sinais dentro das comunidades do campo tem implicado exatamente na construção destes sujeitos invisíveis política e socialmente. É a partir da aquisição das línguas visuoespaciais pela comunidade camponesa – surda e ouvinte, que há maior possibilidade de melhorar o desempenho dos sujeitos surdos capazes de interagir de forma crítica e contribuir não apenas com esforços físicos, mas também fazer parte das complexidades vivenciadas em tomadas de decisão individual e coletiva dentro dos seus espaços de convivência.

A pretensão deste estudo é criar como produto final, um glossário com termos da semântica “agricultura familiar” em Libras/Língua Portuguesa, o qual possa subsidiar o ensino para discentes surdos em Cursos das Áreas Agrárias e Meio Ambiente, os quais utilizam termos específicos de possível inexistência em Língua de Sinais Brasileira.

Esta dissertação está disposta em cinco capítulos intitulados: Contextualização; Revisão

Bibliográfica; Metodologia; Resultados e discussões e Algumas considerações. A revisão bibliográfica divide-se em quatro tópicos.

O primeiro tópico refere-se à Interface entre Educação do Campo, Educação Inclusiva e Surdez; discorre sobre a história da Educação das Pessoas Surdas no mundo e no Brasil e avança para uma discussão sobre a interface da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, com foco na Inclusão de Estudantes Surdos em escolas do Campo.

O segundo tópico nomeado: “Língua/Linguagem”, resume algumas teorias linguísticas a partir de autores como Vygotsky, (1979); Saussure, (2010); Chomsky, (1980) Sacks, (2010) e Labov (2008).

O terceiro tópico intitulado de “As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia”, explora os estudos de Biderman, (1996; 1998; 2001; 2006) sobre o léxico e sua divisão em lexicologia: ciência que estuda, organiza, estrutura, categoriza e analisa o léxico, fazendo referência aos sentidos e relações com o mundo; Versa sobre a lexicografia prática e teórica, conceituada a primeira a partir de Welker (2008) como uma ciência, uma arte, que tem como atividade a elaboração de dicionários, e a lexicografia teórica ou metalexiconografia, estudo sobre dicionários que tem como produto, o conhecimento adquirido e divulgado.

Por fim, o terceiro tópico ainda explora conceitos sobre terminologia a partir dos estudos de Cabré (2005); Sousa e Lima (2014); Krieger e Finatto (2018) e Flaulstich (1997; 2001), compreendendo a terminologia como uma prática antiga e os estudos sobre o componente lexical das comunicações especializadas, como um estudo recente.

O quarto tópico: “Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais – Libras explana sobre a gramática da Libras e vai explicar sobre os Parâmetros: Configuração de mãos, (CM) Ponto de articulação (PA), Movimento, (M), Orientação da mão e Expressão não manuais.

O caminho metodológico percorrido foi extenso, por isso, houve a necessidade de dividir em etapas, as quais se encontram especificadas no Capítulo “Metodologia”.

Fez-se uso da pesquisa descritiva, que tem como principal objetivo o estabelecimento de relações entre variáveis ou ainda a descrição das características de determinada população ou fenômeno e pode proporcionar novas visões sobre uma realidade. GIL (2002). Foi utilizada a pesquisa descritiva de cunho interpretativo com abordagem qualitativa e foi necessário usar questionário estruturado, além de em uma das etapas, se trabalhar com grupo focal.

O capítulo quatro discute os resultados a partir das análises das respostas dos sujeitos pesquisados. Neste capítulo é apresentada uma tabela com os termos elencados e o quantitativo de sujeitos que conhecem os termos em libras, que usam apenas como classificador ou datilologia, ou que mesclam o uso dos termos em libras e classificador; classificador e

datilologia; libras, datilologia e classificador. O que nos interessou foram as respostas de uso ou não uso de sinais em libras. Em resumo, selecionamos 50 termos, do total de 64 pesquisados para criação ou catalogação de sinais em libras. Estabelecemos como critério, selecionar os termos com respostas de até 10 dos 49 sujeitos que afirmaram usar algum sinal em libras, não necessariamente um sinal catalogado em dicionários oficiais. Os termos inicialmente desconhecidos foram trabalhados em grupos de professores de Libras, intérpretes e pessoas da comunidade surda. Foram criados um total de 44 sinais e identificados o total de seis (*arar, agrotóxico, fungo, balaio, transgênico e erosão*) os quais já eram usados pela comunidade surda e foram posteriormente encontrados em dicionários físicos e/ou virtuais, perfazendo o total de cinquenta termos.

Os cinquenta termos tiveram suas análises feitas em fichas lexicográficas. Foram analisados os parâmetros da fonologia de cada sinal, tais como, configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão (se contralateral ou ipsilateral), expressão facial e corporal e tipo de movimento. Além da análise gramatical da Libras, as fichas constam de definição dos termos em Língua Portuguesa, imagens em fotografia das sequências dos sinais e escrita dos termos em SignWriting (SW), com identificação dos grupos de configurações de mão em Libras e em SW.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Interface entre educação do campo, educação inclusiva e surdez

As discussões acadêmicas sobre a inclusão têm aumentado, nos últimos anos, mas quando se referem à inclusão de estudantes surdos no campo, ainda são parcas. As experiências docentes têm revelado a cada dia, o quanto é necessário pensar e propor ações mais inclusivas aos povos do campo, os quais, durante séculos, já tiveram seus direitos ameaçados e ignorados pela força do agronegócio e pela falta de políticas públicas que os atendam considerando sua cultura, práticas e especificidades locais.

Este texto propõe algumas reflexões sobre a educação de surdos no campo. Para isso, discutiremos como os surdos estão a ser incluídos nas escolas campesinas e de que forma está a ocorrer a formação dos docentes que precisam trabalhar com as necessidades educacionais específicas.

Sabemos que há uma distância latente entre as propostas teóricas sobre inclusão e a

prática escolar. No campo ou na cidade, o docente que atua com o Atendimento Educacional Especializado – AEE se vê a todo momento desafiado a inovar, adaptar materiais e apresentar estratégias que contemplem os mais variados casos de inclusão em sala de aula. Embora tenham ocorrido mudanças nos programas educacionais e até mesmo nos métodos e técnicas de ensino e aprendizagem, é preciso analisar que o modelo de ensino tradicional ainda persiste e este é apenas um dos muitos desafios que o processo de inclusão enfrenta.

É preciso inserir nas escolas o que prega Edgar Morin em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*: um ensino que valorize a condição humana, a compreensão e a ética – questões necessárias para uma inserção social do estudante. Temos que aprender com Paulo Freire a ética da libertação: uma educação baseada no respeito às diferenças, que não discrimina gênero, classe, limitações físicas, localidade ou origem de onde este estudante vem, afinal, “por sermos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos tornamos seres éticos” (FREIRE, 2007, p. 16).

Pode-se afirmar que é a convivência no ambiente escolar, um dos espaços para a construção desse sujeito que merece estar incluído e ter seus direitos atendidos, conforme estabelece a Legislação Brasileira em seus diversos Decretos, Leis, Estatutos e na própria Constituição Nacional de 1988. A inclusão e a permanência nos cursos precisam ser defendidas, assim, será mantido o respeito às diversidades – discurso que ainda precisa apresentar muitos resultados positivos.

2.1.1 Breve Histórico da Educação de Surdos

Diferentes concepções de surdez e de sujeitos surdos, permearam as escolhas das abordagens da educação de surdos no mundo. No Egito, por serem seres calados, surdos eram considerados pessoas místicas e especialmente escolhidas por deuses. Na Grécia, uma sociedade que vivia em guerra e valorizava a bravura dos guerreiros, a força como condição essencial, assim como a perfeição, acabava por desprezar os desvios ou feiura e por conta disso, todos os indivíduos imperfeitos, se tornavam um peso para a sociedade e eram exterminados e as Pessoas Surdas faziam parte dos que eram eliminados pelo próprio Estado.

Filósofos gregos, como Aristóteles, acreditavam que o pensamento só poderia ser concebido por meio das palavras articuladas e o ouvido era o órgão de instrução e a audição o canal mais importante para a inteligência. A educação de surdos se punha como uma tarefa impossível já que a razão, era princípio básico para se ter educação e surdos eram considerados seres que não tinham a razão como possível. Tais pensamentos foram mantenedores de surdos

na ignorância por mais de dois mil anos.

Em Roma, a vida de surdos não era tão diferente. O responsável pela família tinha poderes irrestritos sobre a vida de seus filhos e crianças nascidas com imperfeições eram, muitas vezes, afogadas no rio Tibre. O código Justiniano, elaborado no século VI, impunha apenas aos surdos que não falassem, havia a perda de herança, assim como não tinham direitos a ter propriedades, nem escrever testamentos. (PEREIRA, et al, 2011).

Até à renascença, a ideia de educação para surdos parecia impossível. A partir do século XVI, observa-se um maior esforço para educá-los e é nesse contexto que iremos verificar a existência de três fases da história da educação de surdos. A primeira, que vai da Renascença até 1760, época em que se inicia um maior trabalho com crianças surdas. Nessa fase, a educação era organizada pelas famílias e o método baseava-se em fala, escrita, através de alfabeto manual e sinais gestuais que tutores, geralmente religiosos, responsáveis para tal, aplicavam aos alunos e costumavam manter tais métodos em segredo. Na Espanha, destaca-se Pedro Ponce de León (1520 a 1584) e sua preocupação maior era ensinar surdos a falar, para que pudessem ter direitos a heranças. Estes, geralmente filhos de famílias abastadas. (Strobel, 2009).

A fase que vai de 1760 a 1880 é marcada pelo início de algumas escolas para surdos em países diferentes e com propostas também diferenciadas. Na França destacou-se Charles Michal de L'Epée, fundador da primeira escola para surdos do mundo e defensor do método que baseava a educação de surdos em sinais e não na oralização, como na Inglaterra de Thomas Braidwood e na Alemanha de Samuel Heinicke, as quais utilizavam métodos que privilegiavam a língua majoritária de seus países.

A polêmica entre quais métodos poderiam ser mais eficientes na educação de surdos, culminou entre países e defesas de métodos, tais como: sinais ou oralização. Para decidir qual melhor método usar nesta educação, foi organizado o Congresso de Milão em 1880, na Itália, no qual os participantes em sua maioria ouvintes, decidiram que os sinais seriam proibidos e a educação de surdos em todo o mundo deveria seguir o método oral.

Após o Congresso de Milão em 1880 até 1960, o método oral tomou conta de toda a Europa e América, junto com a esperança médica de aproveitar resíduos auditivos com usos de tecnologias eletroacústica e curar de vez o surdo. Este período é considerado hoje, por muitos autores, como os cem anos de atraso na educação de surdos, pois transformou as escolas em espaços terapêuticos, privando alunos surdos dos conhecimentos de mundo e conteúdos escolares e intensificando métodos e treinos que tinham a fala, a oralização, como principal objetivo.

Skliar (2013) traz estes acontecimentos históricos para uma reflexão pertinente, inclusive,

nos dias atuais: o poder dominante do ouvintismo. Ao termo “ouvintismo” o autor explica como “as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos” e o “oralismo, a forma institucionalizada do ouvintismo” (p. 15), onde o surdo é obrigado a olhar-se, narrar-se como se fosse ouvinte. Estas raízes são históricas e ainda se fazem presentes em nossa sociedade e, conseqüentemente, na prática de nossas escolas inclusivas.

2.1.2 Educação de Pessoas Surdas no Brasil

A educação formal de surdos tem início no Brasil, mais precisamente em 1857, com a chegada do professor surdo francês Eduard Huet, e a fundação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, escola especializada para alunos surdos, hoje chamada Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, no Rio de Janeiro.

O INES era referência para surdos e professores de surdos. A língua de sinais francesa, bastante utilizada na França e trazida por Huet era usada por surdos no Brasil em conjunto com sinais já articulados em todas as regiões do país. Esta mistura deu origem à língua brasileira de sinais – Libras. Até 1880, surdos do Brasil, eram educados desta forma, valorizando os sinais. A partir deste ano, a orientação mudou para o método oral e o Instituto de Surdos – INES também seguiu tais orientações, proibindo veementemente o uso de sinais.

A comparação de crianças surdas filhas de pais surdos, usuárias de sinais e crianças surdas filhas de pais ouvintes, resultou na superioridade acadêmica daquelas em relação a estas. (Pereira et al, 2011) Somada a tais evidências, estudos linguísticos de Stokoe em 1960 vão revelar que a Língua de Sinais Americana (ASL) é considerada natural, completa e complexa, contendo léxico e gramática, aspectos linguísticos com estruturas próprias da linguagem humana. A partir desta constatação, vários estudos apontam para reafirmar as línguas de sinais, como língua genuína, capaz de dar conta da imensidão dos pensamentos humanos.

Nos anos 1980 e 1990, no Brasil, renasce o uso dos sinais a partir de uma filosofia educacional chamada Comunicação Total, originária dos Estados Unidos com objetivo de contemplar toda forma de comunicação possível: a fala, os sinais, o teatro, dança, mímica etc. Aos poucos, as escolas especiais iniciam o uso de sinais com seus alunos, mas tais sinais ainda não eram considerados uma língua oficial no Brasil.

A partir da participação do governo brasileiro nas conferências mundiais, como a Conferência Mundial de Educação para Todos e as construções de documentos como a Declaração de Salamanca, em 1994, que defendeu a aceitação por todas as escolas de todas as crianças, independentemente de sua diferença ou deficiência, o Brasil foi impulsionado ao

debate sobre Direitos, Políticas, Princípios e Práticas nas áreas das Necessidades Educativas Especiais.

Documentos importantes, como a Constituição Brasileira de 1988 são fortemente influenciados pelo debate da inclusão para todos. A Constituição de 1988 instituiu como princípio do ensino, a igualdade de condições de acesso e permanência na escola (art.206, inciso I), elegendo a dignidade da pessoa humana (art. 1º, incisos I e III), a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art. 3º, inciso IV). Todas as escolas, sejam da cidade ou do campo, passam a lidar com a inclusão e tentam encontrar formas de educar com êxito alunas e alunos surdos.

Alguns outros documentos e ações, como Leis, Decretos, Portarias, Estatutos, Convenções, Declarações, Diretrizes e Planos, foram elaborados em prol da educação inclusiva, impulsionando o Brasil a dispor de direitos à população que por centenas de anos, esteve excluída ou segregada dos/nos sistemas de ensino. Tais proposições envergaram para a obrigatoriedade de matrículas, organização de currículos, inclusão de disciplinas, atendimentos especializados, formação de professores, instrutores e orientação para uma educação bilíngue no ensino regular de todas as escolas, sejam públicas ou particulares, da cidade ou do campo.

Caiado e Meletti (2011) chamam a atenção para a produção científica sobre a interface da Educação Especial na educação do campo, como sendo mais um grande desafio. Afirmam que Instituições de ensino superior têm papel fundamental na produção de conhecimento que dê conta do direito à educação escolar de todos os alunos com deficiência, inclusive dos que moram no campo. O Direito à matrícula, permanência, apropriação do conhecimento, participação social e atenção às especificidades do sujeito em condição de deficiência e suas peculiaridades culturais e sociais da vida no campo, não podem mais ser silenciados. (Caiado, Meletti, 2011).

Atualmente, a luta para a educação de estudantes surdos está pautada na defesa da educação bilíngue. O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS, 2005).

2.1.3 Interface da educação do campo e educação especial na perspectiva inclusiva

A educação do campo nasceu (como crítica) a partir da luta vivenciada na realidade da

educação brasileira, que em muitos momentos da história, não valorizou a situação educacional do povo do campo. Mas, como Caldart, 2009 afirma, ela não advém apenas de uma crítica à educação em si e sim, ao seu objetivo, pautado na realidade dos trabalhadores e projetos para o campo, das lutas sociais pela terra, pelo trabalho, pela igualdade social e por uma vida digna para todos os seres humanos.

Os objetivos da Educação do campo estão pautados na universalização do acesso, da permanência e do sucesso escolar com qualidade em todo o nível da Educação Básica, vinculada às peculiaridades da vida rural de cada região do país. A Educação do campo é destinada a agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros. (Brasil, 2008).

O conceito de Educação do campo é marcado por algumas características, as quais Caldart (2012) no Dicionário da Educação do Campo, especifica como: “expressão legítima de uma pedagogia do oprimido”, que deve apresentar estrutura própria para a realidade dos assentados e das comunidades tradicionais que vivem no campo.

Mas o fato é que as políticas educacionais implementadas no país, não têm considerado as especificidades que caracterizam as escolas do campo e isto muito se deve pela existência de uma concepção urbanocêntrica e hegemônica de mundo, que invisibiliza a importância das escolas do campo, assim como seus problemas e suas reais necessidades. (Barros e Hage, 2010).

O campo é diverso e mesmo dentre os agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados, acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras e indígenas, existem ainda, grandes diferenças. Não há homogeneidade dentro de tais grupos, de certo, há uma diversidade dentre os agricultores familiares ou quilombolas, por exemplo. Pessoas com deficiências, como as Pessoas Surdas também nascem entre estes sujeitos. Portanto, há uma real necessidade em ampliar as discussões quando falamos de diversidades ou diferenças sociais no campo.

A Educação Especial perpassa por todos os sistemas de ensino, da educação básica à superior, oferecida, preferencialmente, na rede regular para alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades (Brasil, 2008). As escolas do campo fazem parte deste sistema e precisam estar atentas para a educação do público alvo da educação especial, assim como para a educação de Pessoas Surdas.

Vários documentos apontam para a necessidade da interface entre Educação do campo e Educação Especial, as “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” é um deles. Tais diretrizes se constituem de um conjunto de princípios e de procedimentos para adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais,

visando à educação de minorias como jovens e adultos, indígenas e também o público alvo da Educação Especial. (Brasil, 2002).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, (2008) aponta para que a interface da educação especial na educação indígena, do campo e quilombola assegure recursos, serviços e Atendimento Educacional Especializado em projetos pedagógicos e que sejam construídos com base nas diferenças socioculturais destes grupos.

A Resolução 2/2008 que vai estabelecer diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo, estabelece em seu inciso 5º que crianças e jovens público alvo da Educação Especial residentes no campo, tenham acesso à Educação Básica, preferencialmente, em escolas comuns da rede de ensino regular (Brasil, 2008).

É perceptível que a legislação tem garantido às pessoas com deficiências, moradoras do campo, acesso à escola e a serviços de apoio à inclusão escolar, o que mostra certo respeito às diferenças socioculturais. É tamanha a relevância de tal garantia a este público, que por muitos anos teve seus direitos sociais demasiadamente negados. No entanto, mesmo que alguns direitos, a partir de muitas lutas tenham sido consolidados, a educação do campo, por si só, enfrenta grandes desafios. Um deles é o fechamento das escolas do campo. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), foram fechadas cerca de 80 mil escolas nos últimos 21 anos.

As mínimas condições de infraestrutura em escolas públicas no campo, os lugares de difícil acesso, o precário atendimento e apoio logístico, materiais e livros didáticos, formação de professores e conhecimentos curriculares reorientados pouco sintonizados com a lógica ambiental, cultural e produtiva (Barros e Hage, 2010) são desafios vivenciados pela educação do campo em âmbito geral.

É realmente um desafio colocar em prática as escritas que versam os documentos. A realidade do cotidiano no campo difere sobremaneira da realidade dos papéis. As escolas do campo, quando sobrevivem, se encontram em mínima condição de atender com eficácia os “iguais”, com uma infraestrutura que ora ou outra é denunciada por órgãos institucionais e Ministério Público, em grande apelo para que se mantenham as escolas, mesmo que inclinadas apenas a atender à grande maioria homogênea.

Quando o assunto são Pessoas Surdas no campo, a invisibilidade, o descaso e o silêncio são maiores. E quando estes sujeitos adentram nossas salas, acabam por estarem incluídos como os ouvintes o são. Sem respeito à sua língua, à sua cultura, às suas especificidades. Muitas vezes, sem contraturno, sem sala multifuncional, sem Atendimento Educacional Especializado

com profissionais especializados, como professoras e professores de Libras ou intérpretes. A pergunta que fazemos é: quais as chances que crianças surdas nascidas em ambientes rurais têm de desenvolver-se de forma plena?

Diante do exposto, a necessidade de pensar a educação especial e a inclusão do estudante surdo, não apenas como um quantitativo de matrícula, mas como sujeito com uma língua específica e uma cultura própria, parece mesmo adentrar em uma seara surreal. Mas este sujeito existe no campo e é por conta desta existência que há a necessidade de pensá-lo de forma individualizada, de avançar nos debates e nas lutas pela concretização das práticas de direitos conquistados, como é o caso do Atendimento Educacional Especializado.

2.1.4 Inclusão de Estudantes Surdos em escolas do Campo

Para receber estudantes surdos em salas regulares é preciso primeiramente conhecer as especificidades destes sujeitos. A escola não pode apenas abrir suas portas sem ter uma estrutura responsavelmente inclusiva. E se assim acontece, não podemos dar o nome a isto de inclusão. Inclusão é possível, mas necessita de estudo, trabalho, mudanças, esforços coletivos, entendimento das especificidades das pessoas envolvidas e das diferenças existentes.

O compromisso de educar cada estudante a partir da pedagogia da diversidade, foi assumida com o movimento da chamada educação inclusiva, que ganha força a partir de 1994 com a Declaração de Salamanca². Neste sentido, inclusão implica o compromisso que a escola deve assumir de educar [...] todos os alunos dentro da escola regular, independentemente de sua origem social, étnica ou linguística (Lacerda, 2006). Para educar estudantes surdos é preciso minimamente entender sobre as diferenças linguísticas que os envolvem. A Pessoa Surda não é apenas um ser que não consegue ouvir ou um deficiente. Portanto, é imprescindível conhecê-la.

O Decreto nº 5.626/05 em seu artigo 2º considera “[...] Pessoa Surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS”. (BRASIL, 2005).

A partir da Lei 10.436 de 2002 a Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão. Em parágrafo único, a Lei entende como Língua Brasileira de Sinais, a forma de

² Documento construído por várias representações governamentais em conferência mundial. A UNESCO fez parte desta conferência.

comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de Pessoas Surdas do Brasil.

É notório que após a Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05 ocorreu um avanço na educação de Pessoas Surdas e muitos estudos foram direcionados para incluir melhor e de forma a valorar as especificidades destes sujeitos. Mas infelizmente, esta não é uma realidade vista na prática da maioria das escolas inclusivas. A educação de estudantes surdos em áreas agrárias é um exemplo de realidade que destoa bastante do que preveem Leis, Decretos, publicações científicas, entre outros documentos.

Na defesa de uma educação que contemplasse as especificidades linguísticas das Pessoas Surdas, a comunidade surda brasileira reivindicou o direito a uma educação bilíngue (FENEIS, 1999). “O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar”. (Quadros, 1997, p.27). Esta abordagem estabelece que primeiro se deve ensinar a Língua de Sinais, como primeira língua (L1) e como segunda língua, (L2) a língua da comunidade ouvinte local, no caso do Brasil, a Língua Portuguesa, preferencialmente na modalidade escrita.

Segundo Skliar (2013) a socioantropologia da surdez interpreta o surdo e sua comunidade como minoria que possui identidade específica manifestada por aspectos culturais também específicos, desenvolvidos a partir de uma língua natural, a língua de sinais. Por isso, o autor afirma que é necessário pensar em uma educação que contemple tais especificidades, e sugere que as escolas adotem não apenas a modalidade bilíngue, mas avancem para a modalidade bicultural.

A proposta a qual escolas inclusivas devem aplicar quando se trata de educação de Pessoas Surdas é exatamente esta: para além de duas línguas permearem os espaços institucionais, duas culturas o fazerem. Se na escola em que Pessoas Surdas estão matriculadas não existir adultos surdos fluentes em língua de sinais, (preferencialmente docentes Surdos), docentes de Libras, intérpretes ou se não há a valorização da cultura surda no corpo escolar, esta instituição não pode ser considerada uma escola inclusiva para surdos.

Os desafios para a inclusão eficaz de estudantes surdos são muitos. As salas multifuncionais com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) devem ser aliadas das escolas inclusivas. O AEE, que abrange a educação do campo, segundo a Resolução 2/2008 (BRASIL, 2008) também é destinado ao atendimento das populações rurais em suas mais variadas formas de produção de vida – agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras,

indígenas e outros, têm os mesmos direitos ao Atendimento Educacional Especializado.

O AEE é um atendimento realizado em salas multifuncionais com profissionais especializados dentro das escolas. Docentes de Libras e Língua Portuguesa para surdo, assim como o intérprete e docente bilíngue para as séries iniciais, são profissionais que devem compor este atendimento, e é um direito garantido a todas as escolas pelo Decreto 5.626/05. Sem a prática deste Decreto, não poderemos afirmar que há inclusão de estudantes surdos em nossas escolas do campo.

As reflexões surgidas durante a construção deste texto nos permitiram compreender que a inclusão vai muito além de fatores externos. São questões intrínsecas e extrínsecas que permeiam o cotidiano escolar e que serão as responsáveis pela inserção ou não do surdo, seja nas escolas do campo ou da cidade.

Ao adentrar na escola, professores e comunidade escolar, em geral, precisam estar atentos para um diálogo aberto a todas as especificidades que surgirem no âmbito escolar e nelas, não podemos nos esquecer de que há uma diversidade de pessoas, as quais precisam se sentir respeitadas e incluídas.

Os surdos já sofrem discriminação social desde os primórdios, o mínimo que se pode fazer hoje é uma inclusão digna e com ética, a qual lhes conceda o direito de aprender por meios mais adequados, como a libras.

A educação do campo com seus avanços e muitos desafios, ainda é tímida no enfrentamento das especificidades das deficiências e em especial do que concerne à Pessoa Surda. Mesmo com alguns avanços nas áreas do direito, o que percebemos na prática é certa desconexão no cumprimento das leis. A história da educação da Pessoa Surda é de muitas lutas e algumas conquistas, mas o debate da educação destes sujeitos parece não ter chegado com força na educação do campo. É preciso avançar e abranger a todas e todos os surdos. Para tanto, é necessário que a educação do campo e o povo surdo estejam atentos na construção de lutas colaborativas para a possibilidade de construir novas histórias.

2.2 Língua/Linguagem

A linguagem é considerada instrumento de comunicação, uma capacidade inerente aos seres humanos, a marca mais evidente de uma cultura. Linguagem é o mecanismo que se utiliza para a transmissão de conceitos, ideias e sentimentos em um processo de interação. Todo conjunto de signos ou sinais pode ser considerado uma forma de linguagem. Diversas áreas de estudos tiveram interesses em explicar as particularidades desta capacidade humana expressa

por mitos, lendas, cantos rituais ou trabalhos eruditos (Peter, 2004). Gregos antigos, romanos, os medievais e renascentistas etc., sempre tiveram interesses em entender os enigmas da língua/linguagem e promoveram estudos ao longo da história, mesmo que por tempos, tais estudos não fossem considerados científicos.

Os estudos linguísticos até o século XX foram reconhecidos por seus contornos disciplinares e delimitados ainda por um pensamento positivista, em que pesquisas da linguagem eram voltadas para comparativos da língua, isto é, analisar quais pontos de convergências ou conexões que poderiam ter sido derivadas de uma língua mãe. O indo-europeu foi uma língua bastante estudada, assim como o grego e o latim. Os estudiosos deste século, avançavam em pesquisas históricas, chamadas de diacrônicas, que são os estudos através do tempo.

As ideias de Saussure surgem para impactar seu tempo. Inicialmente, parte do grupo dos neogramáticos, preocupados com as análises histórico-comparativas das línguas indo-europeias e adeptos de uma proposta sincrônica, na qual a língua é estudada em um dado momento, não importando a relação da língua com outras ou mesmo de onde ela surge. Saussure irá fazer várias afirmações em favor do estudo da língua estática e dos elementos que a estruturam.

É preciso salientar que antes de a língua ser tomada por Saussure como objeto de estudo, a linguística não era autônoma e estava submetida a muitos outros estudos como a filosofia, história, retórica, lógica, crítica literária, entre outros. Após o livro “Curso de Linguística Geral, o qual se portou como um verdadeiro “divisor de águas”, a língua passa a ser o principal objeto de estudo da linguística, considerada a partir de então, uma ciência.

É importante saber que o “Curso de Linguística Geral”, é uma obra póstuma, organizada por dois dos alunos de Ferdinand de Saussure - Charles Bally e Albert Sechehaye, tomando como base anotações de apenas três cursos presenciais, aos quais o mestre expôs seu pensamento e sua teoria linguística. (Marques, 2013).

Diferente de seus conterrâneos, Saussure apresenta uma longa análise teórico-abstrata dos fatos de linguagem no intuito de definir um objeto para viabilizar seus estudos científicos. Ele estava preocupado em observar a linguagem com rigor científico, a partir de uma definição precisa do objeto, assim, pretendia e elevou os estudos da linguagem à categoria de ciência, justamente por encontrar seu objeto de estudo: a língua.

Para provar que a língua seria um conjunto de relações, constituindo um sistema mais fundamental que os próprios elementos que o constituem, a metáfora do jogo de Xadrez foi utilizada no sentido de demonstrar que mais interessa as regras que ordenam os movimentos das peças que propriamente as peças. O sentido está relacionado à noção de valor determinado

pela ideia de oposição em que se colocam os signos linguísticos, de tal modo que tudo se constitui dentro do próprio sistema, nada dependendo das situações externas à língua. (Cyranka, 2014).

Uma das grandes contribuições de Saussure que nos interessa neste estudo é sua explicação a partir de seu questionamento: “Mas o que é a língua?” e a comparação que tece em relação as diferenças entre língua e linguagem: “língua não se confunde com linguagem, pois é tão somente uma parte dela, sendo, portanto, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (Saussure, 2010).

A linguagem, todavia, não esteve como foco de seus estudos e em sua própria explicação elenca os motivos pelos quais não poderia escolhê-la como objeto de sua pesquisa: “[...] A linguagem é multiforme e heteróclita”; [...], ao mesmo tempo, física, fisiológica e psíquica, pertencente ao domínio individual e social, não se deixando classificar em nenhuma categoria de fatos humanos e não tendo como inferir sua unidade. (Saussure, 2010. p.17).

Os estudos se pautam em caracterizar linguagem em oposição à língua, língua em oposição à fala, à escrita e a outros códigos de linguagem. A explicação parte de que a língua não é nada mais que um sistema de valores puros, o que permitiu que muitos linguistas do século XX rejeitassem a ideia de que a língua pudesse ser uma descrição do mundo. (Rodrigues, 2008).

A defesa estava baseada na hipótese de que a língua é um sistema social complexo, depositado nas mentes de indivíduos de uma comunidade linguística, portanto, produto da coletividade, a qual através da convenção social, estabelece os valores desse sistema, sobre a qual o individual não tem nenhum poder, mas o coletivo em sua interação interpessoal pode fazer da língua um importante instrumento ao seu dispor.

Portanto, língua não existe senão em virtude de uma espécie de acordo combinado entre os membros da comunidade. Este pensamento nos leva a crer que Saussure estivesse interessado na relação entre língua e sociedade. E embora tivesse feito outras constatações sobre a língua, como: “língua é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que não pode ser modificada pelo indivíduo, obedecendo as leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade” (Peter, 2003) o linguista genebrino não estava impulsionado a estudar a língua em sociedade.

As estruturas internas e os signos linguísticos da língua foram seu foco de pesquisa. Inquietações sobre a relação de língua e sociedade serão pontuadas posteriormente por outros linguistas como Willian Labov e também terão evidências neste texto.

Em o “Curso de Linguística Geral, a ideia de língua não se baseia em um conglomerado de elementos heterogêneos e sim, como um sistema articulado, com elementos ligados a partir de uma posição estrutural, onde cada parte linguística distinta, tem um valor em relação ao outro e mantém uma espécie de relação solidária, relação que une os elementos do discurso e busca determinar o valor funcional desses diferentes tipos de relações. Por isso se categorizou tais teorias de análise linguística em teorias estruturalistas, na qual “a língua é considerada uma estrutura constituída por uma rede de elementos, em que cada elemento tem um valor funcional determinado” (Peter, 2003).

A língua para o estruturalismo é considerada um sistema homogêneo e dinâmico, no qual unidades linguísticas se dispõem obedecendo a princípios de funcionamento em um todo coerente, onde cada elemento linguístico tem valor quando se relaciona com outro de que faz parte, o que implica reconhecer a língua como uma estrutura, uma organização com leis internas, estabelecidas dentro do próprio sistema.

A complexa estrutura de distinções entre elementos linguísticos: fonemas, morfemas e palavras deram possibilidade e estabilidade para fazer da língua o objeto de estudos da linguística. Como um sistema único, sem variações e por concepção de que se deveria estudar a língua parada no tempo, de forma muito mais sincrônica que diacrônica é que se descartou estudar a fala, pois era tida como um fenômeno momentâneo, individual e heterogêneo, apresentando certa subjetividade e dificuldades de sistematização, o que para os estudos saussureano não teriam valor.

Quando refletimos sobre linguagem e pensamento, nos reportamos à Vygotsky, o qual irá apresentar como tema central em sua obra “pensamento e linguagem” questões das relações do pensamento com o desenvolvimento da linguagem – sistema simbólico que media os processos mentais superiores. Ao analisar as relações entre linguagem e pensamento, Vygotsky aponta o intercâmbio social, motivo pelo qual o homem utiliza o sistema de linguagem – e o pensamento generalizante, cuja função torna a linguagem um instrumento do pensamento como as duas funções básicas da linguagem.

Ele busca a compreensão do aspecto filogenético e ontogenético no desenvolvimento humano, estudando tanto o indivíduo como a espécie. Aponta a estreita ligação entre a linguagem e pensamento, partindo do princípio de que suas origens são diferentes e independentes. Em seus estudos com primata superiores encontra subsídios para afirmar que existem processos precursores destes que ele chamou de fase pré-intelectual.

A inteligência prática dos animais na utilização de instrumentos mediadores entre eles e o meio são atitudes independentes da linguagem e que vem caracterizar a fase pré-verbal do

pensamento. Assim, a vinculação das duas fases se dará em um dado momento do desenvolvimento filogenético, tornando-se o pensamento verbal e a linguagem racional, que de acordo com Vygotsky, surge da necessidade de intercâmbio dos indivíduos diante de atividades coletivas como o trabalho.

Na ontogênese, a interação com a cultura estruturada é responsável pelo desenvolvimento do indivíduo que vai proporcionar o “salto qualitativo” para o pensamento verbal. Vygotsky, ao tratar das relações entre pensamento e linguagem, estuda o significado da palavra como ato de pensamento, apontando sua importância, pois é pelo significado da palavra que se dá o pensamento verbal. Afirma ainda, que: “O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança” (Vygotsky, 1979).

Para Sacks (2010), o pensamento e a linguagem possuem origem biológica totalmente separadas, ele aponta para o fato de que muito antes de aprender uma língua, já examinamos, analisamos e reagimos ao mundo. Há um grande acúmulo de pensamento bem antes do surgimento da língua. A ideia é de que “um ser humano não está desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém profundamente restrito em seu pensamento, confinado a um mundo terrivelmente pequeno. (Sacks, 2010. p. 44).

A língua parece ser uma capacidade inata essencial nos seres humanos, mas não há como desenvolvê-la sozinha. Esta capacidade existente é ativada na interação com outros falantes, pessoas que já desenvolveram competência linguística. Para Sacks (2010, p. 59) não se pode desenvolver uma língua sem alguma capacidade inata essencial, mas essa capacidade só é ativada por uma outra pessoa que já possui capacidade e competência linguísticas.

A língua possibilita novas orientações e novas possibilidades de aprendizado e ação capaz de transformar experiências, entregar, por exemplo, a uma criança conhecimentos puramente simbólicos dominando e transformando as experiências pré-verbais [...] A linguagem não é apenas uma função entre muitas [...] mas uma característica muito difusa do indivíduo, a tal ponto que ele se torna um organismo verbal [...].

A língua transforma a experiência. [...] por meio da língua [...] podemos iniciar a criança em uma esfera puramente simbólica de passado e futuro, de lugares remotos, de relações ideais, de eventos hipotéticos, de literatura imaginativa, de entidades imaginárias que vão de lobisomens a méson-pi. [...] (Sacks 2010, p.45) enquanto linguagem é sempre pessoal, sendo a fala e as elocuções uma forma de expressão de si e a língua, algo como uma efusão, uma “espécie de transmissão espontânea do eu” a qual não vemos sua estrutura. É interessante a comparação feita com os nossos tecidos, órgãos e estruturas do nosso corpo, que também não

vemos, mas tal como a gramática, está lá, uma estrutura para segurar a língua. Esta ideia é reafirmada nos trabalhos de Sacks (2010).

As línguas necessitam ter uma estrutura. Esta constatação vem da teoria linguista gerativista a qual nos últimos trinta anos se explicita melhor em estudos de Noam Chomsky, que irá discorrer sobre as propriedades mais profundas que definem a língua humana, a qual chamará de “estruturas profundas” da gramática.

A teoria gerativista que Chomsky propõe, acredita que o conhecimento intuitivo se localiza no cérebro do indivíduo e não na sociedade, como Saussure pensou. Independente das duas pesquisas apontarem caminhos diferentes é inegável que os dois estudos focaram na análise das línguas de forma estável e acabaram por estudá-las e descrevê-las como um sistema perfeito e sem variações.

Noam Chomsky traz grandes contribuições para a linguística. Seus estudos percebem uma nova onda de transformação. A linguagem foi considerada um conjunto de sentenças infinitas em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos. A ideia é que toda língua natural possui um número finito de sons (e um número finito de sinais gráficos que os representam, se for escrita); mesmo que as sentenças distintas da língua sejam em número infinito, cada sentença só pode ser representada como uma sequência finita desses sons (ou letras). Essa definição abrange muito mais do que as línguas naturais, mas conforme seu autor, todas as línguas naturais, seja na forma falada, seja na escrita, são linguagens e suas análises devem determinar as propriedades estruturais que distinguem a língua natural de outras linguagens. (Peter, 2003).

As propriedades estruturais da língua são vistas nas análises Chomskyana como formas abstratas, complexas e específicas de tal modo, que uma criança em fase de aquisição da linguagem, não seria capaz de aprender tais estruturas a partir do nada. A capacidade inata é considerada específica da espécie humana e a ela se atribui a faculdade de produzir, compreender e reconhecer a estrutura de todas as frases de uma língua. A língua é formada por um conjunto infinito de frases que se define não apenas pelas frases existentes, mas também pelas possíveis criações a partir da interiorização de regras, estando os falantes aptos a produzir sentenças nunca ouvida por ele.

A capacidade de criar sentenças de uma língua, a qual parte do conhecimento do sistema linguístico do falante é chamada de competência linguística na teoria gerativista. É o conjunto de regras construído a partir de sua capacidade inata para aquisição da linguagem e que lhe garante criar um conjunto de sentenças infinitas em determinada língua.

O desempenho é o comportamento linguístico, a competência do falante mais os fatores

linguísticos variados, como as convenções sociais, as crenças, atitudes emocionais, pressupostos sobre atitudes do interlocutor etc., (Peter, 2003) e por outro lado, considera-se também, o funcionamento dos mecanismos psicológicos e fisiológicos incluído na construção dos enunciados e é determinado pelo contexto ao qual o falante se insere. A competência é analisada como puramente linguística e pode ser descrita, enquanto o desempenho não.

Para Saussure a língua é um sistema linguístico socializado, bem mais próxima da Linguística da Sociologia ou Psicologia Social, enquanto a competência é um conhecimento linguístico internalizado que se aproxima da linguística da Psicologia Cognitiva ou da Biologia. (Peter, 2003)

O interesse em descobrir a estrutura da gramática universal como uma estrutura inata, foi canalizada para as pesquisas da estrutura básica de todas as línguas e se despendia energia para os estudos do conhecimento intuitivo de falantes de línguas maternas. Para Chomsky um falante é capaz de variar e multiplicar a representação criativa do pensamento através da linguagem, utilizando um léxico limitado. É através de uma estrutura interna que se torna capaz de organizar intelectual e socialmente a vida de indivíduos e partilhar criativamente seus pensamentos (Weizenmann, 2013).

As teorias de Saussure e Chomsky investigaram as línguas de forma muito importante, foram teorias úteis para a pesquisa das estruturas das línguas, todavia, não se pode deixar de identificar que seus estudos foram pautados em uma idealização de língua, feita através de um recorte destas, não levando em consideração o fato de que as línguas não são paradas no tempo, percepção que abre possibilidades e apontam para outro conceito: o de variação.

Alguns questionamentos surgem quando se pensa língua como uma estrutura mutável. Weinreich et al, (2006) inquieta-se: “se uma língua tem que ser estruturada a fim de funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto a estrutura muda?” (p. 87) Reconhecer que as línguas variam leva ao entendimento de que o processo de mudança é inerente ao sistema linguístico de todas as línguas e que há uma diversidade linguística que deve ser analisada com mais afinco. É a partir destas reflexões que se iniciam os estudos de Labov (2008) e também, que se inicia um novo modo de fazer linguística, com ênfase nos estudos empíricos das comunidades de fala (*a parole*), a qual é chamada de sociolinguística.

A sociolinguística proposta por Labov (2008) vai estudar o comportamento linguístico de uma sociedade, as estruturas e evoluções da língua no contexto social da comunidade, as relações entre língua e sociedade. Vai observar a língua não apenas em seu valor linguístico, mas em valores que carregam força simbólica, como, dentre outros, os valores socioculturais e econômicos. Por isso, considera o contexto, a cultura e a história a que uma determinada

comunidade interage e compartilha as normas de uso linguístico.

A revelação dos estudos de Labov (2008) está em constatar que as línguas mudam porque variam e os elementos tidos como perturbadores por linguistas estruturalistas, como a *parole*, serão resgatados em suas investigações. O autor vincula os fatos da linguagem aos fatos sociais quando afirma que as línguas mudam porque “não existem línguas, existem falantes que vivem em sociedades complexas, heterogêneas e hierárquicas e estes falantes, mudam as línguas”. Labov (2008). A língua nesta perspectiva é percebida como um conjunto heterogêneo e diversificado justamente porque as sociedades vivenciam “experiências históricas, sociais, culturais e políticas diferentes”.

É notório que há uma ruptura estabelecida pelos estudos de Labov (2008) em relação ao antigo modelo. Além do que possíveis conflitos políticos e ideológicos são marcas da sociolinguística variacionista, visto que seu precursor acaba por balançar as estruturas rígidas baseadas na “deficiência verbal” das classes sociais excluídas quando chama a atenção para a lógica gramatical nas formas de falar das comunidades excluídas do poder e do controle social, ao que chama de dialetos não padrão. Castro Júnior (2011) evidencia em estudos de Labov investigações para medir o fracasso escolar de crianças negras em Harlem, Colômbia, EUA. Segundo o autor, este estudo mostra como resultado as diferenças de padrão entre a fala dos negros e dos brancos, em que o inglês vernáculo dos negros era desvalorizado por conta do latente racismo americano.

A língua é também o lugar de expressão do poder. É por meio dela que formamos identidade social e que se negociam histórias e relações sociais. O preconceito linguístico é uma manifestação do preconceito social e o poder que se atrela à grupos sociais é perceptível através de marcadores linguísticos. A discriminação contra o que não se encaixa como padrão, caso dos falares dos negros, nordestinos, índios e deficientes são formas muito mais evidenciadas através dos usos linguísticos.

Considerar a heterogeneidade das línguas possibilita constatar diferenças de padrão de muitos falares que podem ser considerados inclusivos ou excludentes. A relação de poder é estabelecida nas estruturas sociais de grupos ou comunidades. O que muitas vezes é “avaliado não é apenas a língua da pessoa, mas sim a própria pessoa, na sua integridade física, individual e social” (Bagno, 2003, p. 29) O poder deve ser explicado. Sua análise não existe antes da análise da língua, pois é por meio da língua que se executa e materializa o poder na vida social.

A Língua Portuguesa, se comparada com as minorias linguísticas como a Libras e tantas outras línguas existentes no Brasil carrega um considerável prestígio sociolinguístico. Pode-se dizer que em nossa sociedade a Língua Portuguesa é imperativa. (BAGNO, 2003)

Todas as pessoas que fazem parte desta sociedade devem se adequar para o uso das línguas orais, independente das suas condições ou possibilidades. Outra forma de comunicação, como ocorre com a língua de sinais é tida como inferior. Não à toa, o modelo de educação pautado imposto à comunidade surda e que perdurou muitos anos foi o da língua falada (QUADROS, 2007).

De certo, as línguas de sinais são recentes e têm ganhado força que extrapolam as comunidades surdas, mas ainda é preciso muitas pesquisas, estudos e também muita luta social para que de fato as línguas visuoespaciais alcancem poder e possam ser consideradas línguas de prestígios, tendo seus usos respeitados tanto em espaços educacionais, como em toda a sociedade.

2.3 As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia

2.3.1 Léxico e lexicologia

Os estudos sobre o léxico dividem-se em três partes que são a lexicologia, a lexicografia e a terminologia. A lexicologia está relacionada aos sentidos e relações com o mundo; a lexicografia vincula-se à elaboração, pesquisa e registo em dicionários e a terminologia está ligada aos estudos dos termos técnicos-científicos (BIDERMAN, 2001).

Tradicionalmente, a definição de léxico refere-se a um conjunto de palavras de uma língua, o que, segundo Rey (1984) inclui a maior parte dos morfemas livres e todas as unidades codificadas de vários morfemas, no caso, as várias palavras derivadas e compostas. Várias lexias.

O léxico é um elemento que ocupa um lugar importante nas línguas. É considerado um ponto relevante e complexo nos estudos linguísticos e seus desdobramentos se encaminham para a percepção de várias possibilidades de abordagens. Tais possibilidades podem estar relacionada à heterogeneidade da palavra, ou as diversidades de campos gramaticais, linguísticos e discursivos que a elas se encadeiam ou se desarticulam. É por conta da intercepção a que estudos do léxico aferem, que parte deste estudo como a morfologia, por exemplo, pode diferir de elementos da gramática ou linguística e acentuar componentes formais, semânticos, etimológicos entre outras referências que vinculam as palavras. (Krieger, 2006).

Conceituar léxico pode variar conforme as escolhas de teorias bem como às várias possibilidades de utilização das unidades lexicais de um idioma. O léxico pode imergir a

campos de conhecimentos que optam por copilar unidades lexicais de um determinado viés, como ocorre na lexicografia, cuja função é registrar as unidades lexicais em dicionários.

É a partir do léxico de uma língua que se torna possível registrar o conhecimento do universo. Classificam-se seres e objetos, quando se dá nome a eles. A primeira etapa no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo é a nomeação da realidade. O mundo que nos cerca foi estruturado a partir das rotulações de entidades discriminadas, os objetos foram sendo reunidos em grupos e identificados em semelhanças ou em traços distintivos que os individualizaram. (BIDERMAN, 1998)

É possível considerar léxico, uma associação abstrata adquirida por um acúmulo de palavras. É um repositório das unidades lexicais, adquiridas ou repassadas de comunidade linguística para comunidade linguística. Cada língua possui um repertório lexical diversificado e geralmente extenso, o qual está sempre em movimento. As línguas são vivas e flexíveis, portanto, passíveis de mudanças, inserções ou diminuição de novas palavras a seu léxico.

Ainda, léxico pode ser considerado como um acervo vocabular o qual falantes usam para nomear a existência de elementos em uma dada sociedade. Não é possível nomear quaisquer objetos ou emitir quaisquer ideias sem usar do léxico, pois este registra todo o conhecimento que existe no universo (BIDERMAN, 2006). É importante perceber também que cada falante tem um léxico mental que depende de estímulos lexicais a que é exposto, o que será variável por conta de experiências linguísticas individuais, experiências de leitura, de interação com a língua, interação com a escrita, do ato de falar, perceber, ouvir, ver. (Villalva, 2014-grifo nosso)

De certo, é importante perceber que o léxico absorve informações de vários caminhos, como da fonética, da fonologia, semântica, morfologia, sintaxe e pragmática e é tão rico e dinâmico que é difícil, mesmo para os melhores linguistas, enumerá-los.

Quando um nome é socialmente aceito, inicia-se seu processo de nomeação, o qual dá origem ao léxico da língua. Pode-se dizer que ao processo de nomear, estão imbricadas questões culturais de uma determinada língua, pois ao intitular um objeto ou outro significante ao nome, faz-se por meio de sua existência em um determinado meio. O léxico pode ser considerado um subsistema da língua que melhor demonstra traços culturais de uma comunidade linguística.

Para Pinto, (2012) as características do léxico mais contundentes são sua extensão e seu carácter aberto, além de sua natureza heterogênea, irregular, chegando a ser caótica. Em sua tese, intitulada: *Sinonímia, Polissemia, Homonímia em Manuais, Gramáticas e Dicionários Escolares para o Desenvolvimento da Competência Lexical* – a autora afirma a importância para os estudos do léxico e evidencia que apesar de o léxico ser um dos primeiros vetores de informação, seu ensino e aprendizagem tem sido negligenciado.

É necessário saber a diferença entre palavra, lexia e vocabulário, pois ainda são entendidos por muitos como sinônimos. O termo palavra, explicado por Biderman (1996) é operacional em se tratando de elemento da linguagem comum ou em uso não específico, pois qualquer falante consegue identificá-la e/ou designá-la sem quaisquer problemas. Porém, quando se trata de identificar as unidades léxicas da língua, o uso do termo palavra se torna inadequado. Para Abbade, (2011) palavra é um termo genérico que faz parte do vocabulário usado por falantes.

Vocabulário pode ser entendido como um subconjunto de palavras que um determinado grupo de falantes faz uso em uma determinada situação. E lexia não pode ser considerada sinônimo de palavra, como já mencionado anteriormente, pois lexia é uma palavra com significado social, quer dizer, uma unidade significativa do léxico.

Para melhor entender o conceito de lexia e sua distinção entre palavra e vocábulo, percebamos que palavra é uma unidade significativa, porém, sua significação pode ser além de lexemática, morfemática, quer dizer, pode também ser gramatical. Já à lexia não comporta significação gramatical ou morfemática, apenas significação lexemática, isto quer dizer que em uma frase como “a cadeira é horrorosa”, observa-se quatro palavras, mas apenas duas lexias. Cadeira e horrorosa são exemplos de lexias com função referencial ou lexical, enquanto o artigo “a” e o verbo de ligação “é” além da função referencial carrega função gramatical. Portanto, os artigos, as preposições, as conjunções são exemplos de palavras gramaticais ou morfemáticas estudadas na gramática e estão em menor quantidade, enquanto, as lexias ou palavras lexemáticas/referenciais são a maior parte do léxico de uma língua, geralmente organizadas em dicionários. (ABBADE, 2011)

A lexicologia é a ciência que estuda o léxico e sua organização sob vários pontos de vista. Para Biderman, (2001 p. 16) “Basicamente, a Lexicologia é definida como ciência que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.” Cabe lexicologia explicar cientificamente os léxicos e suas significações. A tarefa da Lexicologia é investigar a organização interna do léxico, além de estudar e classificar palavras, suas categorizações léxico-gramaticais, as análises das suas complexas conceituações, que ainda podem servir de base para a lexicografia. (BIDERMAN, 2001)

2.3.2 Lexicografia

As práticas correntes de consulta dicionários dos mais variados tipos, têm sido parte do cotidiano de usuários de uma língua. Para a cultura ocidental, os dicionários de línguas têm se

constituído como “um dos principais instrumentos de descrição, prescrição, decodificação e legitimação do modelo idealizado de uma língua correta” BAGNO (2011, p.119)

A Lexicografia é compreendida como a ciência que estuda a teoria e a prática de elaboração de dicionários. Refere-se a duas atividades distintas e conseqüentemente a produtos diferentes. São subáreas designadas por dois termos: lexicografia prática, considerada uma ciência ou prática e até mesmo uma arte, tendo como atividade a elaboração de dicionários e como produto, os próprios dicionários e a lexicografia teórica, chamada de metalexicografia, a qual, estuda tudo sobre dicionários e tem como produto, o próprio conhecimento adquirido e divulgado, (WELKER, 2008).

Krieger (2006) em seus estudos “Lexicografia: o léxico no dicionário” afirma que a tarefa da lexicografia é estudar as unidades lexicais com fins aplicados, isto é, identificar e estabelecer léxicos e subléxicos de uma determinada língua e organizar em dicionários. A autora mostra a diferença entre lexicografia e terminologia: a primeira, se ocupa do conjunto geral das palavras, enquanto a segunda, tem como objeto central de seus estudos, termos técnico-científicos. Esta não é uma separação rígida, já que na prática, a integração entre ciência e tecnologia é uma realidade cotidiana, uma sofre influência de outra.

O conceito de Lexicografia como ciência que estuda a teoria e a prática de elaboração de dicionários é tomado aqui como forma de contribuir com nossa proposta de glossário estruturada a partir de pesquisas e criação de léxicos.

2.3.3 Obras lexicográficas em libras

Nascimento, (2016) tomando Zwitterlood (2010) pesquisador da Língua de sinais Holandesa, elenca quatro desafios da Lexicografia das línguas visuoespaciais: O primeiro é não haver uma ortografia para as Línguas de Sinais, mesmo que várias propostas estejam em voga, ainda não há aceitação total de nenhuma. Outro desafio citado é que na grande maioria dos países existem poucas fontes de sinais, as quais podem ser deduzidas e calculados os significados e características gramaticais. A terceira evidência é a afirmação sobre a diferença entre línguas de sinais (LS) e orais, observando que as LS têm estrutura complexa para uma determinada palavra falada ou vice-versa, ocasionando ausência de sinal ou de palavra entre uma e outra língua e dificultando sua tradução. Como evidência última, o pesquisador menciona ainda, questões de inadequação de compilação inadequada por lexicógrafos.

De toda forma, desde o século XIX existe a preocupação de construir trabalhos lexicográficos das Línguas de Sinais Brasileira. A primeira obra que surgiu no Brasil, a qual

foi considerada dicionário de língua de sinais foi o “Iconographia dos signaes dos surdos-mudos”. Esta obra foi produzida e impressa no Brasil no ano de 1875 por Flausino José da Costa Gama, ainda quando aluno do Imperial Instituto dos Surdos Mudos, hoje, o INES. O estudante era surdo e sua produção utilizou a litografia, uma técnica de gravura bastante usada no país no século XIX. O dicionário reuniu 382 verbetes com ilustração, classificação indexadas semanticamente e estampas com descrição verbal referentes aos verbetes. (SOFIATO, 2011)

Estudos relatam que o dicionário de Flausino foi baseado em uma obra francesa de autoria de Pierre Pélissier, professor do Instituto de Paris. Mas segundo Sofiato (2011) em sua tese intitulada: “Do desenho à litografia: a origem da Língua Brasileira de Sinais”, os sinais propostos na obra de Flausino são os mesmos estampados no dicionário do surdo francês. Não há uma mistura ou adequação. Flausino teria empregado sinais franceses como se fossem brasileiros. Os verbetes, a forma de indexar o léxico e a constituição das imagens são idênticas à de Pélissier. Não aconteceu uma mistura da língua francesa de sinais com a língua brasileira existente naquela época, também não ocorreram pesquisas para a elaboração do material. Segundo a autora, o que ocorreu foi uma cópia da obra francesa e a tradução dos verbetes para a Língua Portuguesa. Como no país não havia nenhum dicionário de língua de sinais, os sinais franceses catalogados foram aceitos e é a partir da organização de Flausino que temos, então, no Brasil, o primeiro registro de sinais. (Sofiato, 2011)

Em pesquisa, Sofiato (2011) faz um comparativo da obra de Flausino da Gama e Pierre Pélissier. Segue:

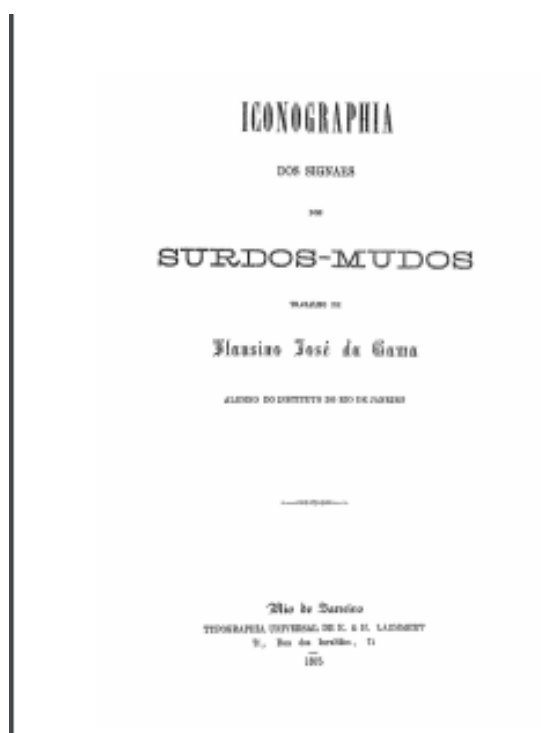
Figura 1 - Capa do Iconographe des Signes de Pierre Pélissier



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

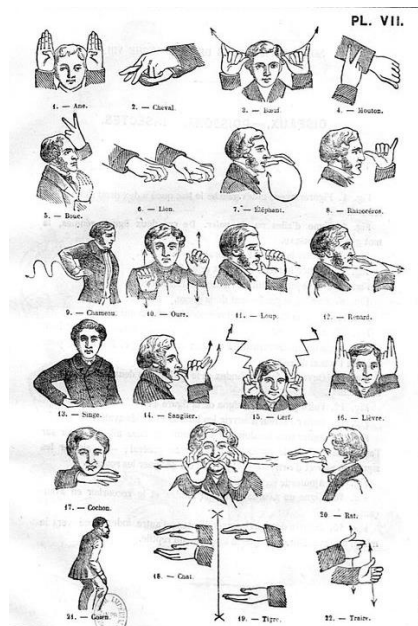
Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k131991f#> Acessado em 05 de fevereiro de 2021

Figura 2 - Capa do Iconographie des Signes de Flausino José da Gama



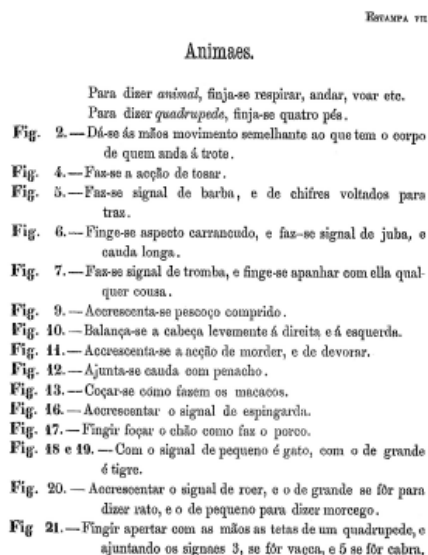
Fonte: Sofiato, 2011. Acessado em 05 de fev. 2021

Figura 3 - Prancha de Pierre Pélissier. L'Enseignement Primaire des Sourds Muets Mis a La Portée de Tout Le Monde Avec Une Iconographie des Signes-1856



Fonte: Sofiato, 2011. Acessado em 05 de fev. 2021

Figura 4 - Obra restaurada de Flausino José da Costa Gama



Fonte: Sofiato, 2011. Acessado em 05 de fev. 2021

Quase um século depois da obra de Flausino ser publicada, o trabalho de lexicografia de Libras é retomado pelo missionário americano que prestou serviços ao Instituto Nacional de Educação aos Surdos, Padre Eugênio Oates. Em 1969, Oates publica em forma impressa

“Linguagem das mãos”, um apanhado contendo 1258 gestos e mímica. Esta obra teve grande influência da Língua de Sinais Americana – ASL. Por décadas, este material didático foi usado por instrutores surdos no ensino de sinais da Libras. (FELIPE, 2000).

2.3.4 Terminologia

A terminologia surge pela necessidade de comunicação entre pessoas e pela necessidade de denominar conceitos de diferentes campos de conhecimento especializado. Quando compreendida como léxico dos saberes técnicos e científicos, a terminologia é considerada uma prática antiga; já os estudos sobre o componente lexical das comunicações especializadas são considerados recentes, tendo seu início em meados do século XX (KRIEGER E FINATTO, 2018,)

A organização conceitual de uma especialidade tem na terminologia seu reflexo formal. Especialistas como Cabré (2005), atestam que, para além desta afirmativa, a terminologia é um meio infalível de expressão e comunicação profissional.

Não é de hoje que termos técnicos ou específicos de determinadas áreas são utilizados em nossa sociedade. É sabido de registros terminológicos desde 2600 a.C., quando sumérios grafavam em tijolos de argila, termos específicos de profissões, gado, objetos comuns e divindades. (BARROS, 2004). A civilização oriental desde a idade média, já produzia trabalhos com denominação de plantas e doenças e de órgãos do corpo humano, mas é a partir do Renascimento que esta produção se intensifica.

O surgimento da terminologia parece situar-se “[...] desde o momento em que as línguas são organizadas em gramáticas e dicionários. (Flaulstich, 1997, P. 71) e se consolida com o avanço de estudos que classificam e categorizam os termos de áreas como da Química, Botânica e Zoologia, as quais surgem pelas necessidades de investigação científica. Isto se dá desde o século XVI, quando estudos se preocupam em organizar termos especializados e reconhecidos cientificamente de forma concisa.

O reconhecimento formal da existência de termos técnico científicos das áreas de conhecimento especializado tem sua ocorrência por volta do século XVII, quando surgem na Europa, alguns dicionários clássicos, no caso, quando cientistas de várias áreas começam a se preocupar em denominar conceitos em suas áreas específicas de estudos. (KRIEGER e FINATTO, 2018)

É importante perceber os significados de “Terminologia”. Ao menos dois diferentes conceitos podem ser descritos, além do conceito que a considera uma disciplina. O termo faz

referência a uma prática que trabalha com métodos de descrição de línguas em especialidades além de ser percebida como um conjunto de termo resultante desta prática, pertencente a um grupo social ou uma atividade humana, por exemplo. Souza e Lima, (2014) comentam e elucidam tais proposições:

Em uma primeira acepção, a Terminologia refere-se simplesmente ao uso e estudo de termos, isto é, propõe-se a descrever as palavras simples e compostas que são geralmente usadas em contextos específicos. Já em uma segunda acepção, em sentido estrito, a Terminologia refere-se a uma disciplina científica que estuda sistematicamente a rotulação e a designação de conceitos de diversos campos dos saberes relativos às atividades humanas, ou seja, estuda os termos e os conceitos empregados nas línguas de especialidade. Seu objetivo é pesquisar, documentar e promover o uso correto dos termos. (Souza e Lima, 2014, p. 75)

Por conta da polissemia dada à palavra terminologia, alguns autores diferenciam sua escrita com inicial minúscula para referir-se a um conjunto de práticas ou termos de um determinado domínio e com inicial maiúscula quando se referir ao campo teórico ou disciplina.

Os distintos ambientes comunicativos pelos quais circulam a terminologia comprovam as suas duas funções prioritárias: de aprimorar conhecimentos técnico-científicos e de transferir sua existência de forma precisa. De certo, as terminologias também são parte dos componentes basilares dos sistemas linguísticos, assim como das interações comunicativas dentro das ciências, das tecnologias e de trabalhos técnico e especializados.

Introduzida por Eugen Wüster (1898-1977), que intencionava padronizar a utilização de termos técnicos científicos para uma uniformização comunicacional á nível internacional, a terminologia se posiciona na Universidade de Viena em 1972, como disciplina, mas extrapola o status de disciplina para coexistir juntamente com o desenvolvimento teórico e com as análises descritivas ou mais precisamente, as aplicações terminológicas, como são os dicionários técnico-científicos, os glossários, os bancos de dados terminológicos e os sistemas de reconhecimento automático de terminologia. (KRIEGER E FINATTO, 2018). A proposta feita por Wüster (1931) a partir de seus estudos sobre terminologia, aponta para três significados:

i) em primeiro lugar, terminologia é o sistema de conceitos próprios a um domínio especializado e de suas denominações; é, pode-se dizer, um conjunto de termos com suas significações; ii) o segundo sentido principal de —terminologia é o da teoria da terminologia, em uma dada língua, de um domínio especializado, ou, se quiser, lexicologia especializada desse domínio; iii) o terceiro significado que o autor atribui à terminologia é o de teoria geral da terminologia, ao considerar que, por abstração, encontram-se em terminologia princípios comuns que são gerais a domínios variados em diversas línguas (FLAULSTICH, 2001, p.13).

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) foi desenvolvida por Wüster a partir de uma série de estudos e de sua tese de doutorado: “Normalização Internacional na Técnica, especialmente na Eletrotécnica”. Por conta disso, Wüster é considerado o pai da terminologia moderna, concebendo-a como disciplina autônoma e caracterizando-a pela sua multidisciplinaridade. Também vai justificar a necessidade de troca com vários conhecimentos, como das áreas linguística, cognitiva, lógica, ontológica e das ciências da informação, para apreender a natureza que constitui um termo técnico-científico. Além de entender como necessária a troca de experiências com áreas como a física, engenharia elétrica e a economia. (KRIEGER E FINATTO, 2018)

Nestas perspectivas, o diálogo entre as áreas é uma evidência de que a terminologia forma, por natureza, a expressão de um conhecimento científico, tendo os termos, conceitos e representações de fenômenos de diversas áreas específicas. Todavia, a necessidade de diálogo entre especialistas se constitui relevante para o desenvolvimento explicativo de conceituação dos termos.

Pela necessidade de facilitar a cooperação internacional e resolver problemas linguísticos de comunicação para evitar sinonímias e variações, iniciam políticas de organismos normalizadores, como o Comitê 37, Terminologia: princípios e coordenação da Organização Internacional de Normalização, ISO. (Krieger e Finatto, 2018) Tal proposição pode ser considerada uma tentativa de interferir no uso dos vocabulários especializados e normalizar os usos de estruturas terminológicas. Os organismos normalizadores tendenciam padronizar o léxico. Alguns autores desaprovam esta tentativa chamando a atenção para a interferência no uso dos vocabulários especializados. Krieger e Finatto, (2018) explicitam seus posicionamentos quanto a esta questão: “Trata-se de tentativas de manejo e controle de vocabulários, as quais dependem, em muito, de fatores culturais.” (p. 291)

Os limites percebidos na TGT têm relação com o fato de este modelo propor as questões terminológicas fora do universo da linguagem. A ideia de construir termos ideais e homogêneos, isentando-os das ambiguidades ou polissemias, vão de encontro às expressões próprias das comunicações, não há como pretender engessar termos quando as línguas são vivas e cheias de variações. É com o viés deste pensamento que Cabré (2005) tece a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

A Teoria Comunicativa da Terminologia não nega a importância da TGT, mas segue a proposta de perceber os termos como unidades linguísticas e enfatizar a língua como instrumento de comunicação, além de considerar os termos como unidades de forma e conteúdo que dependendo das condições discursivas, podem adquirir valor especializado. (CABRÉ,

2005)

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) proposta por Cabré (2005) vai considerar os termos como unidades linguísticas com aspectos linguísticos, cognitivos e sociais. A TCT propõe princípios teórico-metodológicos assertivos para descrever e analisar unidades lexicais de teor especializado. Uma das bases desta teoria está em perceber a Terminologia como uma matéria de caráter interdisciplinar, integrando-se aos fundamentos procedentes das ciências da linguagem, das ciências da cognição e das ciências sociais, e por integrar tais aspectos é que foi nomeada como poliédrica e inserida em um princípio intitulado: princípio da poliedricidade. (CABRÉ, 2005).

O desenvolvimento da ciência caminha junto com o desenvolvimento de sua terminologia. O envolvimento da descrição neológica com terminologia de uma língua é mencionado por Martins (2008) a qual vai afirmar que “a maior parte dos neologismos criados da língua constituem termos das línguas de especialidade” (p. 42) devido às áreas do conhecimento precisar nomear conceitos para novos termos criados. Dentro desta perspectiva, afirma-se a necessidade de construção de glossários que traduzam as expressões das diferentes áreas de conhecimento. Visto que este também é o objetivo deste estudo, o qual se propõe além de pesquisar a existência de termos específicos das áreas agrárias em Libras, criar termos faltosos (neologismos) e organizar tais termos em um glossário bilingue.

2.3.5 Glossários

Há diversas concepções do que seja glossário em Lexicografia. Faulstich (2010, p.178) conceitua glossário como um “conjunto de termos normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não o contexto de ocorrência do termo”. Glossário é um documento terminográfico objetivo, destinado a usuários que procuram informações lexicais e semânticas específicas. Capovilla (2017, p.1400) conceitua glossário como “[...] uma lista alfabética de termos de um determinado domínio de conhecimento com a definição destes termos.” O autor complementa que nos glossários contêm explicações de conceitos relevantes de um determinado campo de estudo ou ação.

Os glossários são criados para dar acesso rápido e fácil à definição e conceito de termos, relacionados à determinada palavra ou sinal, além de contribuírem significativamente para suprir a falta de sinais de determinados termos de campos linguísticos específicos.

É necessário distinguir um dicionário terminológico de um glossário. Faulstich (2010)

afirma que para as áreas de especialidades pode haver glossários ou dicionários de Terminologia. A autora evidencia que o Dicionário de terminologia é o dicionário que apresenta a terminologia de uma ou de várias áreas científicas ou de áreas técnicas. Enquanto o glossário apresenta um conjunto de termos de uma área, normalmente, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não o contexto de ocorrência do termo. O que irá distinguir dicionário terminológico de glossário é a quantidade de termos presentes na obra. Enquanto o dicionário compila uma grande quantidade de termos, o glossário organiza quantidade menor. (FAULSTICH, 2010)

Existem diferentes formas de organizar um glossário em Libras. Faria Nascimento (2009) analisa e avalia 49 repertórios lexicográficos, perpassando pelas macroestruturas, microestruturas, estratégias e análises utilizadas para as organizações, como é o caso das entradas, por exemplo.

Tuxi (2017) diferencia Microestrutura de Macroestrutura de um dicionário ou glossário. Macroestrutura caracteriza-se pelas referências de pesquisa da obra, como, por exemplo, o prefácio, a introdução e as especificações da ficha catalográfica. Acrescenta-se à Macroestrutura o número de entradas. Já a microestrutura contém as informações do verbete, inclusive, o significado do termo. Fausltich (2010, p.169) afirma que “A microestrutura é formada pelo conjunto de informações que compõem o verbete, é de fato o verbete na sua totalidade, constituído pela metalinguagem de que se provê a palavra-entrada” Os itens que compõem a microestrutura, ainda segundo Faulstich são: termoentrada, categoria gramatical, gênero, sinônimo, área do conhecimento ou domínio, definição, fonte da definição, contexto, fonte do contexto, remissiva, nota, equivalente, autora, redatora e data.

Faria Nascimento (2009) explica as possibilidades para organização quanto às entradas de glossários, salientando critérios onomasiológicos, semasiológicos e paramétricos. Para a organização de entradas dos glossários em LSB, a autora aponta o caminho da organização onomasiológica, a qual inclui repertórios organizados por temas ou grupos semânticos, os quais partem dos significados, com expressões linguísticas marcantes, para se chegar aos significantes. Mas afirma que grande parte dos repertórios lexicográficos costumam ser organizados usando critérios semasiológicos, os quais partem dos significantes para os significados.

Pode-se inferir, portanto, a partir de todos esses conceitos, a importância de se compreender os fundamentos que geram e proporcionam a organização de um glossário e o quanto estes são importantes na contribuição de pesquisas das mais diversas áreas investigativas. Os glossários auxiliam durante a coleta e análise de dados, além de contribuírem

na interpretação desses, logo, um investigador não se valerá apenas da identificação de um termo, o que permite inferir que é um documento vivo e passível de modificações dependendo de contextos de produção de sentidos e adaptáveis a diferentes períodos no decorrer da História.

2.4 Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais – libras

O sinal em Libras é um item lexical que tem sido considerado correspondente à palavra das línguas orais. É formado a partir da combinação de uma determinada forma que as mãos assumem, chamadas de Configuração de Mãos (CMs), articulada em um determinado local: Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L) e tendo ou não Movimentos (M). Os sinais são capazes de expressar um significado próprio e pré-determinado dentro das línguas visuoespaciais. Ferreira Brito, (1995) em suas primeiras pesquisas sobre a linguística da Libras, afirmou que as Configurações de mãos, os Pontos de Localização e os Movimentos podem ser comparados aos fonemas pelo fato de distinguirem significados. Esses elementos foram os primeiros parâmetros estudados na ASL na década de 1960 por Stokoe. A Orientação da Palma da mão (OP) e as Expressões Não Manuais, (ENM) que podem ser facial e/ou corporal foram incorporados à gramática das línguas de sinais após esses primeiros estudos, a partir de pesquisas de Battson na década de 1980. Além dos sinais, ainda como recurso linguístico, existem os classificadores (CL), estes auxiliam na construção da estrutura sintática da língua. Todos esses elementos dão às línguas de sinais, a complexidade e expressividade tal qual qualquer língua oral possui, pois “apresentam o mesmo tipo de princípios organizacionais e parâmetros que forma a gramática das línguas” (Quadros, 1997, p. 49).

A Libras, ao contrário do que muitos pensam, não é mímica e nem se configura como pantomima (gesto), é uma língua que se insere em modalidades que diferem das línguas orais, pois usa o espaço e a visão, sendo pois, considerada uma língua espaço-visual e não oral-auditiva. São línguas naturais, por nascerem da necessidade de comunicação e da capacidade de linguagem dos seres humanos, além de terem surgido “[...] da mesma forma das línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações” (QUADROS, 1997, p.47).

O primeiro estudioso a analisar as línguas de sinais a partir da ASL – Língua de Sinais Americana, foi William Stokoe em 1960, constatou que os sinais não eram imagens e sim símbolos abstratos complexos com uma complexa estrutura interior. Sua pesquisa comprovou que tais línguas visuais, atendiam a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, na

sintaxe, na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças, na existência de um léxico (conjunto de símbolos convencionais) e de uma gramática (um conjunto de regras que rege o uso desses símbolos). (QUADROS, 2004). A partir destes estudos, as línguas de sinais passaram a ser consideradas línguas de fato.

Stokoe (1960) estudou um esquema linguístico estrutural para analisar a formação dos sinais e propôs a decomposição de sinais na ASL em três principais aspectos ou parâmetros que não carregam significados isoladamente (QUADROS, 2004). Os seus estudos apresentaram uma análise no nível fonológico e morfológico, a qual percebe a estrutura linguística dos sinais em uma combinação de três categorias sem significado: configuração de mão, locação da mão ou ponto de articulação e movimento.

Stokoe foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, analisar os sinais, dissecá-los e pesquisar por suas partes constituintes. Comprovou, inicialmente que cada sinal apresentava pelo menos três partes independentes (em analogia com os fonemas da fala) – a localização, a configuração de mãos e o movimento – e que cada parte possuía um número limitado de combinações (QUADROS, 2004, p. 30/31)

A partir destes estudos foi possível mostrar que a ASL apresenta a dupla articulação, uma das características fundamentais das línguas humanas que se constitui de um lado por apresentar morfemas, palavras, sintagmas e sentenças e por outro, por apresentar um nível sem significado, como são as configurações de mãos, as locações, os movimentos, separadamente.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação, por exemplo, a flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão de organização dos elementos, e dependência estrutural. Também é considerada uma língua genuína porque, tal como todas as outras línguas de sinais, está composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como fonologia, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe, preenchendo assim, todos os requisitos científicos para ser considerada instrumento linguístico de poder e força e se configura apresentando elementos significativos para a confirmação dos princípios que regem as línguas humanas. Logo, conclui-se que tais características são específicas da faculdade da linguagem humana.

Os sinais são compostos por elementos menores e se separados não possuem significados, contudo, tais elementos são bastante relevantes linguisticamente, pois quando combinados uns com os outros, formam um todo com significação. Os parâmetros propostos na ASL foram estudados em outras línguas de sinais. No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, teve

Ferreira Brito, (1995) como primeira pesquisadora da linguística desta língua.

2.4.1 O parâmetro configuração de mão – (cm)

As configurações de mãos (CMs) começam a ser formadas no Brasil, a partir de estudos e dados coletados nas principais capitais brasileiras. A configuração de mão representa a forma que a mão assume para a realização de um sinal, podendo ser diferenciada pela extensão (lugar e número de dedos estendidos), pela contração (mão fechada, mão aberta) podendo variar pelo contato ou contraste dos dedos. Ferreira Brito (1995) apresenta 46³ Configurações de Mãos dispostos em um quadro de 19 grupos organizados por semelhanças de CM. O conjunto de CMs a seguir é referente aos primeiros estudos linguísticos da Libras no Brasil, proposto por Ferreira Brito em 1995:

Figura 5 - Tabela de configuração de mãos

1  [B]	2  [A]	3  [G]	4  [C]	5  [S]	6  [V]	
 [b]	 [a]	 [g ₁]	 [c]	 [s ₁]	 [v]	
 [b ₂]	 [a ₂]	 [g ₂]		 [s ₂]		
 [b ₃]	 [a ₃]	 [g ₃]		 [s ₃]		
7  [O]	8  [F]	9  [X]	10  [H]	11  [J]	12  [Y]	
 [ô]	 [f ₁]		 [h ₁]	 [j ₁]	 [y ₁]	
 [bô]	 [f ₂]		 [h ₂]	 [j ₂]	 [y ₂]	
13  [a]	14  [K]	15  [I]	16  [R]	17  [W]	18  [L]	19 [E]
 [a ₁]	 [k ₁]				 [l ₁]	 [e ₁]
 [a ₂]	 [k ₂]				 [l ₂]	 [e ₂]

Fonte: FERREIRA BRITO, 1995, p. 220

^{3 3} A quantidade das CM depende das pesquisas linguísticas; algumas afirmam que são 61 (Jogo Educativo “Configuração de mãos em LSB” produto disponível na loja LSB Vídeo), outras afirmam que são 64 (jogo “Configuração de Mãos”, produto disponível no Vídeo LIBRAS), outras ainda, 75 (Nascimento, 2009), de certo, tais estudos linguísticos ainda necessitam avanços para que se eleja uma tabela de CM padrão que seja aceita e usada por todos, como são os alfabetos nas línguas orais.

Os aspectos fonológicos da Libras evidenciam as mãos como articuladores primários, desenvolvendo os movimentos no espaço e em frente ao corpo e articulando sinais em determinadas locações nesse espaço. A configuração de mãos refere-se às formas que as mãos assumem na produção dos sinais e pode ser realizada pela mão dominante (mão direita para destros) ou pelas duas mãos. No Brasil, outras Configurações de Mãos foram incluídas às propostas por Ferreira Brito (1995). Pimenta ⁴ em seus estudos irá propor 61 CMs dispostas por semelhança e ordenadas primeiramente, as CMs mais fechada e por último, as mais abertas. Segue tabela abaixo:

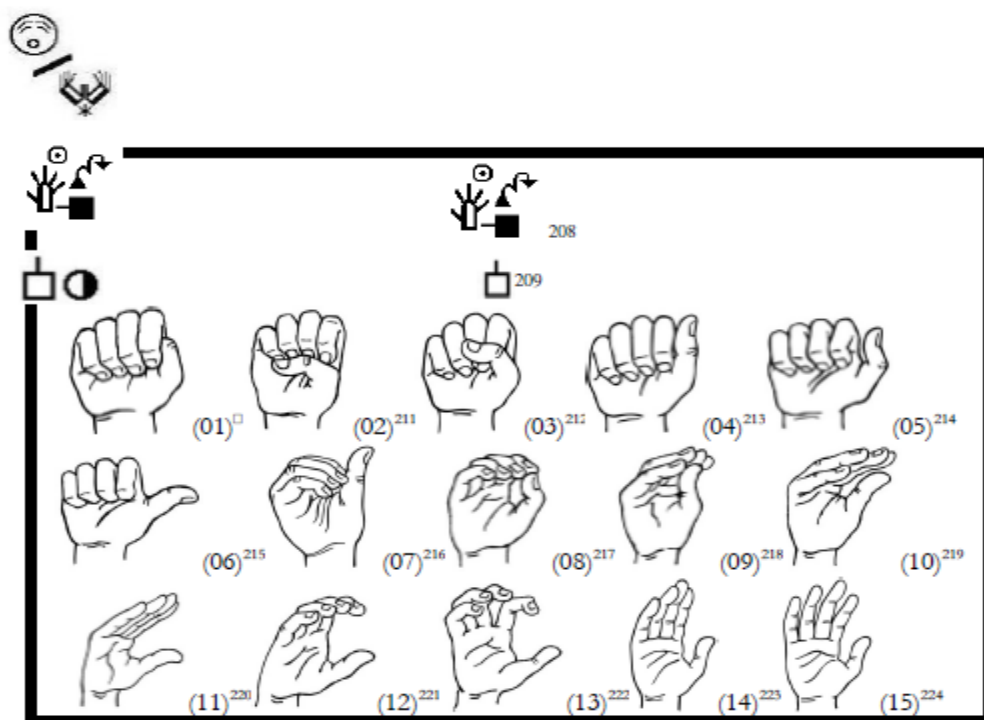
Figura 6 - CM da Libras inventariada por Pimenta



⁴ NELSON PIMENTA - De 1999 a 2013 atuou na empresa de educação LSB Vídeo, com a missão de contribuir para o fortalecimento da identidade e da cultura surda através da difusão da língua de sinais brasileira, que além de produzir material de ensino-aprendizagem em Libras, participou em importantes eventos artísticos, culturais e científicos, Participou na fundação da FENEIS na década de 1980, e vários grupos de pesquisa linguística no INES e UFRJ. Primeiro ator surdo a profissionalizar-se no Brasil, estudou na New York no National Theatre of the Deaf NTD. Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, Mestre em Estudos de Tradução, e se formou em Letras-Libras na UFSC e em cinema na Universidade Estácio de Sá. Tem certificação PROLIBRAS-MEC-UFSC como professor de nível superior e é autor/coautor de 15 livros em Libras. Tem experiência na área de Linguagem, com ênfase em Língua Brasileira de Sinais. É professor titular do Departamento de Educação Básica no INES. Informações coletadas do Lattes em 01/02/2020 e Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/3368981/nelson-pimenta-de-castro>. Acesso em 26 de Fev. 2020

Nascimento (2009) em sua Tese de Doutorado “Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica”, propõe uma sistematização de 75 CMs, a qual considera sua disposição em uma ordem seminatural (da Configuração mais fechada para a mais aberta) ordenadas a partir de critérios estabelecidos ao que chama de *continuum* das CMs. A autora justifica esta disposição pela possibilidade de auxiliar a memorização da ordenação das CMs. Por não ser possível determinar um único *continuum*, devido os (5) articuladores (dedos) se alternarem nas CMs mais abertas e mais fechadas. Quebrando o *continuum*, a proposta foi dividir as 75 CMs em grupo de 10. Seguem modelos das CMs proposta por Nascimento (2009):

Figura 7 - Grupo 1 de Configuração de Mãos



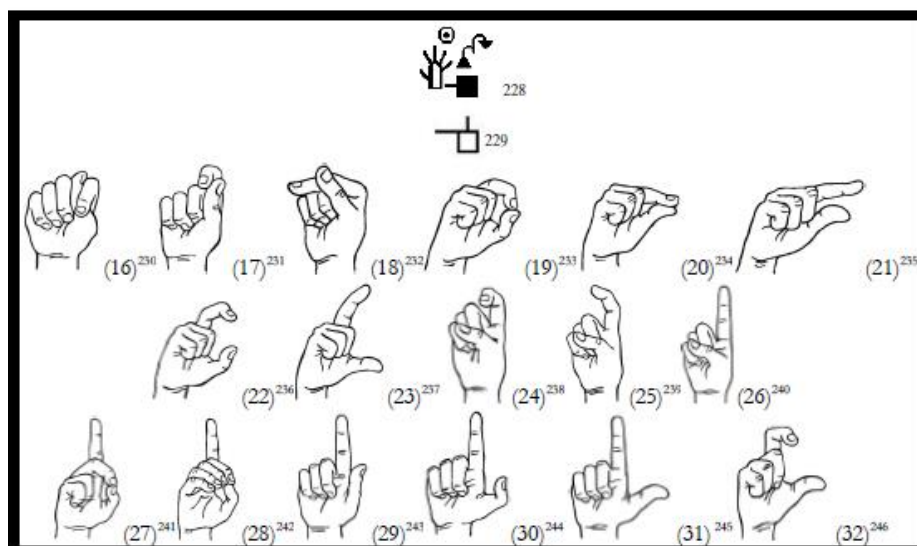
Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 177

A autora explicita as especificações da tabela, expondo um quadro com as numerações, elucidando os significados das numerações, a saber: 208 – escrita em signwriting, que significa Configuração de Mão. 209 – escrita em signwriting, significando o numeral 1; e escolhendo

⁵ Adaptado da elaboração de Nelson Pimenta “Configuração de Mãos em LSB” e publicado por LSB Vídeo. Disponível em <http://www.lsbvideo.com.br>.

exemplos de sinais para as CMs, como em 211- CM da letra E; 218 CM de BEIJAR; 224 CM de THAU e assim, expõe as exemplificações para todas as CMs, o que não replicaremos apenas algumas aqui, por acreditar não haver necessidade de dar visibilidade para todas.

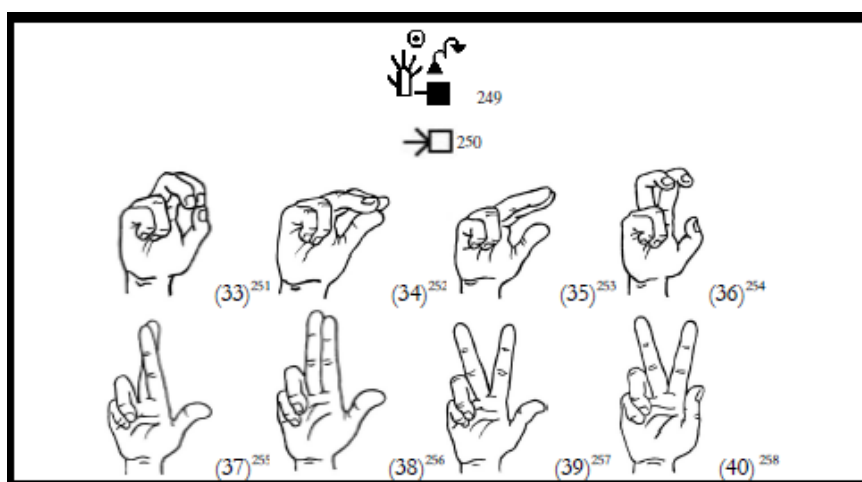
Figura 8 - Grupo 2 de Configuração de Mãos



Fonte: Nascimento, 2009, p. 178

O grupo 2 mantém a explicação na escrita em *signwriting referente, a CM e* em 228 e em 229, o numeral 12. A autora expõe a CM 235, para o sinal ESCOLHER ou 236 para CARTÃO DE CRÉDITO.

Figura 9 - Grupo 3 de Configuração de Mãos

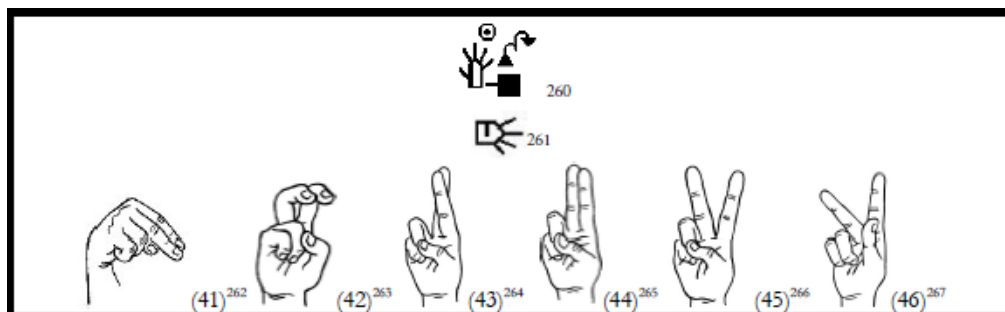


Fonte: Nascimento, 2009, p. 179

O grupo 3 continua com a escrita de sinais em 249 e com numeral 3 em 250, assim como exemplos de sinais possíveis para cada numeração, a exemplo, CM 252, inicial do sinal PATO;

e 253, final do sinal PATO; nesta catalogação, a autora exemplifica para a CM 258, o sinal de EU-AMO-VOCÊ brasileiro e afirma ter sido divulgado em 2008/2009 no curso de Licenciatura em Letras-Libras, mas não faz referência de qual Instituição ou comunidade surda o sinal foi divulgado ou mesmo em qual região este sinal é usado e/ou foi criado.

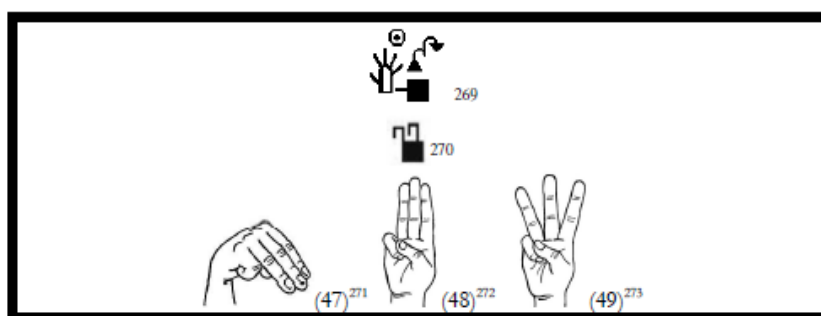
Figura 10 - Grupo 4 de Configuração de Mãos



Fonte: Nascimento, (2009) , p. 180

Para o grupo 4, a autora chama atenção para as CMs 39, 45, 46 e afirma que eventualmente funcionam como alofones ⁶ – exemplifica todas as CM, na escolha de um sinal representativo, como a 262 CM para letra ‘N’ sugere seu uso na execução do sinal NUNCA e 263 CM usada para o sinal QUINTA-FEIRA. É importante destacar que Nascimento (2009) irá escolher para todas as CMs propostas um sinal para exemplificar e que não serão aqui catalogados por não ser esse o foco desta pesquisa.

Figura 11 - Grupo 5 de Configuração de Mãos



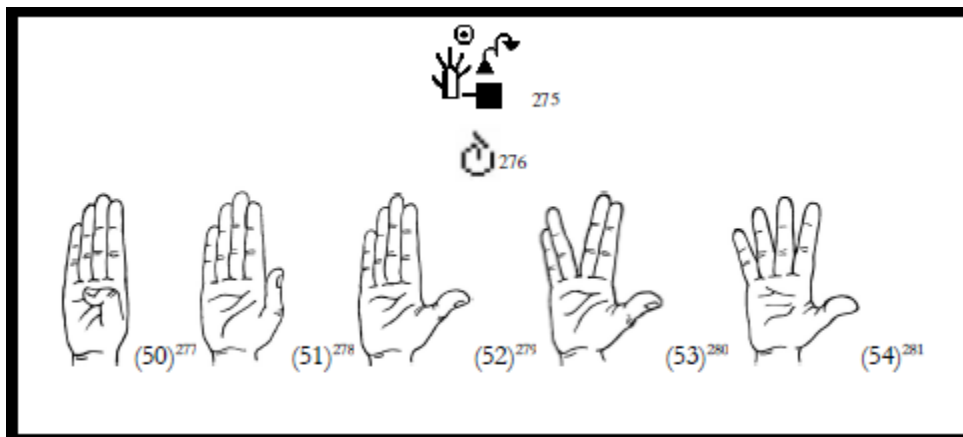
Fonte: Nascimento, 2009, p. 180

Na CM do grupo 5, a autora afirma que os número 48 e 49 podem funcionar como

⁶ Alofones são variantes fonéticas de um fonema. Exemplos de alofones na LP – realização do fonema /s/, marca de plural: ex. pretos, verdes, azuis. [S], [Z], e [z] constituem alofones ou variantes fonéticas do fonema /s/.

alofones e a numeração 271, 272, 273 são CM ‘M’ de MARANHÃO, METODOLOGIA e a 2ª CM de POWERPOINT respectivamente.

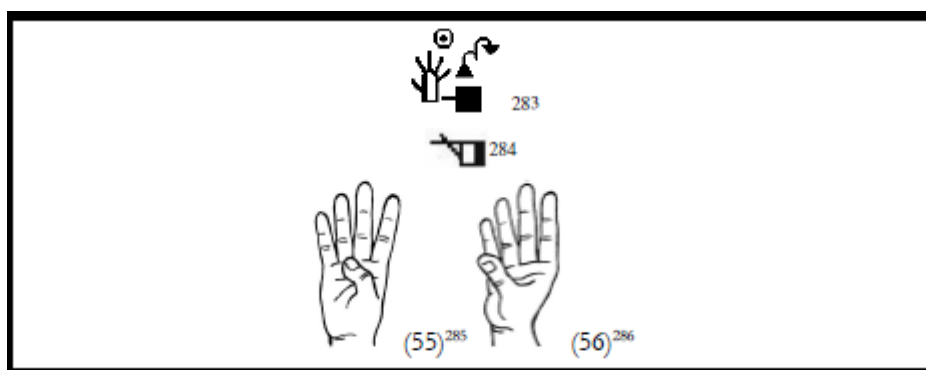
Figura 12 - Grupo 6 de Configuração de Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 181

Para o grupo 6, Nascimento (2009) faz uma comparação de CM com o grupo 1, mostrando que a CM 15 do grupo 1 pode ser alofone das CM 50,51,52 do grupo 6. Exemplifica as CM 277, 278, 279,280, 281 como Letra ‘B’, AMIGO, BÍBLIA, AMARGO, APLAUSOS, respectivamente.

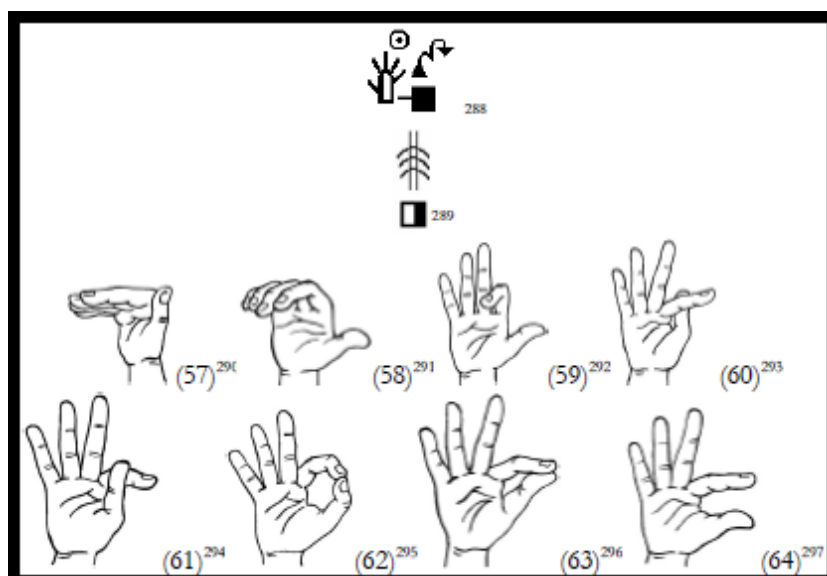
Figura 13 - Grupo 7 de Configuração de Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 181

No grupo 7 são elencados duas CMs a primeira, 285 a autora sugere o sinal de QUARTA-FEIRA e NUMERAL 4; A CM 286, CM de SUMIR, SARAR

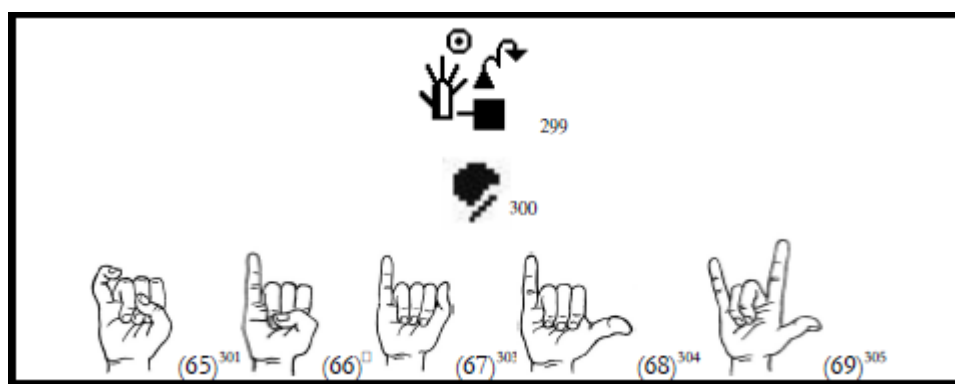
Figura 14 - Grupo 8 de Configuração de Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 182.

O grupo 8 há possíveis existências de alofonia em 57 e 58; 62 e 63; 64 desse grupo e CM 74 do grupo 10. A autora também evidencia as CMs 290,291, como exemplos de CM dos sinais: SECRETARIA, CUMPRIMENTAR. Para a CM 292, sugere um nome próprio e cita MESSIAS, (pesquisador surdo de Brasília) e para as CMs 293,294,295, 296, letra F e FEVEREIRO; letra T; DIREÇÃO DO OLHAR; SINTAXE respectivamente. Para a CM 297 a autora sugere o sinal de TEÓFILO OTONI.

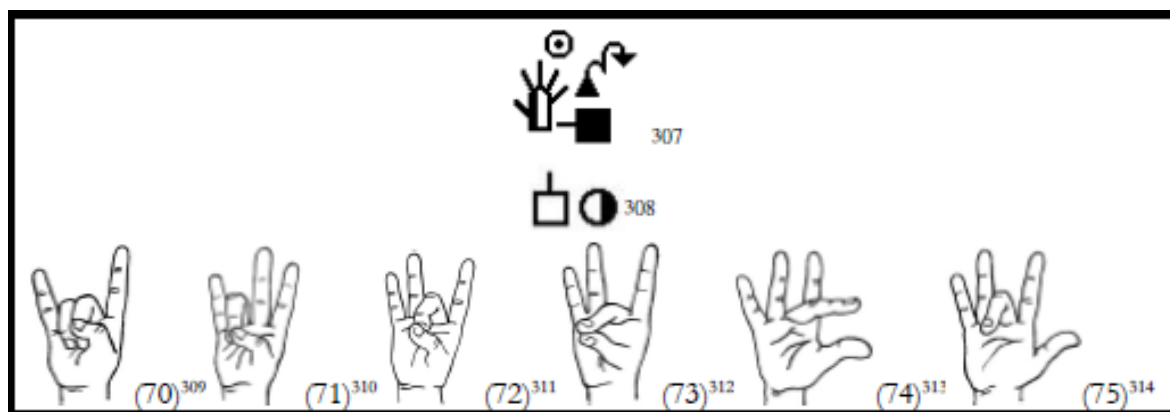
Figura 15 - Grupo 9 de Configuração de Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 183

As CM 66 e 67 são sugeridas como possíveis alofones e as exemplificações de sinais para 301, 302,303, 304 e 305 são respectivamente: AMANTE, letras “I”, “J” e APROVEITAR, letra “Y” e JANEIRO, DESCULPA, respectivamente.

Figura 16 - Grupo 10 de Configuração de Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 183

Os possíveis alofones do grupo 10 são para as CM 72 e 73 e os exemplos de sinais para 309, 310, 311, 312, 313, 314 são respectivamente: VAMPIRO, HOMOSSEXUAL (termo chulo) UNIÃO, ESPÍRITO, COLAR (CM inicial) e NAMORAR.

Este tópico apresentou várias possibilidades de CM para a Libras, a partir de alguns estudiosos. A pesquisa de Nascimento (2009) parece bastante relevante por levantar possíveis casos de alofonia. Não era o enfoque da autora pesquisar a fonologia e sim, o léxico, mas sua contribuição torna-se importante nesta área e sua proposta de CM parece ser uma das mais completas no cenário nacional. O quadro abaixo mostra as possibilidades de alofonia proposta por Nascimento (2009):

Quadro 1 - Possibilidades de alofonia em CM da LIBRAS segundo Nascimento (2009)

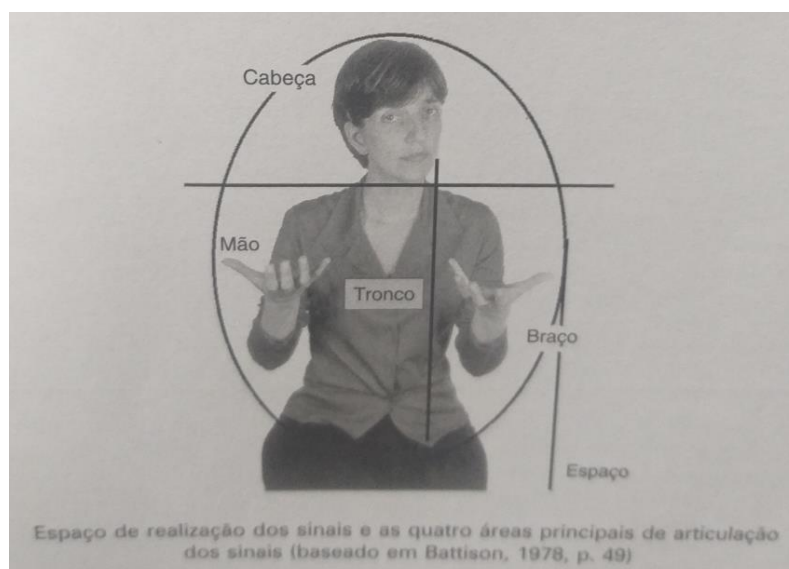
Grupo	CM e relação alofônica segundo Nascimento (2009)
Grupo 1	Alofones - CM 3 E 4 (exceto quando representam letras do alfabeto datilológico) CM 14 e 15 e CM 10 desse grupo com a CM 34 do grupo 3 também parecem ser alofones
Grupo 2	Alofones – CM 16 e 17; CM 19 e 20; CM 24,25; CM 26e 28
Grupo 3	Alofones – CM 34 e 35 fazem par com CM 9 e 11 do grupo 1
Grupo 4	Alofones eventuais – CM 39, 45 e 46
Grupo 5	Alofone – CM 48 E 49
Grupo 6	Alofone – CM 15 do grupo 1 (Quadro 2) e CM 50,51 e 52 podem ser alofones
Grupo 7	Segundo a autora, não há casos de alofonias neste grupo
Grupo 8	Alofones – CM 57 e 58; CM 62,63; CM 64 desse grupo e a CM 74 do grupo 10 podem ser alofones
Grupo 9	Alofones – CM 66 e 67
Grupo 10	Alofones - CM 72 e 73

Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 177-183

2.4.2 Ponto de articulação (PA) ou locação (l)

O ponto de articulação (PA) ou locação (L) é o local onde se articula o sinal e pode ser realizado no corpo ou no espaço em frente ao corpo. Dentro destes espaços de enunciação, pode-se determinar um número finito (limitado) de locações, sendo que algumas são mais exatas, tais como a ponta do nariz e outros são mais abrangentes, como a frente do tórax (Ferreira Brito e Langevin, 1995). Quadros e Karnopp (2004), baseadas em Battson, 1978, p.49, determinam o espaço da realização dos sinais e afirmam que o espaço de enunciação é um espaço ideal, no sentido de que se considera que os interlocutores estejam face a face. As autoras ressaltam que em uma enunciação nem sempre este espaço poderá ser o ideal, muitas vezes as distâncias dos enunciadores desfavorece a locação, mas reafirmam a importância que as locações sejam próximas das ideais.

Figura 17 - Espaço de enunciação na Língua de Sinais



Fonte: QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 57

O ponto de Articulação é um dos parâmetros mais importantes quando se trata de distinção de significados – unidade mínima. É o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Para Ferreira Brito, 1997, p.84 “[...] é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 57).

A produção dos sinais se dá a partir de quatro pontos de articulação. O quadro a seguir é uma adaptação de Friedman (1997) por Ferreira Brito e Langevin (1995), utilizada por Quadros

e Karnopp (2004) em seus estudos linguísticos:

Quadro 2 - Locação

CABEÇA	TRONCO
topo da cabeça	Pescoço
testa	Ombro
rosto	Busto
parte superior do rosto	Estômago
parte inferior do rosto	Cintura
orelha	
olhos	Braços
nariz	Braço
boca	Antebraço
bochechas	Cotovelo
MÃO	ESPAÇO NEUTRO
palma	
costas das mãos	
lado do indicador	
lado do dedo mínimo	
dedos	
ponta dos dedos	
dedo mínimo	
anular	
dedo médio	
indicador	
polegar	

Fonte: Quadros, 2004, p. 58

Os sinais podem ser produzidos nos espaços categorizados acima e podem ter ou não movimento. Quadros e Karnopp (2004) analisam este elemento e afirmam que se houver movimento de direção em um sinal, este resulta da especificação de dois subspaços e estarão ligados a uma locação principal, portanto, a hipótese é de que cada sinal tenha uma única locação principal, mesmo se houver movimento.

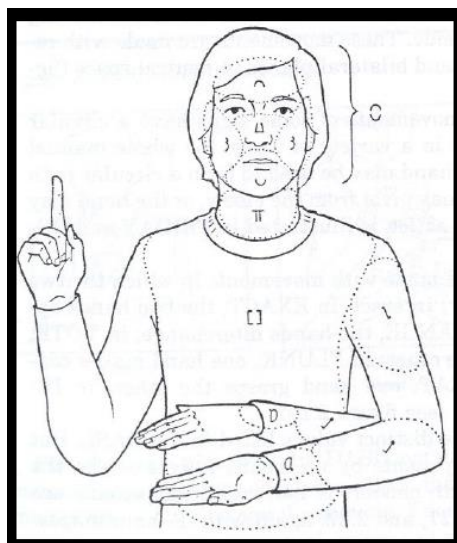
Nascimento (2009) torna evidente pesquisas sobre os Pontos de Articulação nas línguas de sinais tais como os estudos de Stokoe et al. 1976, para exemplificar os 12 locativos que o autor cataloga e a criação do código de representação linear, chamando atenção para a lógica que começa do espaço neutro e desce da cabeça ao tronco.

Figura 18 - Organização dos PAs segundo Stokoe et al, 1976

Location symbol	Stokoe's description
Ø	Zero, the neutral place where the hands move, in contrast with all places below.
○	Face or whole head
◡	Forehead or brow, upper face
◢	Mid-face, the eye and nose region
◣	Chin, lower face
◤	Cheek, temple, ear, side-face
π	Neck
[]	Trunk, body from shoulders to hips
∖	Upper arm
/	Elbow, forearm
α	Wrist, arm in supinated position (on its back)
∂	Wrist, arm in pronated position (face down)

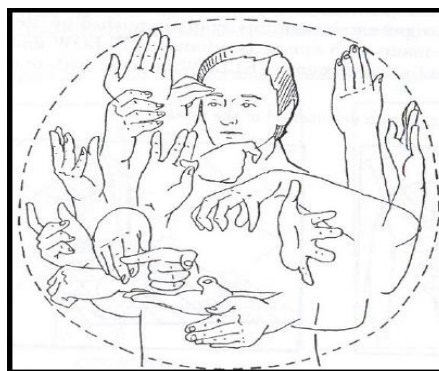
Fonte: NASCIMENTO, 2009, p.189

Figura 19 - Ponto de Articulação segundo Klima & Bellugi , (1979)



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p.190

Figura 20 - Espaço da sinalização da ASL segundo Klima & Bellugi, (1979)



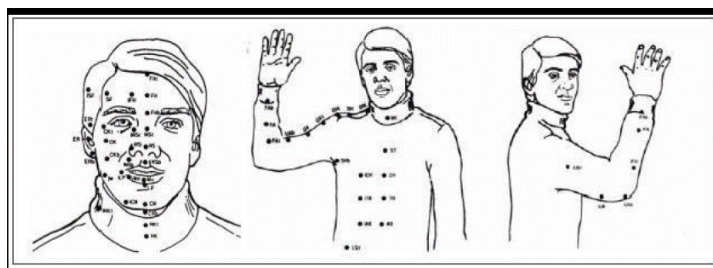
Fonte: NASCIMENTO, 2009, p.190

Nascimento (2009) observa que o espaço de sinalização a que Klima & Bellugi (1979) representam é menor que o utilizado pela Língua de Sinais Americana – ASL e como

consequência desta restrição, os PAs também ficam limitados à medida do abdômen. Esta observação é totalmente coerente quando analisamos alguns sinais da Libras que extrapolam esta limitação proposta pelas autoras acima.

Outras duas análises das oito pesquisas sobre os PAs foram catalogadas por Nascimento (2009), as quais consideramos relevantes para este estudo, são as de Linddell & Johnson (2000) e a organização de Capovilla et al (2001) e seguem respectivamente:

Figura 21 - Organização dos PAs segundo Linddell & Johnson, (2000)



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p.190.

Figura 22 - Organização dos PAs segundo Capovilla, (2001)

Local de articulação (L.A)

- | | |
|---|--|
| 01. abdome ou na região pélvica | 27. ombro(s) . |
| 02. cabeça ou na altura da cabeça | 28. pescoço |
| 03. acima da cabeça | 29. quadril(is): lado esquerdo ou direito |
| 04. laterais da cabeça | 30. tocando o dente |
| 05. tocando a cabeça | 31. diante do rosto (face) |
| 06. tocando o(s) antebraço(s) | 32. tocando a(s) lateral(is) da testa |
| 07. braço(s) | 33. olho(s) |
| 08. dobra(s) do(s) braço(s) | 34. tocando o nariz: laterais ou ponta |
| 09. parte interna do(s) braço(s) | 35. orelha(s) |
| 10. tocando a parte superior do(s) braço(s) | 36. queixo |
| 11. barriga | 37. tocando queixo |
| 12. tocando a barriga | 38. tocando língua |
| 13. bochecha(s) | 39. tocando ponta da língua |
| 14. tocando a(s) a(s) bochecha(s) | 45. lábio(s): superior ou inferior |
| 15. boca | 46. tocando o(s) lábio(s) |
| 16. laterais da boca | 48. tocando a(s) orelha(s) |
| 17. tocando a boca | 49. tocando a testa |
| 18. cintura: lado esquerdo ou direito | 50. tocando abaixo ou no canto do(s) olho(s) |
| 20. à frente ou distante do corpo | 52. tocando a(s) lateral(is) do pescoço |
| 21. lateral do corpo: esquerda ou direita | 54. tocando ou próximo ou acima do(s) ombro(s) |
| 23. tocando o peito | 55. lateral do rosto |
| 24. costas | 56. tocando nuca |
| 25. tocando cotovelo(s) | |
| 26. coxa(s): lado esquerdo ou direito | |

Fonte: NASCIMENTO, 2009, p.194

As propostas elencadas acima são tomadas como base para a pesquisa de Nascimento (2009) e a ordem para o PA a que a autora propõe se dá no sentido longitudinal do corpo: de

trás para frente e de cima para baixo e no sentido latitudinal, a ordem se dá no sentido mais próximo para o mais distante do corpo. Segue na figura 28:

Figura 23 - Sequência numérica dos PAs proposta por Nascimento, (2009)

ORDEM PARA O PARÂMETRO: PONTO DE ARTICULAÇÃO

(1) costas (parte alta) > (2) ombros > (3) pescoço (atrás) > (4) nuca > (5) cabeça (atrás) > (6) cabeça (topo) > (7) testa > (8) sobrancelha > (9) olhos > (10) orelha > (11) nariz > (12) lábio (superior) > (13) dentes > (14) língua > (15) lábio (inferior) > (16) bochecha > (17) queixo > (18) pescoço > (19) braço (externo) > (20) cotovelo > (21) antebraço (externo) > (22) pulso (externo) > (23) mão (dorso) > (24) dedos (externo) > (25) dedos (interno) > (26) mão (palma) > (27) pulso (interno) > (28) peito > (29) seios > (30) abdômen > (31) cintura > (32) região pélvica > (33) quadril > (34) coxa > (35) nádegas > (36) costas (parte baixa)

Fonte: NASCIMENTO, 2009, p.195

Figura 24 - Ordem dos PAs proposta por Nascimento, (2009)

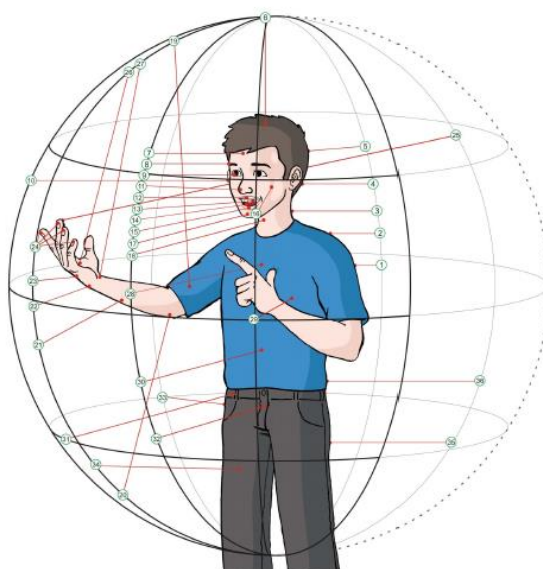


Figura 54 – Ordem para os Pontos de Articulação (proposta desta pesquisa)¹²³¹³⁴

Fonte: Nascimento, 2009, p.196

O espaço não se restringe apenas á frente do corpo ou lateral, Nascimento (2009) considera também a disposição dos braços nos espaços e a relação entre as mãos e os dedos, conforme mostra a figura 30.

Esta pesquisa tomará como base a proposta de Nascimento (2009) visto que a autora fundamenta seus estudos em pesquisas linguísticas relevantes, acrescentando pontos fundamentais para nossa investigação, além de analisar os neologismos em alguns dicionários

e propor uma organização de glossário a partir da construção lexical da Libras.

2.4.3 Movimento

É o deslocamento da(s) mão(s) em uma determinada posição na produção dos sinais. Os sinais podem ter movimento ou podem ser estático. O movimento é considerado como um parâmetro bastante complexo e envolve várias formas e direção. Ferreira Brito (1995) ainda especifica que o movimento que as mãos descrevem no espaço ou sobre o corpo pode ser em linha reta, curva, sinuosa ou circulares. São produzidos em várias direção e posição, desde movimentos internos da mão, movimentos do pulso, movimentos direcionais no espaço. Também podem ser para dentro/fora, de aproximação ou afastamento, circular, retilíneo, para os lados opostos, zigue-zague, esfregação em parte do corpo, mão tremida. As expressões faciais podem usar movimentos para determinar um sinal, como exemplo, o inflar ou sugar as bochechas, o tremer dos lábios, arquear ou contrair as sobrancelhas, cerrar os dentes, entre muitos outros. As mudanças no movimento servem para distinguir itens lexicais, como nomes e verbos. Certos movimentos indicam, também, variações em relação ao tempo dos verbos, por exemplo, na ASL, o significado do verbo FICAR EM PÉ⁷ torna-se FICAR EM PÉ POR MUITO TEMPO, caso se adicione um movimento circular a esse sinal. (Quadros e Karnopp, 2004, p.55).

Quadro 3 - Parâmetro movimento na língua de sinais brasileira segundo Ferreira Brito, 1990

Categoria do parametro moviemnto na língua de sinais brasileira (Ferreira Brito, 1990)
TIPO Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar. Torcedura do pulso: rotação, com refreamento Dobramento do pulso: para cima, para baixo Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)
DIRECIONALIDADE Direcional - Unidirecional: para cima, para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para

⁷O sistema de notação de palavras adotado por pesquisadores da língua de sinais tanto de outros países como no Brasil é representado por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúscula. Ex.: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc. (Ferreira Brito, 1997)

laterais opostas – superior direita e inferior esquerda
Não direcional
MANEIRA Qualidade, tensão e velocidade - contínuo - de retenção - refreado
FREQUENCIA Repetição - simples -repetido

Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 56

2.4.4 Orientação da mão

A orientação da mão é definida pela direção a que a palma da mão se volta ao produzir um sinal. Este estudo não foi considerado nas pesquisas de Stokoe. Quadros e Karnopp (2004) consideram as pesquisas de Battison(1974) a qual mostra a relevância de incluir a Orientação da mão como um parâmetro da fonologia das línguas de sinais com base nos pares mínimos surgidos com a variação de significados apenas com uma mudança de orientação das mãos. Em pesquisas das orientações feita por Ferreira Brito na Língua de Sinais Brasileira (1995, p. 41) é tomada abaixo como exemplificação por Quadros e Karnopp (2004), há seis tipos de orientações da palma da mão: para cima/baixo, para o corpo/frente, para a esquerda/direita:

Figura 25 - Orientação de mão



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 59-60)

2.4.5 Expressões não manuais (ENM)

Os sinais podem precisar de um complemento facial e também corporal para sua completa realização e compreensão, o que se denomina expressões não-manuais (ENM). Alguns sinais têm a expressão facial e/ou corporal, em sua configuração como traço diferenciador de significado. Tais expressões, podem ter função sintática e segundo Quadros e Karnopp (2004,

p.60) as marcações não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) apresentam-se em dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. As expressões não manuais, que têm função sintática, marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações, concordância e foco. Já as expressões constituintes de componentes lexicais, marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto.

Na língua de sinais brasileira, por exemplo, não é coerente fazer um sinal de TRISTE, por exemplo, com um sorriso esboçado no rosto, nem tampouco o contrário. A intensidade de uma expressão, como no sinal de LINDO e LINDÍSSIMO é alterada apenas pelas expressões não manuais.

Algumas expressões não manuais são esquematizadas por Ferreira-Brito e Langevin, 1995) a partir de compilação de Quadros e Karnopp, (2004, p. 61).

Quadro 4 - Expressões não manuais da língua de sinais brasileira segundo Ferreira Brito e Langevin, 1995

Expressões não manuais da língua de sinais brasileira (Ferreira-Brito e Langevin, 1995)
Rosto <i>parte superior</i> sobrancelhas franzidas olhos arregalados lance de olhos sobrancelhas levantadas <i>Parte inferior</i> bochechas infladas bochechas contraídas lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha apenas bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz
Cabeça balanceamento para frente e para trás (sim) balanceamento para os lados (não) inclinação para frente

Inclinação para o lado
Inclinação para trás
Rosto e cabeça
cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas
cabeça projetada para trás e olhos arregalados
Tronco
parar frente
para trás
balanceamento alternado dos ombros
balanceamento simultâneo dos ombros
balanceamento de um único ombro

Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 61

A partir de vários estudos sobre culturas ágrafas constatou-se que diversos grupos humanos, mesmo os considerados menos “civilizados” utilizam línguas complexas e sofisticadas. (McCleary, 2009). Várias são as línguas usadas no mundo e que muitas vezes, não são reconhecidas como línguas de prestígio, a exemplo, línguas de comunidades indígenas, imigrantes e até mesmo as línguas de comunidade surdas, têm sido excluídas. O número de línguas vivas usadas no mundo é de difícil precisão.

É possível afirmar que há uma diversidade de línguas desconhecidas e espalhadas pelo mundo. Não apenas as línguas mudam constantemente, mas o que sabemos sobre elas também, por isso, é bem complexo precisar o número total de línguas vivas. O catálogo das línguas do mundo, o *Ethnologue*, desde 1951, tem como foco escriturar as línguas menos conhecidas. Em sua 23ª edição, fevereiro de 2020, cadastrou 7.117 línguas vivas em todo o mundo, afirmando um aumento líquido de 6 línguas vivas desde a 22ª edição. São eliminados seis idiomas da edição anterior, dentre eles, uma língua extinta, uma fundida em outro idioma (segundo padrões do inventário de idiomas ISO 639-3) e quatro removidas por serem duplicadas ou não substanciada e consideradas linguagem. Em contrapartida, doze idiomas foram listados como vivos. Um com status de extinto para inativo, um alterado seu atestado para vivo e dez adicionado pelo padrão ISO e justificado como não identificado anteriormente. Segundo site do *Ethnologue*, a nova edição resulta de mais de dezoito mil atualizações em banco de dados entre a 22ª e 23ª edição

Embora haja uma diversidade de línguas faladas no Brasil, e um numeroso estudo sobre os contextos multilíngues, ainda persiste o mito de monolinguismo no país. O Brasil tem em média duzentas línguas. Outro exemplo de país com um número pequeno de habitantes e um grande número de línguas diferentes é a República Democrática do Congo, com um quarto da

população do Brasil e mais ou menos 220 línguas. A Austrália, com dez por cento da população do Brasil, tem em média 280 línguas. A Índia, Indonésia e Papua-Nova Guiné, têm respectivamente quatrocentos, setecentos e quarenta, e oitocentos e vinte línguas. . Para Calvet (2018, p. 27), “é evidente que o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se margeiam, se superpõem continuamente”.

3 METODOLOGIA

Este capítulo visa definir e apresentar as várias etapas que compõem o caminho metodológico desta pesquisa, tendo como ponto de partida o “Estudo da (In)Existência de Sinais em Libras a Partir da Semântica Focada na Agricultura Familiar e Proposta de Glossário”, cuja perspectiva teórica determinou a opção por um estudo descritivo e interpretativo com abordagem quanti-qualitativa. No decorrer do capítulo serão explicados os procedimentos utilizados, o lócus da pesquisa, os instrumentos aplicados, as etapas metodológicas, além de se explicitar como foi realizada a seleção dos termos em português, de que forma ocorreu a seleção dos dicionários em libras, a seleção dos participantes da pesquisa e uma das partes mais importantes desta investigação: a organização em fichas terminológicas.

3.1 Pressupostos Metodológicos

O critério adotado para esta investigação centra-se no modelo da ficha terminológica criada por Lima (2014) com adaptações, conforme necessidade focada neste estudo. O tipo de pesquisa utilizada foi a descritiva e interpretativa com abordagem qualitativa. A grande contribuição das pesquisas descritivas é proporcionar novas visões sobre uma realidade. Para Gil (2002, p.42), as pesquisas descritivas têm como principal objetivo, o estabelecimento de relações entre variáveis ou, então, a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

Um dos instrumentos utilizados para coletar os dados com Intérpretes, professores de Libras do Estado do Pará: Abaetetuba, Castanhal e Belém, foi um questionário criado pela pesquisadora com colaboração de professores de áreas técnicas Agrárias e Meio Ambiente do IFPA Campus Castanhal e IFPA Campus Abaetetuba e indicação de duas obras, das quais foram retirados os termos em Língua Portuguesa utilizados nesta pesquisa. O dicionário tem como objetivo investigar o conhecimento destes sujeitos sobre a (in)existência de termos específicos em Libras das Áreas Agrárias e Meio Ambiente, mais precisamente na semântica da agricultura

familiar, conforme tabela das áreas de conhecimentos da CAPES, 2017. Para o desenvolvimento, após dados coletados pelos primeiros sujeitos da pesquisa, se fez necessário pesquisar ainda em comunidade surda e coletivo de professoras e professores ouvintes das Áreas Agrárias e Meio ambiente (O instrumento utilizado para coleta de dados nesta etapa, foi o grupo focal baseado nos estudos de Gatti, (2005) que nos diz que:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos comportamentos e atitudes constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (GATI, 2005 p.11)

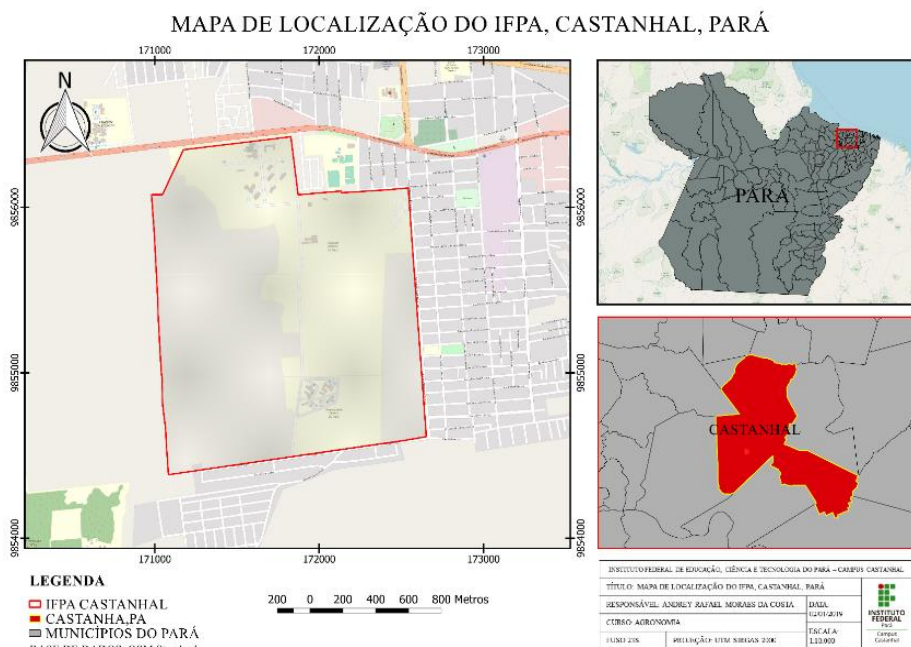
Fizeram parte desta etapa, como sujeitos participantes da pesquisa, docentes de Libras e docentes de disciplinas técnicas do curso de Graduação da Educação do Campo do Instituto Federal do Pará, Campus Castanhal. É importante explicitar que o grupo focal não foi o principal instrumento desta investigação, mas foi parte importante do processo no sentido de que complementou o instrumento principal, no caso, a pesquisa através de questionamentos com profissionais e intérpretes das Instituições de ensino Municipal, Estadual e Federal. Como Gati, (2005) ressalta, além do grupo focal constituir-se no elemento central de investigação, também pode ser empregado em estudos exploratórios para apoiar a construção de outros instrumentos, como questionários, roteiros de entrevistas ou observação.

3.2 Lócus da pesquisa

Além de a pesquisa ter os dicionários como foco de investigação, o espaço físico no qual foram aplicados os instrumentos de coleta de dados e as formações em sua finalização foi o Instituto Federal do Pará – IFPA, Campus Castanhal. A escolha deste lócus se deu pelo fato de o IFPA Castanhal oferecer cursos com características predominantemente das Áreas Agrárias e Meio ambiente, além de se propor ser uma Instituição inclusiva. O Instituto se localiza na Mesorregião do Nordeste Paraense e Microrregião do Guamá, que abrange os municípios de Aurora do Pará, Bujaru, Colares, Curuçá, Concórdia do Pará, Igarapé-Açu, Inhangapi, Ipixuna do Pará, Irituia, Magalhães Barata, Mãe do Rio, Maracanã, Santo Antônio do Tauá, Santa Isabel do Pará, Santa Maria do Pará, São Caetano de Odivelas, São Domingos do Capim, São Francisco do Pará, São João da Ponta, São Miguel do Guamá, Terra Alta, Tomé-Açu e Ulianópolis (IFPA, 2019).

O IFPA foi criado pelo Art. 5º, inciso XX, da Lei nº 11.892, de 29/12/2008, pela integração do Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará (CEFET/PA), da Escola Agrotécnica Federal de Castanhal (EAFEC) e da Escola Agrotécnica Federal de Marabá (EAFMB). O CEFET-PA tem 110 anos de atuação na educação profissional e a Escola Agrotécnica Federal de Castanhal atua há 98 anos. (IFPA, 2019, p.57)

Figura 26 - Localização do IFPA Campus Castanhal



Fonte: COSTA, 2019

3.3 Etapas metodológicas

Para o desenvolvimento metodológico deste estudo foi necessário fazer uma divisão em etapas. A primeira etapa foi de seleção de signos em Língua Portuguesa, a partir de dicionários específicos da lexicografia agrária, tendo como critério inicial a inexistência destes termos em sinais de Libras, a partir do conhecimento da própria pesquisadora como docente de Libras e especialista em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais.

A segunda etapa foi coletar os dados a partir de um questionário estruturado aplicado a Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais – TILS e docentes de Libras, ouvintes e surdos.

A Terceira etapa foi a pesquisa com docentes do Instituto Federal do Pará, Campus Castanhal, lotados em cursos específicos das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do IFPA Campus Castanhal. Esta etapa utilizou o grupo focal como forma de organização para coleta de dados.

Em seguida, foram organizados os termos da Língua Portuguesa - LP, desconhecidos em

Libras por todos os sujeitos envolvidos na pesquisa para a verificação de sua (in)existência em Dicionário trilingue CAPOVILLA, Acesso Brasil, e dicionários virtuais, como será melhor especificado na etapa “Seleção do dicionário em Libras”.

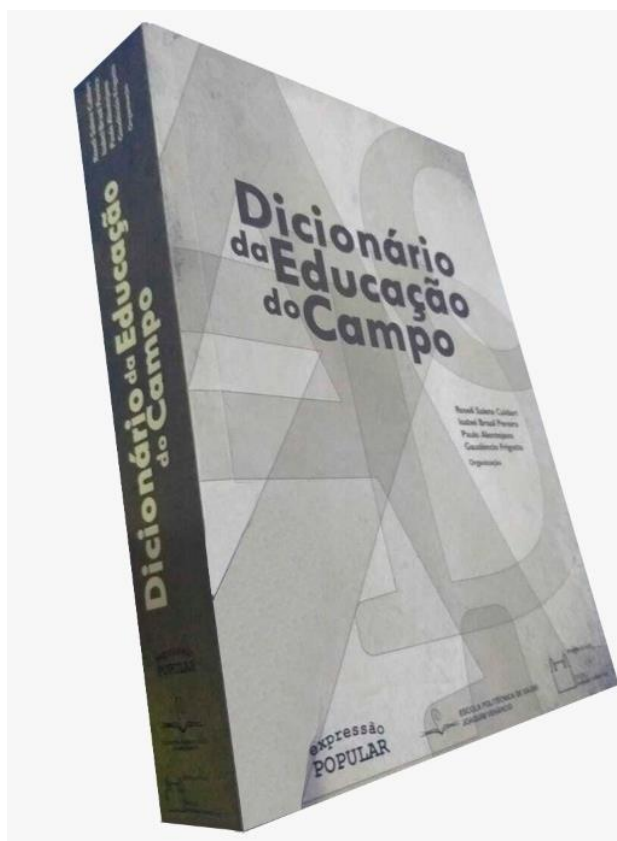
A próxima etapa do processo foi a organização dos vocábulos pesquisados com imagens e vídeos explicativos para apresentação em slides aos integrantes da comunidade surda acadêmica e Paraense. Os componentes deste grupo foram convidados a participar de um grupo de pesquisa virtual, no qual destinou-se saber se tais termos eram também desconhecidos a eles. A partir de várias interações através do grupo, houve a coleta de sinais conhecidos e desconhecidos pelos sujeitos de pesquisa desta etapa. Os sinais desconhecidos foram divididos entre o grupo e na incumbência de pesquisar em suas comunidades e/ou dicionários, gravaram e enviaram os vídeos com os sinais inexistentes ou criados, para apresentação e validação em assembleia on-line. Registrados os sinais específicos em Libras, organizou-se o segundo encontro, desta vez virtual, pelas circunstâncias nas quais vivemos no momento desta pesquisa, o período pandêmico ao qual o mundo vive, devido ao coronavírus. Deste modo, criou-se uma sala de reunião virtual e disponibilizou-se o link a todas e todos os participantes do grupo. Os termos foram apresentados pelos sujeitos de pesquisa. Aos faltosos, houve apresentação do vídeo com o repasse dos sinais enviados previamente. Todos e todas puderam contribuir com críticas, sugestões, aprovando ou descartando a possibilidade de determinado sinal ser validado pela comunidade. Todo o processo foi gravado para posterior análises.

3.4 Seleção dos termos em Português

A escolha dos termos se deu a partir do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira – LSB pela pesquisadora, a qual iniciou uma primeira seleção dos termos com base em seu conhecimento ou desconhecimento destes em Libras.

A pesquisa inicial aconteceu em dois dicionários com léxicos da área de conhecimento multidisciplinar/interdisciplinar - Meio Ambiente e Agrárias, de numeração 90191000, conforme tabela das áreas de conhecimentos da CAPES, 2017: “Dicionário da Educação do Campo” e o “Glossário de Termos Usados em Atividades Agropecuárias, Florestais e Ciências Ambientais”.

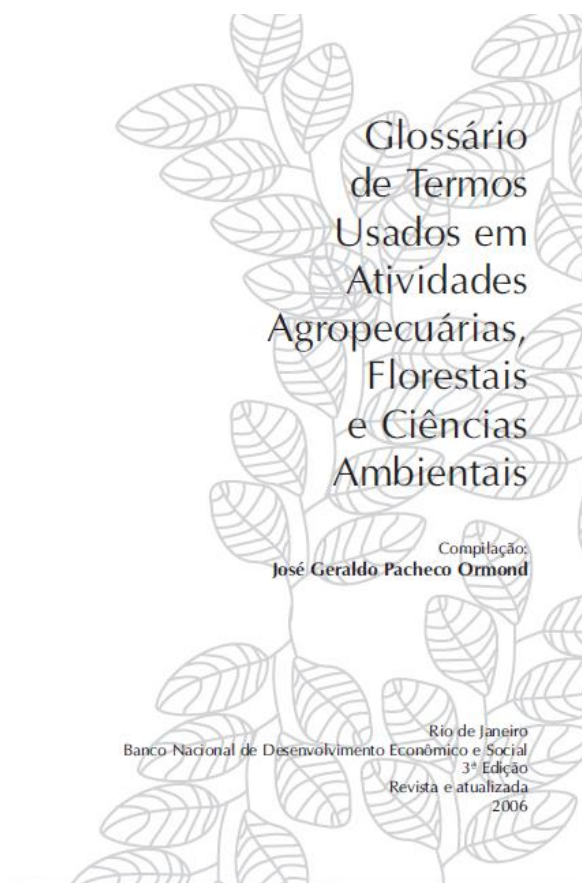
Figura 27 - Dicionário da Educação do Campo



Fonte: CALDART, Roseli Salete (org.), 2012

Na figura 1, o Dicionário elaborado coletivamente por Caldart, Pereira, Alentejano, Frigotto de 2012, apresenta algumas categorias e conceitos da Educação do Campo. O dicionário contém 113 verbetes, os quais nos proporcionam um melhor entendimento do fenômeno da Educação do Campo e dos fundamentos filosóficos e pedagógicos do entorno destas discussões.

Estiveram envolvidos na produção deste dicionário, em sua primeira edição, 107 pesquisadores e os verbetes selecionados delimitam-se em uma tríade norteadora: campo, educação e política, a qual se justifica pela tradição de uso de tais termos em debates sobre a Educação do Campo. Foram selecionados deste dicionário 11 termos para verificação de sua (in)existência em sinais.

Figura 28 - Glossário de Termos Usados em Atividades

Fonte: ORMOND, José Geraldo Pacheco (org.), 2006

Outra fonte de pesquisa inicial foi o “Glossário de Termos Usados em Atividades Agropecuárias, Florestais e Ciências Ambientais”, compilado por Ormond, 2006. Este glossário tem trezentas e dezesseis páginas e aproximadamente três mil conceitos e explicações de verbetes, termos e expressões em LP, usado na integração e inter-relações de atividades referentes à agricultura, pecuária, economia, manejo florestal e Ciências do Meio Ambiente. O objetivo desta obra é auxiliar estudantes e pessoas que trabalham na elaboração, análise e acompanhamento de projetos relacionados a estas áreas de conhecimento.

Os vocábulos compilados no “Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e Ciências do Meio Ambiente”, foram selecionados a partir de leitura de livros e artigos especializados e através de coleta em entrevistas e reportagens sobre temas agropecuário, florestais e de meio ambiente. Segundo o autor, os conceitos foram feitos a partir da utilização de dicionários das Línguas Portuguesa e Inglesa, glossários de termos específicos, enciclopédias, livros didáticos, textos legais, apostilas para concursos, consulta a sites

especializados na internet, depoimentos, reportagens e conversas com especialistas. Abaixo, seguem os termos selecionados em LP a partir destes dois dicionários. Tais termos, servirão como base para as próximas etapas da pesquisa: saber se realmente estes são signos desconhecidos em Libras pelos sujeitos pesquisados e se são (in)existentes em dicionários de Língua de Sinais Brasileira.

Quadro 5 - Lista de termos selecionados em Língua Portuguesa na área de Meio Ambiente e Ciências agrárias

1. Agricultura familiar	2. Alvião	3. Leira	4. Fungo
5. Agricultura de subsistência	6. Arar	7. Pulverização	8. Maniva
9. Agricultura orgânica	10. Antrópico	11. Pragas	12. Herbicida
13. Agrobiologia	14. Apicultura	15. Inseticida	16. Material orgânico
17. Agroecologia	18. Aquicultura	19. Coroamento	20. Olerícola
21. Agroecossistemas	22. Declive (área com declividade)	23. Coveamento	24. Poda
25. Agrotóxico	26. Arame	27. Cultura anual	28. Praga
29. Agronegócio	30. Área de capoeira	31. Curva de nível	32. Produtividade de
33. Agricultura sustentável	34. Armazenar	35. Campesinato	36. Raiz Pivotante
37. Abanação	38. Assentamento	39. Educação politécnica	40. Solo
41. Abate	42. Assoreamento	43. Destocar	44. Ureia
45. Aceiro	46. Áxilo	47. Destorroar o solo	48. Leira
49. Adubo químico	50. Balizamento	51. Erosão	52. Quilombos
53. Adubo orgânico	54. Balaio	55. Escarificar o solo	56. Revolução verde
57. Afluente	58. Beneficiamento do produto	59. Feijão macáçar	60. Sementes
61. Amontoa	62. Brotar a planta/germinar	63. Forrageira	64. Sustentabilidade
65. Transgênico			

Fonte: elaborado pela autora, 2020

3.5 Elaboração de questionário

Com o objetivo de construir uma ferramenta para a coleta de dados capaz de responder às indagações precisas, foi elaborado um questionário composto por duas partes. A primeira etapa constituiu-se de perguntas estruturadas de cunho pessoal, tais como: faixa etária, familiar surdo, formação acadêmica/outras formações, vínculo institucional, tempo de profissão, quantidade de estudantes surdos atendidos, dificuldades encontradas como intérprete/docente de Libras, material e recursos utilizados em libras, uso de dicionários e necessidade de

capacitação em Libras.

A segunda parte do questionário terá como objetivo descobrir qual conhecimento os docentes de Libras e os Tradutores e Intérpretes da Línguas de Sinais - TILS têm em Libras, referente aos 65 termos escolhidos em Língua Portuguesa e desconhecidos pela pesquisadora.

Os termos foram organizados em uma tabela subdividida para marcação. O cabeçalho da primeira coluna foi intitulado de *termos*. A segunda coluna é explicativa e consta do significado de cada termo em LP. A terceira, quarta e quinta colunas são apenas para marcação, se os sujeitos da pesquisa têm conhecimento do referido termo em Libras, se usam classificadores ou conhecem o termo apenas em datilologia, respectivamente.

Figura 29 - Questionário

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA
Relação de professores e intérpretes com comunidade surda campesina

1) Nome (opcional): _____

Faixa etária: 20-25 () 26-30 () 31-35 () 36-40 () 41-45 () 46-50 () 51-55 () 56-60 ()

sexo: feminino () masculino ()

2) Você possui familiar surdo usuário de Libras? () sim () não - Caso afirmativo preencha

Grau de parentesco - Mãe () Pai () Irmão/Irmã () Tio () Primo () Avós () Outros: _____

3) Qual sua formação acadêmica

Magistério/Normal () Pedagogia () Letras/Libras bacharelado () Letras/Libras licenciatura () Outra licenciatura, qual? _____

Outra formação em nível superior, qual? _____

Graduação em andamento, qual? _____

4) Você possui curso de especialização em:

Não () Libras () AEE () Psicopedagogia () Educação Especial inclusiva () Tradutor intérprete de Libras ()

Modalidade: Presencial () Semi-presencial () EAD ()

5) Você possui outras formações? Mestrado, doutorado PROLIBRAS ou outros. Se sim, especifique: _____

6) Como você aprendeu Libras? Em curso de Libras () Qual nível? _____

Em disciplina de Libras na graduação () Em contato com surdos adultos e participando da comunidade surda ()

Aprendi Libras com: _____

7) Você é: Concursado () Contratado () Do Estado () Do Município () Outros _____

8) Qual a(s) escola(s) está lotado? _____

9) Qual o seu tempo de atuação como intérprete? _____

10) Em quantas turmas você trabalha e quais as séries e modalidades? _____

11) Quantos alunos surdos/alunas surdas ou com deficiência auditiva têm em cada sala nas quais você atua?

01 () 02 () 03 () 04 () 05 () 06 () Outro: _____

12) Elencque três principais dificuldades encontradas como intérprete/professor(a) destes alunos surdos. _____

Quais termos em Língua Portuguesa, você conhece, que a comunidade do campo utiliza e não tem sinal em Libras e você precisa fazer em datilologia?

Termo	Conhece em sinais Libras	Usa classificadores	Conhece apenas em datilologia
Agricultura familiar	Sistema agrícola, normalmente composto por vários cultivos em combinação com atividade pecuária e de criação de aves e suínos, desenvolvidos em pequenas propriedades e tendo com o forço de trabalho a mão-de-obra familiar.		
Agricultura de subsistência	produção agrícola voltada unicamente ao consumo do próprio produtor.		
Agricultura orgânica	É um conjunto de processos de produção agrícola que parte do pressuposto que a fertilidade do solo é função direta da matéria orgânica nele contida. A ação de <u>microorganismos</u> presentes nos compostos biodegradáveis existentes ou colocados no solo possibilitam o suprimento de elementos minerais e químicos necessários ao desenvolvimento dos vegetais cultivados		

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

O resultado destas etapas da pesquisa trouxe o conhecimento de quais termos da Língua Portuguesa em Libras são desconhecidos tanto pela pesquisadora quanto pelos sujeitos pesquisados. Seleccionados e catalogados em tabelas, a próxima etapa será verificar se os termos existem em dicionários físicos e virtuais das Línguas Brasileiras de Sinais.

3.6 Seleção dos Dicionários em Libras

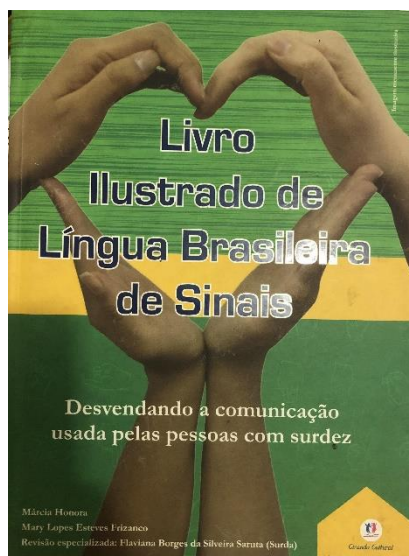
Os dicionários utilizados para a pesquisa foram “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: Libras em Suas Mãos” – três volumes de Fernando César Capovila; Temoteo e Martins, 2017; Dicionário Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o “Dicionário da Língua Brasileira de Sinais” – Libras, Acesso Brasil – INES – Organizado pela Acessibilidade Brasil, publicado em 2009.

Figura 30 - Dicionário Língua de Sinais do Brasil. Libras em Suas Mãos – 3 volumes



Fonte: Capovilla, 2017.

Capovilla e Raphael juntamente com Aline Cristina L. Maurício, também psicóloga são os autores do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – DEIT-LIBRAS com 9.828 sinais em Libras. Essa é uma versão ampliada e engloba o novo acordo ortográfico. Ele representa o desdobramento de uma série de obras anteriores, como o Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Capovilla & Raphael, 2006b, 2006c), a Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira, volume 1, 2, 3, 4 e 8 (Capovilla & Raphael, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c), e o Manual ilustrado de sinais e sistemas de comunicação em rede para surdos (Capovilla, Raphael, & Macedo, 1998), dentre outros. A obra apresenta um índice semântico que agrupa os verbetes por temas com descrição da forma e do significado dos sinais, 56 mil verbetes em Inglês que correspondem aos 14 mil verbetes em Português. Contém ilustrações gráficas dos verbetes, de um a três exemplos de uso, escrita em SignWriting, descrição de verbetes indexados em português (com soletração digital em LIBRAS) e inglês, análise da composição sublexical dos sinais de Libras no nível morfêmico, de composição morfêmica e análise da etimologia e da iconicidade dos sinais de Libras.

Figura 31 - Livro Ilustrado de Libras

Fonte: HONORA, 2009

A fonoaudióloga e professora universitária Márcia Honora e a pedagoga e psicopedagoga Mary Lopes Esteves Frizanco em 2009 desenvolvem três volumes do Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. Os volumes diferenciam-se por cores. A imagem acima é de capa verde e é composta de textos iniciais com informações sobre o surdo na antiguidade, idade moderna, contemporânea, no século XX. Explanam um pouco da história da Educação de Surdos no Brasil, assim como algumas leis e decretos.

No segundo volume, de 2010 de cor laranja, há a organização da gramática da Libras, perpassando por variações linguísticas, sistema pronominal, verbos, datilologia, parâmetros, entre outros fatores importantes para a compreensão da gramatical da Libras.

Figura 32 - Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras



Fonte: Acesso Brasil - versão 2.1 – web, 2008

Por meio desse dicionário on-line o público-alvo pode fazer buscas por ordem alfabética, por palavra, por assunto e por configuração de mão. É possível ainda ter acesso à classe gramatical da palavra, origem, acepção, exemplos em português e em Libras. Também é possível visualizar o vídeo com a demonstração de como é feito o sinal. O dicionário, com 5.863 sinais, encontra-se disponível em CD-ROM e também pela Internet, com acesso gratuito pelo site do INES. O link do referido dicionário encontra-se nas referências bibliográficas, ao final deste trabalho.

3.7 Seleção dos sujeitos da pesquisa de sinais

A partir destas primeiras organizações, a comunidade surda paraense foi convidada a participar de um encontro e foram apresentados os termos pesquisados e resultados do desconhecimento dos referidos sinais em Libras tanto por TILS, docentes de Libras e também pela inexistência quando buscados em dicionários de referências na área.

A comunidade surda reunida se apropriou dos significados e significantes de cada termo e a partir deste momento, puderam apresentar para os membros da comunidade os sinais criados, com o objetivo de eleger o sinal em Libras que representasse melhor cada termo.

A devolutiva dos termos em sinais pela comunidade surda foi gravada em vídeo para a próxima etapa os termos serem aprendidos pel(as) os participantes-modelos e em seguida filmados para o desenvolvimento do glossário bilíngue.

3.8 Organização em fichas terminológicas

Para a criação do glossário será utilizado o formato de fichas terminológicas, seguindo o modelo de ficha de Vera Lúcia Souza e Lima (2014), a qual criou um modelo de ficha para desenvolver um glossário de Desenho Arquitetônico em pesquisa de conclusão de seu doutorado em linguística pela UFMG. O modelo utilizado pela pesquisadora tem informações relativas à fonologia da LSB, como configuração de mão, movimento, locação, expressões não manuais, entre outros aspectos que a difere de modelos de fichas das línguas orais.

Conforme Quadros (2004, p.51), “os articuladores primários da língua de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço”. A Libras tem uma estrutura constituída por parâmetros primários e secundários que podem se combinar de forma sequencial ou simultânea. Os parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais Brasileira são as configurações de mãos, formas que as mãos assumem na realização de sinais; o ponto de articulação, que é o espaço do corpo ou em frente ao corpo (espaço neutro) onde os sinais são articulados e os movimentos, um dos parâmetros mais complexos, os quais podem envolver uma variedade de formas e direção, desde os movimentos internos das mãos, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço e conjuntos de movimentos no mesmo sinal.

Os parâmetros secundários são a orientação da mão, segundo (Quadros, 2004, p. 59) é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal e expressões não manuais que ainda segundo a autora, são os movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco e prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. As fichas terminológicas para a construção do glossário se utilizarão dos parâmetros primários e secundários da Libras.

O modelo da ficha criada por Lima (2014, p.113, 123) será utilizado em nossa pesquisa como base para o desenvolvimento do glossário. Houve a necessidade de fazer adaptações para suprir a necessidade da nossa pesquisa. Segue modelo de ficha construído por Lima (2014, p.113,123).

Figura 33 - Modelo de ficha terminológica de Lima, (2014)

Modelo de Ficha

(1) Ficha Léxico-terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número:	
(2) Termo:		(3) Categoria:	
(4) Classe gramatical:			
(5) Definição em português:			
(6) Utilização do termo em uma frase			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia):			
(8) Fotos do sinal:			
(9) Escrita de sinais (<i>SignWriting</i>):			
(10) Quantidade de mãos:			
(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	
(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	

Fonte: LIMA, 2014, p. 113

Figura 34 - Modelo de ficha terminológica preenchida

(1) Ficha Léxico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 02	
(2) Termo: ARQUITETURA E URBANISMO		(3) Categoria [4a]: Ensino do desenho Arquitetônico - Denominações Institucionais	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: ARQUITETURA E URBANISMO – Nf + Nm [Sing] Denominação do curso e área do conhecimento que lida com as técnicas de projeto, desenho e construção de edifícios.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Várias universidades no Brasil, públicas e particulares, possuem o curso de Arquitetura e Urbanismo.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia) : trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico (Correia 1998). O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Arquitetura e Urbanismo é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem)			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 90	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita):	Para frente		
(f) Orientação da palma (esquerda):	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Braço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 90	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita):	Para frente		
(f) Orientação da palma (esquerda):	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Braço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 12	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 02	(b.2) Número: 12	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		

Fonte: LIMA, 2014, p. 123

Quadro 6 - Modelo de Ficha terminológica adaptada

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar		Número:	
(2) Termo:			
(3) Classe gramatical:			
(4) Definição em português:			
* Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			SignWriting
(6) Quantidade de mãos:			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:	(b) Configuração de mão (esquerda):
			(b.1) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	

(e) Orientação da palma (direita)		(f) Orientação da palma (esquerda)	
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa começou com a inquietação em relação a termos das Áreas Agrárias e Meio Ambiente terem sua existência em Língua Portuguesa, mas inexistirem em sinais da Libras. A partir disso, foram selecionados termos através de dois dicionários de termos técnicos em língua portuguesa, intitulados “Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais” e “Dicionário da Educação do Campo”, de Ormond (2006) e Caldart (2012) respectivamente. Foi realizada uma primeira seleção de termos, os quais pelo prisma da pesquisadora, com formação em Libras – docência e interpretação, não os conhecia em Libras.

A partir da seleção dos termos, um questionário com vinte perguntas e sessenta e quatro termos foi elaborado e aplicado para 49 participantes (Profissionais das Áreas de linguagens atuante em salas de aula: docentes de Libras e/ou Intérpretes das Línguas de Sinais e participantes da comunidade surda. Dentre as perguntas questionamos: “Quantos alunos/alunas surdas ou com deficiência auditiva têm em salas? *Quantos moram no campo?* e se *Utilizam dicionários de Libras*. Para a primeira pergunta: *Quantos alunos/alunas surdas ou com deficiência auditiva têm em salas?* Cinco dos pesquisados disseram não ter aluno surdo em sala. 25 disseram que um discente surdo estava matriculado em sua classe. Doze responderam ter dois alunos surdos; dois responderam que tinham três surdos matriculados e apenas dois dos quarenta e nove pesquisados, disseram ter em sala, cinco discentes surdos. Três sujeitos não responderam.

Constatou-se sobre a primeira pergunta, que 25 profissionais confirmaram ter um discente surdo em classe. Ter uma Pessoa Surda em sala, requer uma dupla estratégia e organização para docentes e intérpretes, mas é um quantitativo possível para ter avanços consideráveis no ensino aprendizagem de alunos surdos.

Para a pergunta *Quantos dos alunos moram no campo?* Quinze dos 49 pesquisados, responderam que sim, têm alunos que moram no campo, dentre as respostas, seis disseram que têm um aluno; quatro relataram ter dois alunos; três responderam que têm quatro alunos e dois responderam que têm vários alunos que moram no campo.

Quando perguntados se *utilizam dicionários de Libras*, 31 disseram que sim, 12

responderam não e seis não responderam. Dos que afirmaram usar dicionários, houve nove que disseram fazer uso do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil, de Capovilla et al, enquanto três disseram usar o Hand Talk – um aplicativo de tradução utilizado como ferramenta educacional. Dois relataram fazer uso do Dicionário Ilustrado de Libras de Flávia Brandão. Seis não responderam e 11 disseram que utilizam outros dicionários, não especificando qual.

O que nos interessou para o aprofundamento dessa pesquisa foi saber quantos, dos 64 termos em língua portuguesa, os participantes conheciam em Língua de Sinais Brasileira; Foi importante saber quantos desse total de professores e intérpretes, fazem uso apenas da datilologia ou classificador e quantos utilizam simultaneamente: Libras e classificador; Datilologia e classificador ou Libras, classificador e datilologia. Ainda foram contabilizados, os participantes que optaram por não responder. A tabela a seguir resume os resultados da primeira etapa da pesquisa.

Tabela 1 - Pesquisa Resultado do questionário de pesquisa I

Quantidade de participantes que conhecem e/ou utilizam os termos em Libras, Classificador, Datilologia Datilologia e Classificador/ Libras, Classificador e Datilologia e quantitativo sem respostas.									
Nº	Termos em Língua Portuguesa	Libras	Classificador	Datilologia	*L/ CL	**D/ CL	***L/CL/ DAT	****S/ RES	Total de sujeitos da pesquisa
1	Agricultura familiar	10	13	19	3	4	0	0	49
2	Agricultura de subsistência	1	11	34	2	1	0	0	49
3	Agricultura orgânica	0	12	35	0	2	0	0	49
4	Agrobiologia	2	9	37	0	1	0	0	49
5	Agroecologia	1	9	36	1	1	0	1	49
6	Agroecossistemas	3	5	37	0	2	1	1	49
7	Agrotóxico	3	11	33	0	1	1	0	49
8	Agronegócio	4	11	29	2	2	0	1	49
9	Agricultura sustentável	2	15	24	1	3	1	3	49
10	Abanação	1	6	36	0	1	1	4	49
11	Abate	3	18	24	0	1	1	2	49
12	Aceiro	0	7	36	0	2	1	3	49
13	Adubo químico	2	14	30	0	3	0	0	49
14	Adubo orgânico	1	18	28	0	2	0	0	49
15	Afluentes	2	15	27	1	3	0	1	49
16	Amontoa	6	7	24	0	0	1	11	49
17	Alvião	2	5	38	0	2	0	2	49
18	Arar	7	15	21	1	3	1	1	49
19	Antrópico	4	9	34	0	2	0	0	49
20	Apicultura	7	17	22	0	2	0	1	49
21	Aquicultura	6	14	25	0	1	1	2	49

22	Declive (área com declividade)	4	15	25	0	3	1	1	49
23	Arame	11	15	20	0	2	1	0	49
24	Área de capoeira	4	18	25	0	1	1	0	49
25	Armazenar	16	14	14	1	1	2	1	49
26	Assentamento	11	16	16	1	4	0	1	49
27	Assoreamento	4	13	29	0	2	1	0	49
28	Áxilo	1	11	32	0	3	0	2	49
29	Balizamento	11	1	33	0	3	0	1	49
30	Balaio	4	14	28	0	3	0	0	49
31	Beneficiamento do produto	1	18	26	0	3	0	1	49
32	Brotar a planta/germinar	15	17	12	1	2	1	1	49
33	Leira	1	15	27	0	3	0	3	49
34	Pulverização	1	23	18	2	2	0	3	49
35	Pragas	7	22	16	1	1	1	1	49
36	Inseticida	8	19	18	1	3	0	0	49
37	Coroamento	1	10	34	0	2	0	2	49
38	Coveamento*	5	14	24	1	1	0	4	49
39	Cultura anual	6	16	24	1	1	0	1	49
40	Curva de nível	1	14	29	0	3	0	2	49
41	Campesinato	1	9	34	1	2	0	2	49
42	Educação politécnica	3	9	28	0	2	0	7	49
43	Destocar	2	14	26	0	2	0	5	49
44	Destorrear o solo	1	13	31	0	2	0	2	49
45	Erosão	6	17	22	0	3	0	1	49
46	Escarificar o solo	2	9	33	0	3	0	2	49
47	Feijão macáçar	3	13	27	0	4	0	2	49
48	Forrageira	1	12	30	0	4	0	2	49
49	Fungo	7	10	27	0	3	1	1	49
50	Herbicida	5	13	26	0	3	0	2	49
51	Material orgânico	3	20	22	0	3	0	1	49
52	Olerícola	1	7	37	0	1	0	3	49
53	Poda	8	22	15	2	2	0	0	49
54	Produtividade	5	18	23	0	1	0	2	49
55	Raiz Pivotante	1	13	30	1	2	0	2	49
56	Solo	22	10	14	2	1	0	0	49
57	Ureia	2	4	39	0	3	0	1	49
58	Quilombos	12	15	18	0	3	1	0	49
59	Revolução verde	2	12	33	1	1	0	0	49
60	Sementes	17	16	14	0	1	1	0	49
61	Sustentabilidade	15	12	20	0	2	0	0	49
62	Transgênico	4	11	31	0	2	1	0	49

Total de termos pesquisados (2021)

62

*L/CL = Libras e classificador **D/CL = datilologia e classificador ***L/CL/DAT= Libras, classificador e datilologia

O objetivo da primeira investigação foi saber se estes sujeitos da pesquisa conheciam os termos elencados em Língua de Sinais Brasileira ou utilizavam outras formas de informar tais conceitos às Pessoas Surdas.

A partir das análises das respostas, foram selecionados cinquenta termos da coluna “Libras”, na qual consta o número de participantes que conhecem os termos apresentados. Para essa etapa, usou-se o critério de selecionar apenas os resultados de zero até dez participantes que disseram conhecer os termos em libras.

Obtivemos um total de nove termos, dos quais dez ou mais informantes disseram conhecer em libras, e portanto, foram eliminados do prosseguimento da pesquisa. No decorrer da criação de sinais, três termos também foram excluídos do processo e não tiveram seus sinais criados. É preciso deixar registrado aqui, o ano atípico de pandemia no qual foi desenvolvida a pesquisa, com adoecimento e mortes de alguns integrantes, inclusive. Em resumo, tivemos um total de doze termos excluídos e cinquenta termos liberados para as próximas etapas: as investigações em dicionários e a criação apenas dos termos que não encontramos, ou seja, para nós, inexistentes em libras.

Durante a investigação, confirmou-se que 99% e 100% dos participantes da pesquisa (respectivamente 48 e 49), desconheciam 18 termos em libras, os quais são: *Agricultura de subsistência, Agricultura orgânica, Agroecologia, Abanação, Aceiro, Adubo orgânico, Áxilo, Balizamento, Beneficiamento do produto, Leira, Pulverização, Coroamento, Curva de nível, Campesinato, destorroar o solo, Forrageira, Olerícola, Raiz Pivote*.

Os termos investigados fazem parte da semântica das Áreas Agrárias e Meio Ambiente e são utilizados tanto nas comunidades do campo, quanto em cursos voltados para tais áreas. Este fato nos leva a crer, que Pessoas Surdas inseridas nessas localidades podem ter contato linguístico com tais termos. Quando uma palavra não existe em sinais, outras estratégias são utilizadas, como é o caso do uso do alfabeto manual ou datilológico. “O alfabeto soletrado manualmente, seguindo proposta de Padden (1998) para a ASL, é um conjunto de configurações de mão que representam o alfabeto português”. Portanto, Pessoas Surdas precisariam entender a língua portuguesa para que o alfabeto manual faça sentido, pois esse tipo de soletração “é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letra escritas do português”. (QUADROS E KARNOPP, 2004, p.88). O uso da datilologia, alfabeto manual ou soletrado é recorrente quando não se tem ou se desconhece o sinal, dificultando a compreensão da mensagem pelas Pessoas Surdas não bilingues.

Apenas dois dos 49 sujeitos da pesquisa disseram usar em libras os termos: *Agricultura*

familiar, Agrobiologia, Agricultura sustentável, Adubo químico, Afluente, Alvião, Inseticida, Destocar, Escarificar o solo, Poda, Uréia, Revolução verde, um total de 12 termos. Apenas três sujeitos relataram conhecer os termos *Agroecossistemas, Agrotóxico, Abate, Educação politécnica, Feijão macáçar, Material orgânico*, um total de seis termos, o que nos leva a totalizar 47 sujeitos que desconhecem esses sinais em libras. De quatro a dez sujeitos afirmaram usar os termos *Agricultura familiar, Agronegócio, Amontoa, Arar, Antrópico, Apicultura, Aquicultura, Declive, Área de capoeira, Assoreamento, Balaio, Pragas, Inseticida, Coveamento, Cultura/cultivo anual, Erosão, Fungo, Herbicida, Poda, Produtividade, Transgênico*, totalizando 22 termos, enquanto 39 a 45 não os conheciam em libras e utilizavam outras formas como datilologia ou classificador para se reportar as palavras, quando precisavam.

É possível perceber que o número de sujeitos, os quais relataram não conhecer os termos pesquisados em sinais de libras, optando por traçar outras estratégias, como usar a datilologia ou classificador para explicar os conceitos, quando necessários, é bastante significativo, justificando ainda mais pesquisas voltadas para criação e glossarização/dicionarização com formação para o aprendizado dos novos sinais em libras.

Os classificadores representam outra forma de entregar o conhecimento para as Pessoas Surdas. São elementos gramaticais que existem em número restrito e estabelecem um tipo de concordância.

Os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração da mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho em um labirinto, o sinalizador deve usar um classificador em que a configuração da mão (referindo à pessoa) move-se em ziguezague para descrever um carro andando, o sinalizador produz uma configuração de mão em “B”, que se refere a veículos. Essas configurações de mão ocorrem em predicados que especificam a locação de um objeto (por exemplo, a posição de um relógio, uma folha de papel ou um copo) ou a forma de um objeto (por exemplo, uma vara fina e comprida). (Quadros & Karnopp, 2004, p. 93)

Em âmbito geral, entende-se que a inclusão de Pessoas Surdas em ambientes predominantemente ouvintista, como são as Instituições inclusivas, necessariamente, precisam lidar com duas línguas: a língua que as pessoas ouvintes fazem uso oralmente e a língua visuoespacial, natural das Pessoas Surdas.

A importância da construção de tecnologias capazes de contribuir nas formações para a inclusão é uma urgência que pode sanar lacunas existentes em âmbito educacional e nas próprias comunidades camponesas. Percebe-se nesta pesquisa que mesmo docentes e intérpretes de Libras, portanto, profissionais bilingues, desconhecem muitos dos termos

utilizados nos meios educacionais e/ou nas comunidades agrícolas, provando a necessidade de avançar nas pesquisas terminológicas e de criação de sinais.

Tais conhecimentos contribuem com a inclusão de Pessoas Surdas de forma eficaz. Portanto, um dos principais objetivos após esta pesquisa é contribuir através de formações da língua de sinais e possibilitar melhoras no processo de interação entre Pessoas Surdas, docentes, intérpretes, sujeitos envolvidos em cursos das áreas Agrárias e Meio Ambiente, assim como entre pessoas do campo, as quais fazem uso da língua de sinais na perspectiva da semântica camponesa.

O glossário apresentado, indubitavelmente, contribuirá nas formações para os sujeitos envolvidos na inclusão de Pessoas Surdas no meio educacional voltado ao campo, serão formas de disponibilizar o conhecimento pesquisado e colaborar com a atuação de profissionais da área, minimizando as diferenças linguísticas, além de proporcionar possibilidades de melhora na interação e conseqüentemente, permitir o desenvolvimento cognitivo e facilitar o entendimento de assuntos relativos à área camponesa por Pessoas Surdas envolvidas neste locus.

É válido destacar que esta pesquisa não se encerra por aqui, ao contrário, ela representa apenas um passaporte para adentrar, futuramente, em águas terminológicas mais profundas. Há um rio caudaloso de termos e expressões que ainda precisa ser explorado; há muitos estudantes e docentes à espera de auxílio nessa área, portanto, na missão de manter a luta por uma educação mais equitativa, nos propomos a continuar a investigação e ampliar este acervo, além de continuarmos nossas reflexões linguísticas e inclusivas no campo.

Após a pesquisa, segue tabela com os cinquenta termos utilizados e finalizados em processos de criação, validação, catalogação; incluídos no produto dessa dissertação, glossário intitulado: “Termos da Agricultura Familiar em Libras”. Logo após, a tabela contendo os doze termos inicialmente pesquisados e em seguida, a tabela com os termos excluídos (por apresentarem quantitativo de conhecimento do sinal acima do proposto como critério de seleção ou por não terem sido criados em Libras pelo coletivo/comunidade surda, como já mencionado):

Tabela 2 - Resultado do questionário de pesquisa II

Termos selecionados para criação/validação/catalogação de sinais em libras. Quantidade de participantes que conhecem e/ou utilizam os termos em Libras, Classificador, Datilologia Datilologia e Classificador/ Libras, Classificador e Datilologia e quantitativo sem respostas.									
Nº	Termos em Língua Portuguesa	Libras	Classificador	Datilologia	*	**	***L/	****	Total de sujeitos da pesquisa
					L/ C L	D/ CL	CL/ DAT	S/ RES	

1	Agricultura de subsistência	1	11	34	2	1	0	0	49
2	Agricultura orgânica	0	12	35	0	2	0	0	49
3	Agrobiologia	2	9	37	0	1	0	0	49
4	Agroecologia	1	9	36	1	1	0	1	49
5	Agroecossistemas	3	5	37	0	2	1	1	49
6	Agrotóxico	3	11	33	0	1	1	0	49
7	Agronegócio	4	11	29	2	2	0	1	49
8	Agricultura sustentável	2	15	24	1	3	1	3	49
9	Abanação	1	6	36	0	1	1	4	49
10	Aceiro	0	7	36	0	2	1	3	49
11	Adubo químico	2	14	30	0	3	0	0	49
12	Adubo orgânico	1	18	28	0	2	0	0	49
13	Afluentes	2	15	27	1	3	0	1	49
14	Amontoa	6	7	24	0	0	1	11	49
15	Alvião	2	5	38	0	2	0	2	49
16	Arar	7	15	21	1	3	1	1	49
17	Antrópico	4	9	34	0	2	0	0	49
18	Apicultura	7	17	22	0	2	0	1	49
19	Aquicultura	6	14	25	0	1	1	2	49
20	Declive (área com declividade)	4	15	25	0	3	1	1	49
21	Área de capoeira	4	18	25	0	1	1	0	49
22	Assoreamento	4	13	29	0	2	1	0	49
23	Áxilo	1	11	32	0	3	0	2	49
24	Balaio	4	14	28	0	3	0	0	49
25	Beneficiamento do produto	1	18	26	0	3	0	1	49
26	Leira	1	15	27	0	3	0	3	49
27	Pulverização	1	23	18	2	2	0	3	49
28	Pragas	7	22	16	1	1	1	1	49
29	Inseticida	8	19	18	1	3	0	0	49
30	Coroamento	1	10	34	0	2	0	2	49
31	Coveamento	5	14	24	1	1	0	4	49
32	Cultura anual	6	16	24	1	1	0	1	49

33	Curva de nível	1	14	29	0	3	0	2	49
34	Campesinato	1	9	34	1	2	0	2	49
35	Educação politécnica	3	9	28	0	2	0	7	49
36	Destocar	2	14	26	0	2	0	5	49
37	Destorrear o solo	1	13	31	0	2	0	2	49
38	Erosão	6	17	22	0	3	0	1	49
39	Escarificar o solo	2	9	33	0	3	0	2	49
40	Feijão macáçar	3	13	27	0	4	0	2	49
41	Forrageira	1	12	30	0	4	0	2	49
42	Fungo	7	10	27	0	3	1	1	49
43	Herbicida	5	13	26	0	3	0	2	49
44	Material orgânico	3	20	22	0	3	0	1	49
45	Olerícola	1	7	37	0	1	0	3	49
46	Produtividade	5	18	23	0	1	0	2	49
47	Raiz Pivotante	1	13	30	1	2	0	2	49
48	Ureia	2	4	39	0	3	0	1	49
49	Revolução verde	2	12	33	1	1	0	0	49
50	Transgênico	4	11	31	0	2	1	0	49
Total de termos aptos para pesquisa									50

Fonte: elaborado pela autora, 2020

*L/CL = Libras e classificador **D/CL = datilologia e classificador ***L/CL/DAT= Libras, classificador e datilologia

Tabela 3 - Resultado do questionário de pesquisa - termos excluídos

Termos excluídos por estar acima do quantitativo proposto como critério de seleção ou *não criação de sinais pelo coletivo e comunidade surda									
Quantidade de participantes que conhecem e/ou utilizam os termos em Libras, Classificador, Datilologia e Classificador/ Libras, Classificador e Datilologia e quantitativo sem respostas.									
Nº	Termos em Língua Portuguesa	Libras	Classificador	Datilologia	*L/CL	**D/CL	***L/CL/DAT	****S/RES	Total de sujeitos da pesquisa
1	Agricultura familiar	10	13	19	3	4	0	0	49
02	Abate	3	18	24	0	1	1	2	49
03	Arame	11	15	20	0	2	1	0	49
04	Armazenar	16	14	14	1	1	2	1	49
05	Assentamento	11	16	16	1	4	0	1	49
06	Balizamento	1	11	33	0	3	0	1	49

07	Brota a planta/ germinar	15	17	12	1	2	1	1	49
08	Poda	8	22	15	2	2	0	0	49
09	Solo	22	10	14	2	1	0	0	49
10	Quilombos	12	15	18	0	3	1	0	49
11	Sementes	17	16	14	0	1	1	0	49
12	Sustentabilidade	15	12	20	0	2	0	0	49
Total de termos excluídos									12

Fonte: elaborado pela autora, 2020

*L/CL = Libras e classificador **D/CL = datilografia e classificador ***L/CL/DAT= Libras, classificador e datilografia

Após resultado da pesquisa inicial e presencial com profissionais das linguagens, professores de Libras e Intérpretes do Estado e Município, além das pesquisas em dicionários, iniciamos contato com integrantes da comunidade surda, professores de Institutos e Universidades para compor um coletivo de análise e proposta dos sinais desconhecidos. Formou-se um total de dezenove participantes surdos/surdas e ouvintes. Por conta do contexto de isolamento vivido, foi necessário criar um grupo no *WhatsApp*, a fim de promover maior facilidade na comunicação. Cada integrante ficou responsável em pensar e propor sinais para três termos. Além do grupo no *WhatsApp*, foram realizados três encontros por plataforma virtual para apresentação e discussão das propostas de sinais. Foi entregue a cada membro, material contendo os termos, imagens e seu significado em língua portuguesa, antes dos encontros, a fim de contribuir para a imersão no signo linguístico e melhor devolutiva em sinais. Ainda, quando necessário, foi repassado o significado do termo em libras para integrantes surdos através de chamadas por vídeo pelo *WhatsApp* e plataformas on-line, o que facilitou grandemente o fluxo contínuo de informações.

Para aprofundar conceitos dos termos selecionados, foi necessário ainda, fazer a pesquisa com professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente. O objetivo dessa etapa, foi averiguar conceitos dos significantes propostos. Almejávamos saber qual semântica do sistema linguístico como componente do sentido das palavras, melhor caberia para compor um campo semântico voltado à Agricultura Familiar.

O grupo focal foi formado por dez participantes distribuídos em dois encontros em plataforma virtual. As discussões perpassaram por afirmar conceitos intrínsecos das áreas de conhecimento focado na Agricultura Familiar. Foram verificados termos e imagens que melhor se enquadrasse aos seus significados.

Ressalta-se algumas contribuições do grupo focal para o avanço da pesquisa e produto. O termo campesino foi ressaltado pelas discussões no grupo como sendo um termo em espanhol. Após breve explicação, foi feita a sugestão de usar o termo camponês ou melhor

ainda, agricultor familiar, observando ainda que todo camponês é agricultor familiar, mas nem todo agricultor familiar é camponês. [...] *Jo campesinato, usando o conceito da professora Nazaré Wanderley, é um tipo de agricultor familiar, mas você tem outros tipos.*” (GRUPO FOCAL, 2021).

O termo agroecologia, que inicialmente constava no material elaborado como “uma forma de agricultura sustentável que retoma as concepções agronômicas anteriores à chamada Revolução Verde”, retirado do <www.ecycle.com.br> foi problematizado pelo grupo focal. Dois membros do grupo avaliaram o conceito acima como reducionista e os demais concordaram, sugerindo, então, o conceito trabalhado por Gliessmann (2001) e citado por Alberto Felden (2005): “[...] para Gliessmann (2001), é a aplicação dos princípios e conceitos da ecologia ao desenho e manejo de Agroecossistemas sustentáveis.” Além do conceito de Gliessmann (2001) citado pelos professores do grupo focal, Felden (2005) ainda traz o conceito de Agroecologia por Altieri (1989): “a agroecologia é uma ciência emergente que estuda os Agroecossistemas integrando conhecimentos de agronomia, Ecologia, Economia e Sociologia. E por fim, Felden (2005) elabora e conceitua Agroecologia: [...] consideramos que a Agroecologia é uma ciência em construção, com características transdisciplinares integrando conhecimentos de diversas outras ciências e incorporando, inclusive, o conhecimento tradicional, porém este é validado por meio de metodologias científicas (mesmo que, às vezes, sejam métodos não-convencionais)”. (FEIDEN, 2005, p.53)

O grupo focal também analisou as imagens vinculadas aos termos que comporão o glossário. Várias contribuições foram acatadas por nós, a exemplo, temos a orientação das imagens do termo Agroecologia. Um integrante do grupo sugeriu inserir a primeira imagem, a qual é representativa da décima primeira edição do Congresso Brasileiro de Agroecologia - ABA. A imagem foi validada no sentido de dar visibilidade ao debate de gênero, o qual evidencia que Agroecologia tem sido bastante discutida por cientistas homens e na atualidade esse debate está eclodindo também em vozes de cientistas mulheres. Nós aderimos a representatividade feminina em todos os debates e concordamos com a validação do grupo focal. As imagens abaixo, farão parte do glossário.

Figura 35 - Imagem para o Glossário



Fonte: <https://aba-agroecologia.org.br/Acesso> em 03 de jan de 2021

Figura 36 - Imagem para o Glossário



Fonte: <http://biblioteca.emater.tche.br:8080/pergamumweb/vinculos/000005/000005f5.pdf>. Acesso 03 de jan 2021

As investigações dos termos em dicionários de Libras foram processuais. Dos cinquenta termos pesquisados no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil, de Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins (2017), foram encontrados: *balaio*, *agrotóxico*, *forrageira*, *arar*, *erosão* e *fungo*. Apesar da existência desses termos em um dicionário escrito, decidimos incluí-los no glossário, pois são termos importantes para a semântica camponesa e tiveram entre quarenta e dois a quarenta e oito dos quarenta e nove sujeitos de pesquisa que disseram não os conhecerem em libras. Os sinais foram sugeridos pelo coletivo/comunidade surda como uma proposta a mais de variação linguística.

Os termos formados em língua portuguesa pelo processo de justaposição, foram encontrados apenas em uma ou outra das palavras, sem definir o sentido total do termo justaposto. Foram o caso das palavras *Agricultura de subsistência*, *Agricultura orgânica* e *Agricultura sustentável*, em que o termo *Agricultura* existe em dicionário, mas não consta o outro termo justaposto, assim como também não constam as palavras *subsistência*, *orgânica* e *sustentável*. Em *Área de capoeira*, as duas palavras foram encontradas separadamente, mas no sentido de *capoeira* como arte marcial afro-brasileira e não como vegetação.

Cultura anual, assim como os termos *Curva de nível*; *Educação politécnica*; *Destorroar o solo*; *Feijão macáçar*; *Material orgânico*; *Raiz Pivotante* e *Revolução verde* seguem o mesmo exemplo de *Área de capoeira*, existindo o conceito de um dos termos ou dos dois separadamente. No caso de *Cultura anual*, foi encontrado o termo *cultura* como arte, crença, leis, costumes etc. e não no sentido de cultivo da terra. Em pesquisa com o grupo de professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente (grupo focal) houve uma sugestão para o uso do termo *cultivo anual* em substituição à *cultura anual*.

O grupo de professores das Áreas Agrárias justificou a troca do termo *cultura anual* para *cultivo anual* pelo fato de o termo *cultura* ser polissêmico, dando espaço para o entendimento da complexidade cultural dos povos, das crenças, artes, leis, moral, costumes e hábitos adquiridos através da convivência social, enquanto o significante *cultivo*, também nomeado para designar culturas que concluem seu ciclo produtivo em um ano ou menos, pareceu ser

composto de uma semântica mais coerente com o significado. Por esse motivo, escolhemos manter a sugestão do grupo focal, usando o termo *cultivo anual* para a continuidade da pesquisa.

Os cinquenta termos foram pesquisados no dicionário do INES on-line <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. O dicionário on-line do INES é composto de uma janela com várias opções. A primeira opção é a escolha da busca, se por *palavra, exemplo, acepção* ou *assunto*. Ao fazer a escolha, abre-se um retângulo abaixo com as palavras, outro com a configuração de mão referente ao termo escolhido e o vídeo do termo em libras. Abaixo seguem a *acepção, exemplo de frase em língua portuguesa* e *exemplo de frase em libras*, além da *imagem, classe gramatical* e *origem das palavras*. Dentre os termos pesquisados o verbo *arar* foi encontrado no dicionário e aderimos ao mesmo sinal, incluindo o termo no glossário pelos mesmos motivos, os quais incluímos os outros termos citados acima.

O termo *fungo*, não foi encontrado nos “Dicionários de Língua de Sinais do Brasil” de Capovilla et al; também não o foi em “Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas Pessoas Surdas”, de Honora, et al. O termo *Fungo*, em Sinal, foi encontrado no dicionário de biologia do grupo de estudos de pequenas empresas e empreendedorismo: <http://epeem.cp.utfpr.edu.br/> também foi encontrado no site do “Núcleo de Estudos em Diversidade e Inclusão de Surdos (NUEDIS): <https://www.youtube.com/channel/UCLcZAoXCMIBhyHMOyptI00g/about>.” Os sites acima, informam o sinal de *fungo* tal como os membros do coletivo/comunidade surda repassaram. Todavia, encontramos outros sinais para o termo *fungo*, em um site com título: biociência em sinais: <[https://www.youtube.com/watch?v=B5ml6HcZ83g&ab_channel=Bioci%C3%Aancia semsinais](https://www.youtube.com/watch?v=B5ml6HcZ83g&ab_channel=Bioci%C3%Aancia+semsinais)>. Este site mostra um sinal com variação linguística que o diferencia das outras propostas e não será utilizado para este estudo, pois a comunidade surda da região local pesquisada não faz o seu uso. O sinal apresentado na ficha lexicográfica abaixo é compatível com os dois primeiros sites.

As pesquisas lexicográficas e terminológicas são metódicas e deverasmente trabalhosas. Apesar de demandar dedicação total da pesquisadora, bem como contar com todo apoio da orientadora, dos esforços da comunidade surda, dos coletivos de professoras, professores que criaram os sinais, dos profissionais das Áreas Agrárias que validaram conceitos, além do primoroso trabalho do professor Sinésio Filho, pesquisador da SignWriting no Brasil e fundamental para a catalogação da escrita de sinais no corpo das fichas e glossário, não foi possível esgotar todas as nuances e detalhes que podem e devem ser aprimorados em pesquisas posteriores.

4.1 ANÁLISE DOS TERMOS EM FICHAS LEXICOGRÁFICAS

A partir das pesquisas realizadas com os três coletivos formados, das reuniões virtuais e presenciais para a criação em Língua de Sinais Brasileira dos termos apresentados, da validação de termos da semântica focada na Agricultura Familiar em Língua Portuguesa e das pesquisas dos termos em dicionários físicos e virtuais, seguem as fichas lexicográficas, conforme informações explicadas em seguida. As fichas estão disponibilizadas em ordem alfabética com análise dos parâmetros em Libras e apresentação e descrição de cada termo pesquisado. Nelas, constam as seguintes informações:

1. Especifica o projeto e numeração em ordem crescente.
2. Apresenta o termo em Língua Portuguesa.
3. Indica a classe gramatical de cada um dos termos.
4. Define o termo.
5. Expõe as imagens de cada momento dos sinais.
6. Indica a quantidade de mãos para a realização do sinal.
7. Apresenta a imagem do primeiro parâmetro do sinal e transcrição do parâmetro, de acordo com as especificações abaixo:

(a) e (b) respectivamente mostram a configuração de mãos direita e esquerda, sendo que (a.1) e (b.1) refere-se ao número correspondente à configuração de mãos, conforme tabela de configuração de mãos estruturada por Nascimento, (2009).

(c) e (d) explicam o tipo de ação da mão direita e esquerda respectivamente, se ativa ou de apoio ou ainda sem parâmetro algum.

(e) e (f) expõem a orientação da mão: se estão direcionadas para cima, para baixo, para dentro, para fora, para o lado contralateral (esquerdo) ou ipsilateral (direito), conforme estudos linguísticos de Ferreira Brito (1995).

O quadro (g) analisa o ponto de articulação conforme quadro adaptado de Friedman (1997) e Ferreira Brito e Langevin (1995) por Quadros e Karnopp (2004) que divide a localização feito pelo sinal em quatro principais regiões: cabeça (Topo da cabeça, testa, rosto: parte superior do rosto, parte inferior do rosto, orelha, olhos, nariz, boca, bochechas, queixo), mão (palma costas das mãos lado do indicador lado do dedo mínimo dedos ponta dos dedos dedo mínimo anular dedo médio indicador polegar) tronco (pescoço ombros busto estômago cintura braços braço antebraço cotovelo pulso) e espaço neutro.

O movimento dos sinais estruturados no quadro (h), será apenas evidenciado se existe ou não, assim como a expressão facial (i) e expressão corporal (j), deixando análises mais

aprofundadas para estudos posteriores.

8. Apresenta a imagem do segundo parâmetro do sinal e transcreve o parâmetro: a configuração de mãos direita e esquerda, o número correspondente à tabela de configurações, o tipo de ação das mãos direita e esquerda, a orientação da palma direita e esquerda, o ponto de articulação, o movimento, a expressão facial e expressão corporal, conforme especificado no quadro 7.
9. Apresenta a imagem do segundo parâmetro do sinal e transcreve o parâmetro: a configuração de mãos direita e esquerda, o número correspondente à tabela de configurações, o tipo de ação das mãos direita e esquerda, a orientação da palma direita e esquerda, o ponto de articulação, o movimento, a expressão facial e expressão corporal, conforme especificado no quadro 7.

É importante destacar que os quadros 8 e 9 seguem a mesma lógica do quadro 7 e dependendo da quantidade de parâmetros (foto na ficha) serão acrescentados ou excluídos os quadros para análise.

As fichas ainda dispõem de um quadro lateral direito, o qual transcreve para o SignWriting os sinais analisados. O SignWriting, “[...] é um sistema de escrita utilizado para registrar a língua de sinais. É uma palavra de origem inglesa e no Brasil é denominada de Escrita de Sinais” (Gonçalves Filho, 2018, p. 25). A língua de sinais não é ágrafa, como pensávamos antes. A única forma que tínhamos para registrar as línguas de sinais era em vídeos cassetes. Esta forma de registro tem passado por mudanças tecnológicas, mas os vídeos são muito importantes e a comunidade surda faz excelente uso deles.

4.2 ESCRITA DE SINAIS - SIGNWRITING

O SignWriting é uma forma escrita de registro. É uma maneira exuberante e rica de mostrar as formas das línguas de sinais. Através dele, pode-se expressar movimentos, formas das mãos, marcas não manuais e pontos de articulação.

Valerie Sutton em 1974 foi a criadora de um sistema de escrita de danças. Pesquisadores dinamarqueses procuravam formas para escrever sinais e encontraram na Dancewriting, uma possibilidade de desenvolver a grafia dos sinais. Inicia-se a partir daí a criação de um sistema de escrita das línguas de sinais. Os registros feitos pela Valerie Sutton estão na homepage do Sign Writing <<http://www.signwriting.org>>. (QUADROS, 1999)

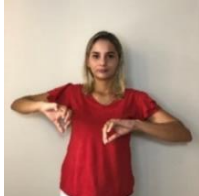
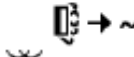
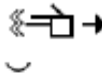
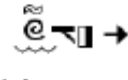
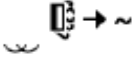
Muitos autores utilizam, recomendam e reconhecem o sistema SignWriting enquanto possibilidade escrita para a Libras. Barreto, (2015) a partir de estudos de Dallon (2012) afirma

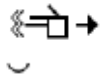
e enumera esse reconhecimento acadêmico, listando: Avelar (2008, p.381); Campelo (2007, p.129); Leite & McCleary (2008, p.255, 268) Marques (2007, p.139) Marques & Oliveria (2008, pp.420-421); Nicoloso & Silva (2008, p.97); Perlin (2007, p.11); Quadros, Cerny & Pereira (2008, p. 78); Spisa (2008, p. 210); Stumpf (2008a,p. 18; 2008b, pp. 427-451) e Vieira-Machado (2008, p.223) como alguns estudos nessa área.

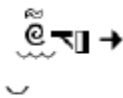
Para o acréscimo da Escrita de Sinais no glossário, contamos com o trabalho do professor pesquisador em SignWriting, Gonçalves Filho, o qual através de reuniões on-line, possibilitou o acesso a maiores conhecimentos, além de contribuir imensamente com o produto desta pesquisa, especificamente na escrita de sinais.

Seguem abaixo as fichas léxico-terminológicas com os 50 termos pesquisados. É importante destacar a contribuição da aluna Flávia Nascimento como modelo para compor as fichas e o glossário. A aluna faz o Curso Técnico em Agropecuária no IFPA Campus Castanhal, é membro da comunidade surda e faz uso fluente da Libras, sua língua materna. Além da Flávia, para compor as imagens do glossário, tivemos a colaboração da Filósofa quilombola, educadora experiente nas artes cênicas com foco em linguagem corporal: Joyce Lima. As duas mulheres que aceitaram compor as fichas e o glossário, carregam a diversidade fenotípica no corpo. E mesmo não sendo alvo de nossas discussões e ainda ser pauta subliminar, esperamos com nossas escolhas, pontuar também a preocupação com a surdez, gênero e raça a partir da contribuição das participantes/colaboradoras da pesquisa. Também é importante destacar a participação do estudante da graduação em Informática, Vinícius Azevedo, o qual tem se aproximado do mundo surdo e da língua de sinais, significativamente.

Ficha terminológica nº 01

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número: 01	
(2) Termo: ABANAÇÃO				
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular				
(4) Definição em português: – Operação mecânica pela qual se separa a palha dos grãos dos cereais. (Ormond, 2006)				
(5) Fotos do sinal:				   
				
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:13 Grupo 5	
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:13 Grupo 5	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado direito (ipsilateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado esquerdo (contralateral)	

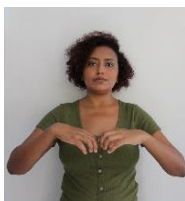
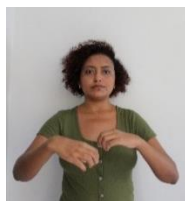
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO10)	(a.1) Número:06 Grupo 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO10)	(b.1) Número:06 Grupo 10
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO3)	(a.1) Número:39 Grupo 3
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO3)	(b.1) Número:39 Grupo 3
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro

(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:10 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:10 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 02

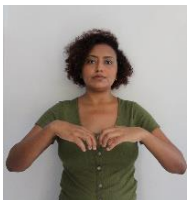
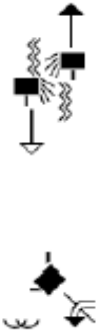
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar		Número:02	
(2) Termo: ACEIRO			
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular			
(4) Definição em português: * Faixa sem vegetação que divide uma área florestal ou uma lavoura, de modo a evitar a propagação de incêndios ou pragas. (ORMOND, 2006, p.11)			
* Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número: 54 Grupo 2
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 54 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 03

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar		Número:03	
(2) Termo: ADUBO ORGÂNICO			
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular			
(4) Definição em português: São substâncias utilizadas na agricultura formada por resíduos de diferentes origens (animal, vegetal e mineral) que contenham elevados teores de componentes orgânicos como carbono, celulose, lipídios, graxas, carboidratos etc. Ormond, 2006 O adubo orgânico é constituído de resíduos de origem animal e vegetal como folhas secas, gramas, restos vegetais, restos de alimentos, esterco animal e tudo mais que se decompõem. ... Esses materiais sofrem decomposição e podem ser produzidos pelo homem por meio da compostagem. https://agropos.com.br/98dubação-organica Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:12 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:12 Grupo 5
© Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim

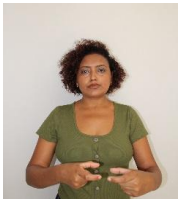
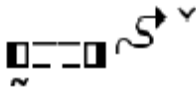
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:12 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:12 Grupo 5
© Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 04

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:04
(2) Termo: ADULBO QUÍMICO			
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular			
(4) Definição em português: Substância ou composto de origem química ou petroquímica que favorece o desenvolvimento de plantas e outros vegetais quando misturadas à terra de forma direta ou diluídas em água (fertilização e hidroponia). (ORMOND, 2006, p.17) *Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:12 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:12 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita):	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda):	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

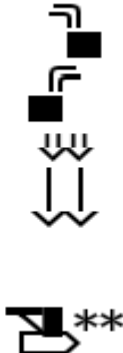
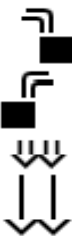
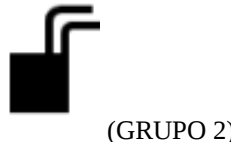
(8) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 6)	(a.1) Número:12 Grupo 6	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 6)	(b.1) Número:12 Grupo 6	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 05

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar		Número:05			
(2) Termo: AFLUENTE					
(3) Classe gramatical: Substantivo					
(4) Definição em português: Rio ou curso d'água que desemboca em um curso de maior volume de água. (ORMOND, 2006, p.18)					
*Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.					
(5) Fotos do sinal:			 		
(6) Quantidade de mãos: 2					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:22  (GRUPO 9)	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:22  (GRUPO 9)
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (ipsilateral)		
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não		
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)					

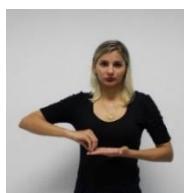
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:22  (GRUPO 9)	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:54  (GRUPO 5)
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado esquerdo (contralateral)	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 06

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:06	
(2) Termo: AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA				
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular				
(4) Definição em português: Produção agrícola voltada unicamente ao consumo do próprio produtor. (ORMOND, 2006, p.20,)				
(5) Fotos do sinal:				
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:42 Grupo 2	
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:42 Grupo 2	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		(grupo 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		(grupo 5)	(b.1) Número: 51 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		(grupo 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		(grupo 5)	(b.1) Número: 51 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 07

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar				Número:07
(2) Termo: AGRICULTURA ORGÂNICA				
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular				
(4) Definição em português: A Lei LEI No 10.831, de 2003 em Art. 1o Considera sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente. Acrescenta que a “finalidade de um sistema de produção orgânico é: I – a oferta de produtos saudáveis isentos de contaminantes intencionais; II – a preservação da diversidade biológica dos ecossistemas naturais e a recomposição ou incremento da diversidade biológica dos ecossistemas modificados em que se insere o sistema de produção; III – incrementar a atividade biológica do solo; IV – promover um uso saudável do solo, da água e do ar, e reduzir ao mínimo todas as formas de contaminação desses elementos que possam resultar das práticas agrícolas; V – manter ou incrementar a fertilidade do solo a longo prazo; VI – a reciclagem de resíduos de origem orgânica, reduzindo ao mínimo o emprego de recursos não-renováveis; VII – basear-se em recursos renováveis e em sistemas agrícolas organizados localmente; VIII – incentivar a integração entre os diferentes segmentos da cadeia produtiva e de consumo de produtos orgânicos e a regionalização da produção e comércio desses produtos; IX – manipular os produtos agrícolas com base no uso de métodos de elaboração cuidadosos, com o propósito de manter a integridade orgânica e as qualidades vitais do produto em todas as etapas.				
Retirado de < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.831.htm > Acesso em 15 de novembro de 2020.				
(5) Fotos do sinal:				   
				
(6) Quantidade de mãos:				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				   

(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 2)	(a.1) Número: 42 Grupo 2
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 2)	(b.1) Número: 42 Grupo 2
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 2)	(a.1) Número:22 Grupo 9
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:52 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 2)	(a.1) Número:20 Grupo 9

(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:52 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número: 08 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 52 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 08

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar				Número:08	
(2) Termo: AGRICULTURA SUSTENTÁVEL					
(3) Classe gramatical: Substantivo					
(4) Definição em português: Manutenção da produtividade e da produção agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais, buscando o equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes e outros organismos coexistente. (ORMOND, 2006, p.21) * Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.					
(5) Fotos do sinal:					    
					
(6) Quantidade de mãos:					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				   	
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:42  GRUPO 1	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:42  GRUPO 1
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		(f) Orientação da palma (esquerda)	ara baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	

(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (início do sinal)		 	
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:  GRUPO 5	(b) Configuração de mão (esquerda):  (b.1) Número:42  GRUPO 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado contralateral	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para frente
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (início do sinal)		 	
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Número: 12  GRUPO 5	(b) Configuração de mão (esquerda):  (b.1) Número:51  GRUPO 5	

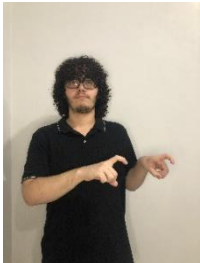
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 09

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar				Número:09	
(2) Termo: AGROBIOLOGIA					
(3) Classe gramatical: Substantivo					
(4) Definição em português: Ramo da ciência que utiliza os conhecimentos da biologia nas suas relações com a agricultura. (Ormond, 2006) Estudo da nutrição e crescimento de plantas e da produção de colheitas, em relação ao cultivo do solo; biologia agrícola. (https://www.dicio.com.br/)					
*Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.					
(5) Fotos do sinal:					 
					
(6) Quantidade de mãos: 2					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:14  (GRUPO 5)	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:13  (GRUPO5)
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo - contralateral		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

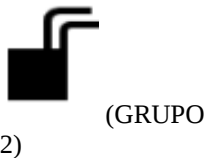
(8) Parâmetros do sinal (segundo movimento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:58	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:13
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo - contralateral		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	
(9) Parâmetros do sinal (terceiro movimento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:54	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:13
			:		
		(GRUPO 5)			(GRUPO 5)
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo - contralateral		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 10

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:10
(2) Termo: AGROECOLOGIA			
(3) Classe gramatical: Substantivo			
(4) Definição em português: Para Gliessmann (2001), é a aplicação dos princípios e conceitos da ecologia ao desenho e manejo de Agroecossistemas sustentáveis. Para Altieri (1989), a agroecologia é uma ciência emergente que estuda os Agroecossistemas integrando conhecimentos de agronomia, Ecologia, Economia e Sociologia. Consideramos que a Agroecologia é uma ciência em construção, com características transdisciplinares integrando conhecimentos de diversas outras ciências e incorporando inclusive, o conhecimento tradicional, porém este é validado por meio de metodologias científicas (mesmo que, às vezes, sejam métodos não-convencionais). FEIDEN, Alberto. Agroecologia: Introdução e Conceitos. In: AQUINO, A. M., ASSIS, R. L. (Editores Técnicos). Agroecologia – Princípios e Técnicas para uma Agricultura Orgânica Sustentável, pp. 49-70. Embrapa Informação Tecnológica. Brasília, DF. 2005. *Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			 
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			 
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número: 25 Grupo 5

(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 25 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo movimento)			 
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:13 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:51 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Lado esquerdo (contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 11

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:11	
(2) Termo: AGROECOSSISTEMA				
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular				
(4) Definição em português: Para Gliessmann (2001), Agroecologia é a aplicação dos princípios e conceitos da ecologia ao desenho e manejo de Agroecossistemas sustentáveis. Para Altieri (1989), a agroecologia é uma ciência emergente que estuda os Agroecossistemas integrando conhecimentos de agronomia, Ecologia, Economia e Sociologia. Consideramos que a Agroecologia é uma ciência em construção, com características transdisciplinares integrando conhecimentos de diversas outras ciências e incorporando inclusive, o conhecimento tradicional porém este é validado por meio de metodologias científicas (mesmo que, às vezes, sejam métodos não-convencionais).				
FEIDEN, Alberto. Agroecologia: Introdução e Conceitos. In: AQUINO, A. M., ASSIS, R. L. (Editores Técnicos). Agroecologia – Princípios e Técnicas para uma Agricultura Orgânica Sustentável, pp. 49-70. Embrapa Informação Tecnológica. Brasília, DF. 2005.				
Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal				
(5) Fotos do sinal:				
(6) Quantidade de mãos:				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:42 Grupo 2	
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:42 Grupo 2	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	

(e) Orientação da palma (direita):	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda):	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	NÃO	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 2)	(b.1) Número:42 Grupo 2
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita):	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda):	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:13 Grupo 5

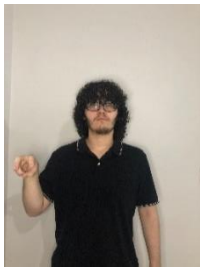
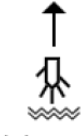
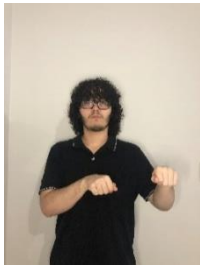
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 2)	(b.1) Número:42 Grupo 2
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

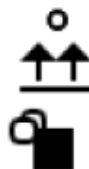
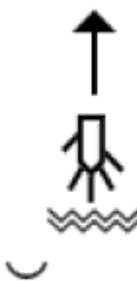
Ficha terminológica nº 12

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número: 12	
(2) Termo: AGRONEGÓCIO				
(3) Classe gramatical: Relações comerciais efetuadas com produtos agrícolas através de atividades de compra e venda. (ORMOND, 2006, p.22)				
(4) Definição em português:				
(5) Fotos do sinal:				
(6) Quantidade de mãos:				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 2)	(a.1) Número: 42 Grupo 2	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 2)	(b.1) Número: 42 Grupo 2	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim - reto	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 9)	(a.1) Número:04 Grupo 9	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 9)	(b.1) Número:04 Grupo 9	

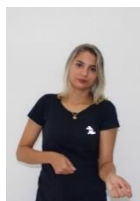
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim - circular
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 9)	(a.1) Número:04 Grupo 9
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 9)	(b.1) Número:04 Grupo 9
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim - circular
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

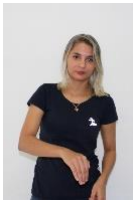
Ficha terminológica nº 13

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:13		
(2) Termo: AGROTÓXICO					
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular					
(4) Definição em português: Denominação genérica dada aos produtos e/ou agentes de processos físicos, químicos ou biológicos destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna com a finalidade de preservá-las da ação seres vivos considerados nocivos. (ORMOND, 2006, p.23)					
* Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.					
(5) Fotos do sinal:					 
					
(6) Quantidade de mãos: 2					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:08  GRUPO 3	(b) Configuração de mão (esquerda):-	-	(b.1) Número:-
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-	
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente		(f) Orientação da palma (esquerda)	-	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

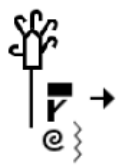
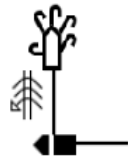
(8) Parâmetros do sinal (Segundo momento)							
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:42  GRUPO 3	(b) Configuração de mão (esquerda):-	-	(b.1) Número:-		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-			
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente		(f) Orientação da palma (esquerda)	-			
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim			
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não			
(9) Parâmetros do sinal (Terceiro momento)							
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:04  (GRUPO 9)	(b) Configuração de mão (esquerda):-		(b.1) Número:-04  (GRUPO 9)		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa			
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para frente			
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim			
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não			

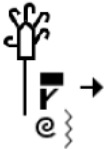
Ficha terminológica nº 14

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número: 14	
(2) Termo: ALVIÃO				
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular				
(4) Definição em português: Instrumento de ferro constituído de um cabo de madeira, uma lâmina com feição de enxada, de um lado, e uma ponta semelhante à da picareta, do outro, us. para cavar terra dura, arrancar pedras etc.; enxadão, marraco. https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/				
Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal				
(5) Fotos do sinal:				  
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 10)	(a.2) Número: 01 Grupo 10	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(a.2) Número: 01 Grupo 10	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (ipsilateral)	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Sim	

(8) Parâmetros do sinal (Segundo sinal)			
			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 10)	(a.2) Número: 01 Grupo 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(a.2) Número: 01 Grupo 10
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (ipilateral)
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Sim
(9) Parâmetros do sinal (término do sinal)			
			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO5)	(a.2) Número: 01 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):	-	-	(a.2) Número:-
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	-
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Sim

Ficha terminológica nº 15

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número 15	
(2) Termo: AMONTOA				
(4) Classe gramatical: Verbo				
(5) Definição em português: Processo que consiste em cobrir de terra a base das plantas para proteger raízes (ou tubérculos) adventícias ou para que se firmem melhor ao solo. https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/				
Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal				
(8) Fotos do sinal:				  
(9) Quantidade de mãos: 2				
(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.2) Número: 50	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(a.2) Número: 13	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio

(e) Orientação da palma (direita)	Para o corpo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.2) Número: 50
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(a.2) Número: 13
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.2) Número: 09

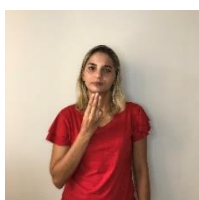
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(a.2) Número:13
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 16

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:16
(2) Termo: ANTRÓPICO			
(3) Classe gramatical: Antrópico – atividades provenientes da ação humana. Ormond, 2006 – (grifo nosso). Resultado da ação humana, especialmente em relação às modificações no ambiente, na natureza, causadas por essa ação. https://www.dicio.com.br (grifo nosso) Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal			
(4) Definição em português:			
(5) Fotos do sinal:			
			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:31  GRUPO 9
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:31  GRUPO 9
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim (circular)
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			

(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:31
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:31
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim (circular)
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:31
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:31
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim (circular)
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

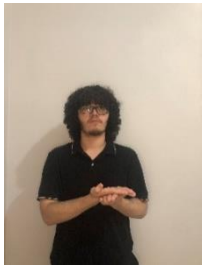
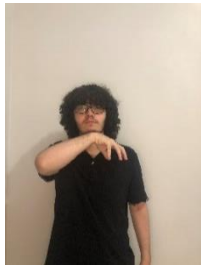
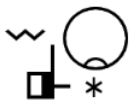
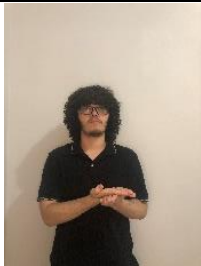
Ficha terminológica nº 17

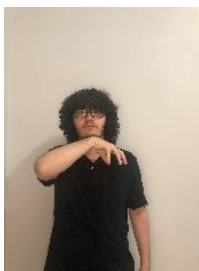
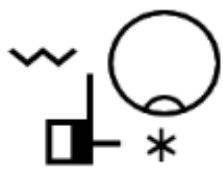
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:17
(2) Termo: APICULTURA			
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular			
(4) Definição em português: Criação de abelhas para a produção de mel, ceras, própolis e outros derivados. As práticas mais comuns são a apicultura fixa (colméias não se deslocam) e apicultura itinerante ou migratória (colméias são deslocadas). (ORMOND, 2006, p.32)			
(5) Fotos do sinal:			 
			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (primeiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 6)	(a.1) Número:48
(b) Configuração de mão (esquerda):	-	-	(b.1) Número:-
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-

(e) Orientação da palma (direita):	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda):	-
(g) Ponto de articulação:	Boca	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 6)	(a.1) Número:48
(b) Configuração de mão (esquerda):	-	-	(b.1) Número:-
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-
(e) Orientação da palma (direita):	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda):	-
(g) Ponto de articulação:	Boca	(h) Movimento:	-
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	-
(9) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 6)	(a.1) Número:48
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número:06

(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para fora
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(10) Parâmetros do sinal (quarto momento)			 
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 6)	(a.1) Número:48
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número:06
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para fora
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 18

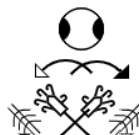
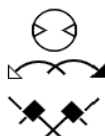
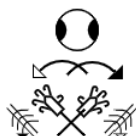
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar				Número:18	
(2) Termo: AQUICULTURA					
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular					
(4) Definição em português: Cultivo de seres vivos aquáticos plantas e animais (algas, peixes, crustáceos e moluscos etc. (ORMOND, 2006, p.33)					
* Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.					
(5) Fotos do sinal:					  
					
(6) Quantidade de mãos: 2					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:52  GRUPO 5	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:52  GRUPO 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

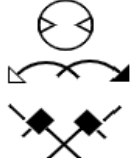
(8) Parâmetros do sinal (Segundo momento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:13  GRUPO 5	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		(f) Orientação da palma (esquerda)	-	
(g) Ponto de articulação:	No queixo		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	
(9) Parâmetros do sinal (Terceiro momento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:31  GRUPO 9	(b) Configuração de mão (esquerda):	-	(b.1) Número:-
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral)		(f) Orientação da palma (esquerda)	-	
(g) Ponto de articulação:	No queixo		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 19

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número: 19
(2) Termo: ARAR			
(3) Classe gramatical: Verbo			
(4) Definição em português: Preparar a terra com o arado, para o cultivo; lavar: arar o terreno. Retirado de https://www.dicio.com.br/arar/ Acesso em 28 de janeiro de 2021.			
(5) Fotos do sinal:	 		
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 1)	(a.1) Número:25 Grupo 1
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 1)	(b.1) Número:25 Grupo 1
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

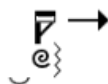
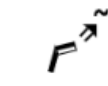
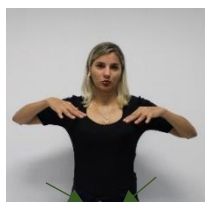
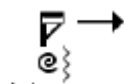
Ficha terminológica nº 20

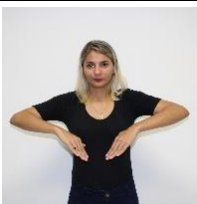
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:20
(2) Termo: ÁREA DE CAPOEIRA			
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular			
(4) Definição em português: Mata que se corta ou derruba para lenha ou outros fins. Mato fino que cresceu onde foi derrubada a mata virgem. https://www.dicio.com.br/capoeira/			
(5) Fotos do sinal:			  
			
(6) Quantidade de mãos:			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:13 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:13 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:13 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:13
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Espaço neutro
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número: Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):	-	-	(b.1) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	-
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	
(10) Parâmetros do sinal (segundo momento)			

(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 9)	(a.1) Número: Grupo 9
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 9)	(b.1) Número: Grupo 9
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	ATIVA
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro/Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro/Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	Não

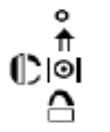
Ficha terminológica nº 21

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:21	
(2) Termo: ASSOREAMENTO				
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular				
(4) Definição em português: É o processo de deposição de sedimentos em margens ou leito de rios, lagos, reservatórios, baías e oceanos. (Grifo nosso) (ORMOND, 2006, p.37)				
Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal				
(5) Fotos do sinal:				   
				
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (Grupo 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (Grupo 5)	(b.1) Número:09 Grupo 5	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro	

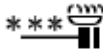
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (Grupo 5)	(a.1) Número:51 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (Grupo 5)	(b.1) Número:51 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (Grupo 9)	(a.1) Número:31 Grupo 9
(b) Configuração de mão (esquerda):	-	-	(b.1) Número:-
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado (contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	-
(g) Ponto de articulação:	Queixo	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

(10) Parâmetros do sinal (quarto momento)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (Grupo 5)	(a.1) Número:54 Grupo 5	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (Grupo 5)	(b.1) Número:54 Grupo 5	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
(10) Parâmetros do sinal (quinto momento)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (Grupo 5)	(a.1) Número:52 Grupo 5	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (Grupo 5)	(b.1) Número:52 Grupo 5	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado - contralateral	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado -Ipsilateral	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

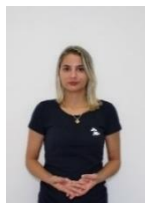
Ficha terminológica nº 22

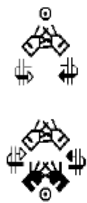
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar		Número:22			
(2) Termo: ÁXILO					
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular					
(4) Definição em português: Diz-se de planta que não produz madeira. ORMOND, 2006, p.39)					
Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal					
(5) Fotos do sinal:					
(6) Quantidade de mãos: 2					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):		 (grupo 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5		
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (grupo 5)	(b.1) Número: 12 Grupo 5		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado - ipsilateral		
(g) Ponto de articulação:	Espaço Neutro	(h) Movimento:	Sim		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não		
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)					

(a) Configuração de mão (direita):		(grupo 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		(grupo 5)	(b.1) Número:12 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado - ipsilateral
(g) Ponto de articulação:	Espaço Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		(grupo 5)	(a.1) Número: 13 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		(GRUPO 10)	(b.1) Número: 04 Grupo 10
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

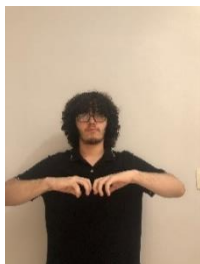
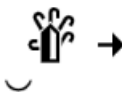
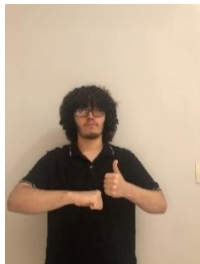
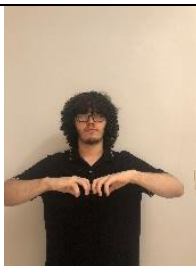
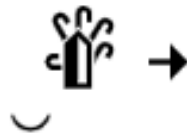
(10) Parâmetros do sinal (quarto momento)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (grupo 5)	(a.1) Número: 13 Grupo 5	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número: 04 Grupo 10	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 23

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar				Número 23
(2) Termo: BALAIO				
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular				
(4) Definição em português: Cesto grande feito de palha, taquara, bambu, cipó etc., usado para transporte ou para guardar objetos;				
Retirado de < https://dicionariocriativo.com.br/significado/balaio > Acesso em 28 de janeiro de 2021.				
(5) Fotos do sinal:				
				
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 4)	(a.2) Número: 55 Grupo 4	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 4)	(a.2) Número: 55 Grupo 4	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

(10) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 4)	(a.2) Número:55 Grupo 4
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 4)	(a.2) Número:55 Grupo 4
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 4)	(a.2) Número: 55
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 4)	(a.2) Número: 55
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para frente
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 24

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar					Número:24	
(2) Termo: BENEFICIAMENTO DO PRODUTO						
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular.						
(4) Definição em português: Todo processo ou tratamento pós-colheita a que é submetido o produto agrícola e que é realizado sob o mesmo programa de gerenciamento e de controle. Pode incluir, mas não se limita, a seleção, lavagem, tratamento térmico para inativação de larvas de insetos, debulha de grãos, secagem e armazenamento.						
Retirado de: < https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/18226/1/MANUALBOASPRATICASAGRICappcc.pdf f> Acesso em 28 de janeiro de 2021.						
* Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.						
(5) Fotos do sinal:					  	
						
(6) Quantidade de mãos: 2						
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)						
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:13  GRUPO 5	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:13  GRUPO 5	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		

(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo
(g) Ponto de articulação:		Espaço neutro	(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:		Não	(j) Expressão corporal:		Não
(8) Parâmetros do sinal (Segundo momento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:52  GRUPO 5	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:03  GRUPO 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	
(9) Parâmetros do sinal (Terceiro momento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:06  GRUPO 5	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:03  GRUPO 10
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	

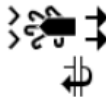
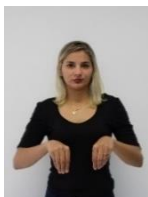
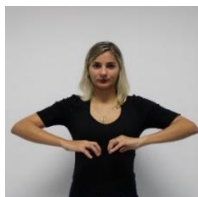
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	
(10) Parâmetros do sinal (Quarto momento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:26  GRUPO 1	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:26  GRUPO 1
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 25

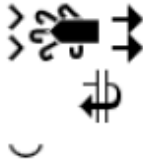
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar				Número 25	
(2) Termo: CAMPESINATO					
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular					
(4) Definição em português: Um dos modos específicos de produção ligado a Agricultura Familiar com características próprias, como: Relação com a natureza; cultura própria; pouca dependência do mercado e de tecnologias modernas; Vida comunitária; Parte de sua produção não vira mercadoria; importância dos grupos domésticos; Objetivo é satisfazer as necessidades familiares de consumo, e não o lucro ou acumulação de capital. (WANDERLEY, 1996) * Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.					
(5) Fotos do sinal:					    
					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				   	
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:25  GRUPO 1	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:25  GRUPO 1
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	

(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (Segundo momento)			
			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:55  GRUPO 4	(b) Configuração de mão (esquerda):   GRUPO 4
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para frente
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 26

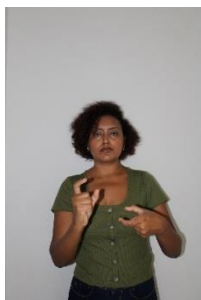
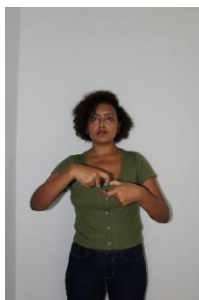
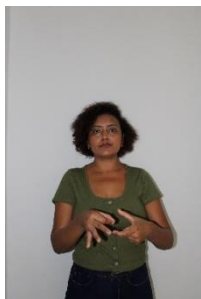
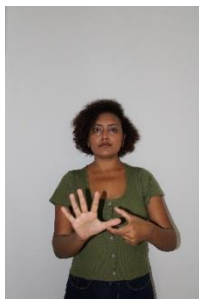
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:26	
(2) Termo: COROAMENTO				
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular				
(4) Definição em português: Capina realizada em volta das plantas; técnica do coroamento que é realizada em volta das plantas. *Corte ao redor da planta em um raio. (GRUPO FOCAL, 2021)				
Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal				
(5) Fotos do sinal:				  
				
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 1)	(a.1) Número:20 Grupo 1	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 1)	(b.1) Número: 20 Grupo 1	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Sem movimento	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 1)	(a.1) Número: 20 Grupo 1	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 1)	(b.1) Número: 20 Grupo 1	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Sem movimento	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
(9) Parâmetros do sinal (terceiro momento)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 1)	(a.1) Número: 20 Grupo 1	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 1)	(b.1) Número: 20	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Sem movimento	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	

(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(10) Parâmetros do sinal (quarto momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (grupo 5)	(a.1) Número: 09 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (grupo 5)	(b.1) Número: 09 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(11) Parâmetros do sinal (quinto momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (grupo 5)	(a.1) Número: 13 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (grupo 5)	(b.1) Número: 13 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo

(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

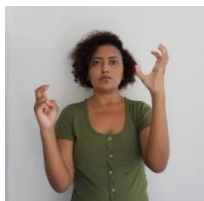
Ficha terminológica nº 27

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:27
(2) Termo: COVEAMENTO			
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular			
(4) Definição em português: Método de fazer covas onde serão plantadas as mudas. Abertura da cova para plantio de muda. “Qual é o nome dado ao preparo do solo para o plantio feito com a enxada? (60) Cova, né? (VBS; M) (61) Cova. (AJ; M) (62) Buraco. (MJB; F) Para coveamento, os informantes empregaram os termos cova e buraco, que são vocábulos adotados pelos produtores rurais e não pelos extensionistas, se comparado a coveamento. Ressalta-se que, ao buscar a lexia coveamento no dicionário utilizado pela investigadora, foi constatada a não existência desta unidade léxica em Houaiss e Villar (2001), o que causou surpresa, visto que este termo é comum na linguagem técnica. (OLIVERIA, 2004, p.72)			
(5) Fotos do sinal:			  
			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (Primeiro e segundo)			
(a) Configuração de mão (direita):		1)  (GRUPO	(a.1) Número:22

(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 9)		(b.1) Número:22
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral) com movimento para baixo		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (Segundo momento)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 9)		(a.1) Número:62
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 9)		(b.1) Número:22
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)
(9) Parâmetros do sinal (Terceiro momento)				

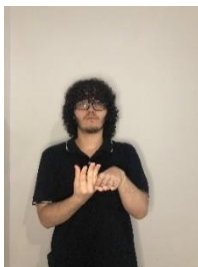
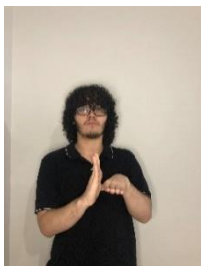
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)		(a.1) Número: 15
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 9)		(b.1) Número: 22
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado (Ipsilateral)
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 28

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar				Número:28	
(2) Termo: CULTIVO ANUAL					
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular					
(4) Definição em português: São culturas que seu ciclo de vida (plantio e colheita) está compreendido no espaço de até um ano como a soja, feijão etc. (ORMOND, 2006) [...] os cultivos anuais, ou culturas anuais, também conhecidas como culturas de ciclo curto, são aquelas que finalizam seu ciclo produtivo em um ano ou em até menos tempo. Após a colheita, há a necessidade de se realizar todas as etapas novamente (preparo do solo, adubação, semeadura, manejo, etc) (PEDROSA, 2014). * Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.					
(5) Fotos do sinal:					
(6) Quantidade de mãos: 2					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:42	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:13
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (Contralateral)		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

(8) Parâmetros do sinal (Segundo momento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:42	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:13
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (Contralateral)		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 29

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:29		
(2) Termo: CURVA DE NÍVEL					
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular					
(4) Definição em português: Plantio que é realizado cortando as águas da chuva; (canteiro; valeta)					
Retirado de https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11460/4/Tese%20O%20l%C3%A9xico%20da%20agricultura%20na%20interea%C3%A7%C3%A3o%20verbal%20-%20Simone%20M.%20R.%20Oliveira%20Vol.%201.pdf					
Técnica para ocupação dos solos em terrenos inclinados, para evitar a erosão.					
Retirado de: https://www.dicio.com.br/curva-de-nivel/#:~:text=Significado%20de%20Curva%20de%20n%C3%ADvel,o%20relevo%20numa%20carta%20geogr%C3%A1fica. Acesso em 28 de janeiro de 2021					
A determinação de curva de nível é o ato de se marcar uma linha formada por vários pontos localizados na mesma altura do terreno. As curvas são feitas para orientação e indicação das práticas de conservação do solo. As curvas de nível são feitas em solos que não são planos.					
Retirado de: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002906.pdf					
* Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.					
(5) Fotos do sinal:					  
					
(6) Quantidade de mãos: 2					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:52	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:09

(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (Segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):	 (a.1) Número:52	(b) Configuração de mão (esquerda):	 (b.1) Número:11
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (Terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):	 (a.1) Número:52	(b) Configuração de mão (esquerda):	 (b.1) Número:52
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

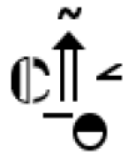
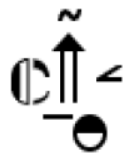
(10) Parâmetros do sinal (último momento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:52	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:14
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral)		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 30

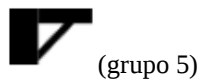
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar		Número:30	
(2) Termo: DECLIVE			
(3) Classe gramatical: Adjetivo. Substantivo.			
(4) Definição em português: Leve inclinação para baixo percebida num terreno e/ou solo; declividade. Diz-se do que se situa numa altura que vai diminuindo quando é percorrida: esta estrada possui um declive.[Por Extensão] Que ou aquilo que está em declínio: nação em declive. Geografia. Numa superfície, o grau de inclinação; declividade.			
Retirado de https://www.dicio.com.br/declive/ . Acesso em 28 de janeiro de 2021			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (grupo 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (grupo 5)	(b.1) Número:09 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

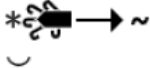
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			 
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:51 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:51 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 31

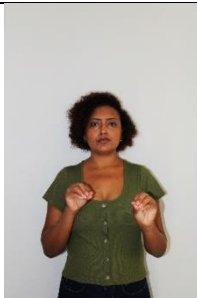
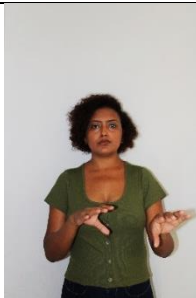
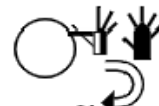
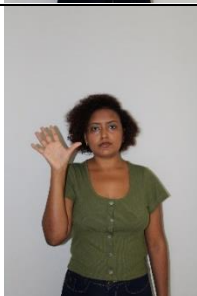
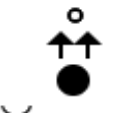
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:31
(2) Termo: DESTOCAR			
(3) Classe gramatical: Verbo			
(4) Definição em português: Consiste em arrancar e destruir todos os tocos existentes no terreno. O destocamento é aconselhado sempre que se deseja obter um maior rendimento da cultura a custos mais baixos. Retirado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002906.pdf . Acesso em 05 de janeiro de 2021. * Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos:			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número: Grupo 1
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número: Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Parar dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

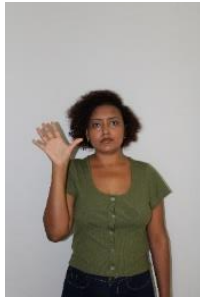
Ficha terminológica nº 32

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar		Número:32	
(2) Termo: DESTORROAR (Destorroar o solo)			
(3) Classe gramatical: Verbo			
(4) Definição em português:			
1. Finalidade de se fazer a gradagem de uma área recém-arada. ⁸			
2. Ato ou efeito de destorroar; desagregação ou esfarelamento de torrões; destorroamento. ⁹			
¹ https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/destorroamento			
² Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número: 09 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número: 09 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita):	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda):	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:12 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 12 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

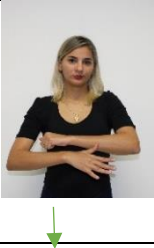
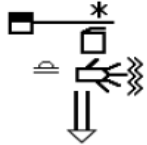
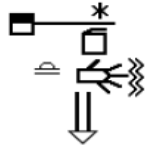
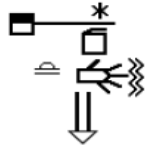
Ficha terminológica nº 33

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:33	
(2) Termo: EDUCAÇÃO POLITÉCNICA				
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular				
(4)* Definição em português: Trata-se da união entre formação intelectual e trabalho produtivo que, no texto do Manifesto, aparece como “unificação da instrução com a produção material” Caldart apud Saviani (2003) A educação politécnica resulta, assim, no plano contraditório da necessidade do desenvolvimento das forças produtivas das relações capitalistas de produção e da luta consciente da necessidade de romper com os limites intrínsecos e insanáveis destas mesmas relações. (Caldart, 2012) Educação Politécnica é a Educação Integrada para o mundo do trabalho . É pautada pelo princípio educativo do trabalho, com currículo integrado. (Grupo Focal_2021) * Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.				
(5) Fotos do sinal:				  
				
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:09 Grupo 5	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	

(e) Orientação da palma (direita)	Para frente	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para frente
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (Segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número: 61 Grupo 9
(b) Configuração de mão (esquerda):	-		(b.1) Número: -
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	-
(g) Ponto de articulação:	Testa (lateral)	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (Terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número: 54 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):	-		(b.1) Número: -
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-

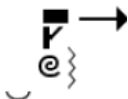
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente	(f) Orientação da palma (esquerda)	-
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(10) Parâmetros do sinal (Quarto momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:54 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número:04 Grupo 10
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 34

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número: 34
(2) Termo: EROSÃO			
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular			
(4) Definição em português: Desgaste progressivo do solo provocado pelo arraste de partículas de tamanho variável que o compõe, normalmente provocado pela ação da água, do vento, do homem ou dos animais. (ORMOND, 2006, p.115) Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 10)	(a.1) Número: 04 (GRUPO 10)
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número: 04 Grupo 10
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 10)	(a.1) Número: 04 Grupo 10

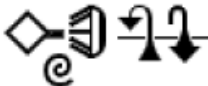
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 54 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	-	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

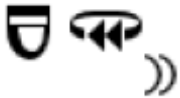
Ficha terminológica nº 35

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar				Número:35	
(2) Termo: ESCARIFICAR O SOLO					
(3) Classe gramatical: Verbo					
(4) Definição em português: “A escarificação do solo é um processo de preparação para o plantio em que o agricultor utiliza um equipamento chamado escarificador, composto por hastes mecânicas que penetram e revolvem o solo.” https://www.pensamentoverde.com.br/economia-verde/conheca-o-processo-de-escarificacao-solo-e-suas-desvantagens “A quebra da superfície impermeável de um canteiro feita com um escarificador para melhorar a infiltração de água e a aeração se chama...? (82)Fofá a terra. (VBS; M) (83)Fofano a terra. (VNF; F) (84)Fofá. (JSS; M) (85)Tamos afofano a terra. (RSF; F) (86)Vai fofá, folgá (JPS; M) O lavrador informou como faz a atividade e a experiência de que dispõe determina o que deve ser feito no plantio – afofar, folgar a terra. Apesar de não ser uma forma usualmente empregada pelos falantes da zona urbana, fofar está registrada em Houaiss e Villar (2001) como sinônimo de “afofar”, que é mais comum na linguagem dos indivíduos escolarizados. A denominação admitida pelo agricultor deixa claro que existe diferença entre a terminologia do homem do campo e a terminologia adotada pelos profissionais da área da agricultura, sem esquecer o objetivo principal da escarificação que é afofar e folgar a terra a fim de melhorar a infiltração da água no solo.” OLIVERIA, 2004, p.98 O léxico da agricultura na interação verbal Retirado de: < https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11460/4/Tese%20O%20l%C3%A9xico%20da%20agricultura%20na%20interea%C3%A7%C3%A3o%20verbal%20-%20Simone%20M.%20R.%20Oliveira%20Vol.%201.pdf > Acesso em 28 de janeiro de 2021 * Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.					
(5) Fotos do sinal:					
(6) Quantidade de mãos: 2 Para baixo					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:09	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:09

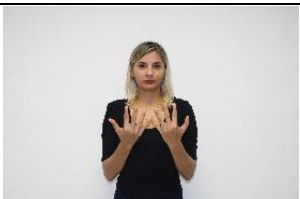
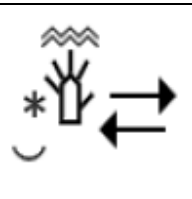
	 (GRUPO 5)		 (GRUPO 5)		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	
(8) Parâmetros do sinal (Segundo momento)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:13	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:13
	 Grupo 05		 Grupo 05		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro		(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 36

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:36	
(2) Termo: FEIJÃO MAÇACAR				
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular				
(4) Definição em português: É uma planta da família das leguminosas (Fabaceae), subfamília papilionoídea (Faboideae). A espécie apresenta muitas variedades cultivadas, podendo variar, por exemplo, o padrão de cores das sementes ou o tamanho das vagens, que podem ser curtas ou muito longas, dependendo da variedade. [...] Este tipo de feijão constitui a base alimentar de muitas populações rurais devido ao seu elevado valor nutritivo a nível proteico e energético e à sua fácil adaptação a solos de baixa fertilidade e com períodos de seca prolongada. Na Região nordeste do Brasil, a colheita de suas vagens e o consumo de seus feijões ocorrem tanto na fase de plena maturação quanto antes, caso este em que o produto é denominado "feijão-verde", sendo largamente usado na culinária regional. O feijão maduro é ingrediente básico do acarajé, bolinho frito típico da culinária baiana. Retirado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vigna_unguiculata> * Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.				
(5) Fotos do sinal:				 
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 6)	(b.1) Número: 68 Grupo 6	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:09 Grupo 5	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 37

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:37		
(2) Termo: FORRAGEIRA					
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular					
(4) Definição em português: Nome que se dá aos diferentes tipos de capim utilizados na alimentação animal; Espécies de plantas que podem ser utilizadas como alimento para o gado. Essas plantas oferecem diversos benefícios para o sistema de produção, pois protegem o solo e também servem como alimento altamente nutritivo para o animal. Podemos considerar, então, que as plantas forrageiras aumentam significativamente a produtividade da pecuária baseada em pastagens. https://tecnologianocampo.com.br					
(5) Fotos do sinal:					
(6) Quantidade de mãos: 2					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número: 15 Grupo 5		
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número: 15 Grupo 5		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro		
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não		
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)					

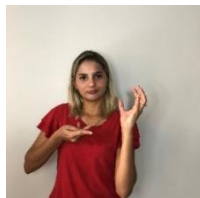
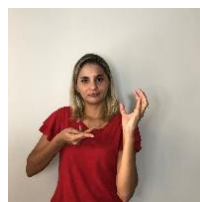
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:15 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:15 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (segundo momento)			 
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 10)	(a.1) Número:03 Grupo 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número:03 Grupo 10
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 38

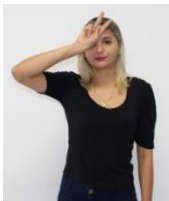
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:38
(2) Termo: FUNGO			
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular			
(4) Definição em português: Qualquer organismo pertencente ao Reino Fungi. Seres macroscópicos ou microscópicos. Podem existir como célula única, ou formar um corpo multicelular. Os fungos geralmente são encontrados em condições terrestres úmidas.			
Retirado de https://www.sucessonocampo.com.br/noticias/decifrado-genoma-do-fungo-causador-da-ferrugem-da-soja/ Acesso em 28 de janeiro de 2021			
Sinal inexistente nos “Dicionário de Língua de Sinais do Brasil” de Capovilla et al; Sinal não encontrado no “Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas surdas”. Sinal encontrado no dicionário de biologia do grupo de estudos de pequenas empresas e empreendedorismo: http://epeem.cp.utfpr.edu.br/ Sinal encontrado no site: https://www.youtube.com/channel/UCLcZAoXCMIbhyHMOyptI00g/about Núcleo de Estudos em Diversidade e Inclusão de Surdos (NUEDIS) Sinal encontrado no site “Biociências em sinais” https://www.youtube.com/watch?v=B5ml6HcZ83g&ab_channel=Bioci%C3%AAsAanciasemsinais .			
* Este último site mostra um sinal com variação linguística que o diferencia das outras propostas e não será utilizado neste estudo, pois a comunidade surda da região pesquisada não faz esse uso. O sinal apresentado na ficha é compatível com os dois primeiros sites.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (grupo 5)	(a.1) Número: 09 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (grupo 5)	(b.1) Número: 09 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

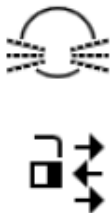
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
			
(a) Configuração de mão (direita):		 (grupo 5)	(a.1) Número:56 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (grupo 5)	(b.1) Número:09 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 39

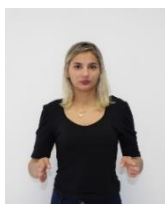
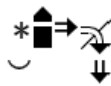
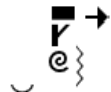
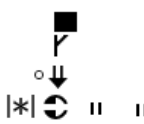
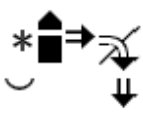
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:39
(2) Termo: HERBICIDA			
(3) Classe gramatical: Adjetivo de dois gêneros e substantivo			
(4) Definição em português: Diz-se de, ou substância utilizada para destruir ervas daninhas: o clorato de sódio é um herbicida. Retirado de https://www.dicio.com.br/herbicida/ Acesso em 28 de janeiro de 2021			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 3)	(a.1) Número: 46 Grupo 3
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 13 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

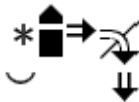
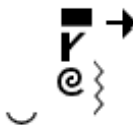
Ficha terminológica nº 40

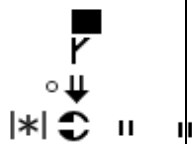
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número: 40	
(2) Termo: INSETICIDA				
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular				
(4) Definição em português: Que ou o que serve para matar insetos (diz-se de substância, preparado, pó etc. Retirado de https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/ Acesso em 28 de janeiro de 2021				
(5) Fotos do sinal:				  
(6) Quantidade de mãos:				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				 
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 2)	(a.2) Número: 45	
(b) Configuração de mão (esquerda):	-	-	(a.2) Número: -	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Inativa			
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente			
(f) Orientação da palma (esquerda)	-			
(g) Ponto de articulação:	Testa	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

(8) Parâmetros do sinal (término do sinal)  			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 1)	(a.2) Número: 25
(b) Configuração de mão (esquerda):	-	-	(a.2) Número: -
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Inativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	-		
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (término do sinal)  			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 1)	(a.2) Número: 25
(b) Configuração de mão (esquerda):	-	-	(a.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Inativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	-		
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	Não

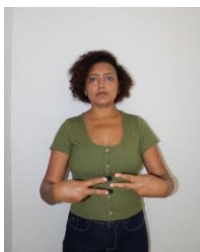
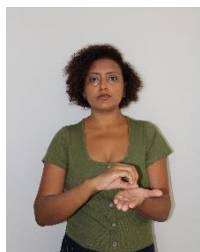
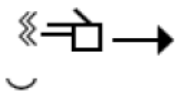
Ficha terminológica nº 41

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:41
(2) Termo: LEIRA			
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular			
(4) Definição em português: Elevação de terra entre dois sulcos.			
Retirado de https://www.dicio.com.br/leira/#:~:text=Significado%20de%20Leira&text=Eleva%C3%A7%C3%A3o%20de%20terra%20entre%20dois,possuir%20algumas%20leiras%20de%20terra . Acesso em 28 de janeiro de 2021			
Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal			
(5) Fotos do sinal:			  
			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:51 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:51 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim

(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:51 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:51 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo - contralateral	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito - Ipsilateral
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (grupo 5)	(a.1) Número:09 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (grupo 5)	(b.1) Número:09 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

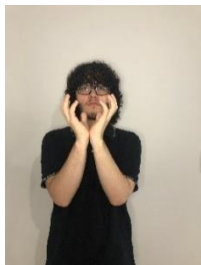
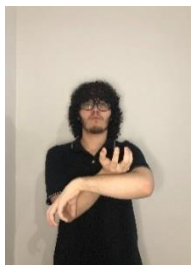
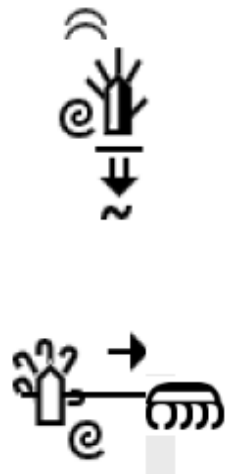
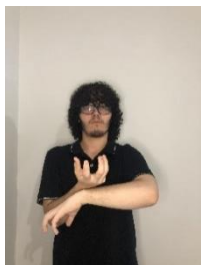
(10) Parâmetros do sinal (quarto momento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (grupo 9)	(a.1) Número:20 Grupo 9
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (grupo 5)	(b.1) Número:11 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito - Ipsilateral
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 42

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:42
(2) Termo: MATERIAL ORGÂNICO			
(3) Classe gramatical: Substantivo masculino, singular			
(4) Definição em português: * Matéria orgânica é o conjunto de compostos químicos formados por moléculas orgânicas encontradas em ambientes naturais sendo eles terrestres ou aquáticos. A matéria orgânica é geralmente heterogênea e composta por restos de animais e vegetais e de seus resíduos lançados no ambiente. https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_org%C3%A2nica			
* Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 3)	(a.1) Número:45
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 3)	(b.1) Número:45
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

(8) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:08
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número:52
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 43

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:43
(2) Termo: OLERÍCOLA			
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular			
(4) Definição em português: * Nome que se dá às plantas cultivadas em uma horta. Plantas comestíveis - verduras e legumes (GRUPO FOCAL, 2021) * Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			
			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:13 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 13 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito

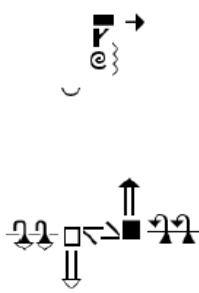
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:13 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:13 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

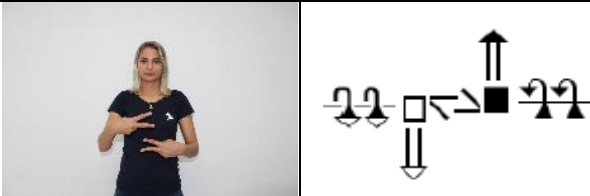
Ficha terminológica nº 44

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:44	
(2) Termo: PRAGA				
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular				
(4) Definição em português: Insetos, fungos ou outros animais ou vegetais nocivos a determinadas culturas. Muitas das pragas e doenças que afetam as plantas são provenientes da ação destes organismos, porém elas só são atacadas quando estão desequilibradas ou não estão sendo cultivadas corretamente. (ORMOND, 2006)				
* Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal				
(5) Fotos do sinal:				 
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				 
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número: 13	
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 11	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado - contralateral	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	não	

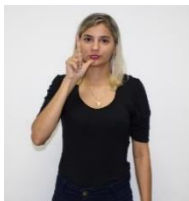
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			 
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:09
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 13
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado - contralateral	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	Não
(9) Parâmetros do sinal (terceiro momento)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número: 09
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número: 13
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado – contralateral	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 45

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:45	
(2) Termo: PRODUTIVIDADE				
(3) Classe gramatical: Substantivo				
(4) Definição em português: Quantidade de produção por unidade de área. Exemplo kg/ha = quilogramas por hectare. A capacidade do agroecossistema de prover o nível adequado de bens, serviços e retorno econômico aos agricultores em um tempo determinado.				
Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.				
(5) Fotos do sinal:				
(6) Quantidade de mãos: 2				
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)				
(a) Configuraçã o de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número: 09	
(b) Configuraçã o de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 09	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	

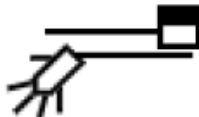
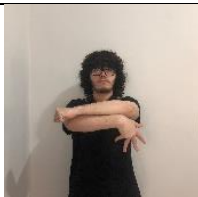
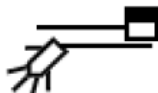
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
(a) Configuração de mão (direita):			(a.1) Número:45
(b) Configuração de mão (esquerda):			(b.1) Número:45
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita):	Para dentro	(f) Orientação da palma (esquerda):	Para dentro
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 46

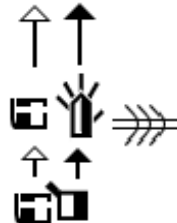
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:46
(2) Termo: PULVERIZAÇÃO			
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular			
(4) Definição em português: * A pulverização geralmente é utilizada para distribuir produtos agroquímicos, nutrientes ou fertilizantes de uma maneira geral. Ela pode ser feita por terra ou por via aérea, sendo essa última mais comum nas propriedades de grande extensão. https://blog.jacto.com.br/pulverizador-agricola-tudo-o-que-voce-precisa-saber/			
*Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal, formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal			
(5) Fotos do sinal:			     
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 9)	(a.1) Número:31 Grupo 9
(b) Configuração de mão (esquerda):	-	-	(b.1) Número:-
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	-
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (contralateral_	(f) Orientação da palma (esquerda)	-
(g) Ponto de articulação:	Queixo	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

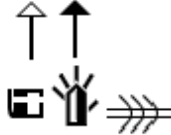
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			 
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 9)	(a.1) Número:15 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 9)	(b.1) Número:15 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 47

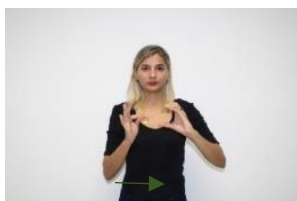
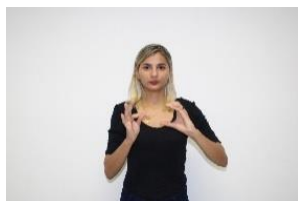
(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar				Número:47	
(2) Termo: RAIZ PIVOTANTE					
(3) Classe gramatical:					
(4) Definição em português: Tipo de raiz que apresenta raiz principal, com comprimento e coifa maior do que as demais. Retirado de < https://www.dicionarioinformal.com.br/raiz+pivotante/ > Acesso em 28 de janeiro de 2021 As raízes pivotantes ou axiais são caracterizadas por uma raiz principal maior, de onde partem raízes laterais. Elas são encontradas em plantas dicotiledôneas. Exemplos: feijão, café, ipê. Retirado de https://www.todamateria.com.br/tipos-de-raizes/ Acesso em 28 de janeiro de 2021					
(5) Fotos do sinal:					
(6) Quantidade de mãos: 2					
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Número:54	(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Número:04
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio	
(e) Orientação da palma (direita)	Para dentro		(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Ponto de articulação		(h) Movimento:	Não	
(i) Expressão facial:	Não		(j) Expressão corporal:	Não	

Ficha terminológica nº 48

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar		Número:48	
(2) Termo: REVOLUÇÃO VERDE			
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular			
(4) Definição em português: * Conjunto de tecnologias geradas em centros de pesquisas ou instituições de educação agrícola, a fim de aumentar a produtividade, com base na utilização de sementes geneticamente melhoradas, uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos, motomecanização e uso de irrigação (MUSSOI, 2011 apud SOUSA, 2017) Várias razões fundamentam as críticas relacionadas ao modelo que representa a Revolução Verde. São algumas características deste sistema, segundo Caldart, 2012: Canalizar produção apenas para o mercado; custos ecológicos são deixados de fora; Desvalorização dos sistemas de saberes nativos; modelo insustentável sob o aspecto social e ecológico; sistema de saber dominante é incompatível com igualdade e justiça; despreza a pluralidade de sujeitos; intensificou a fome e a concentração de terras e produção, aumentou o êxodo rural; ocasionou o empobrecimento do camponês. (Caldart, 2012) * Conceitos analisados e validados em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 6)	(a.1) Número: 04
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número: 04
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (Contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

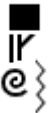
(8) Parâmetros do sinal (segundo momento)			
			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número:04
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número:54
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (Contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 49

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número: 49
(2) Termo: TRANSGÊNICO			
(3) Classe gramatical: Adjetivo e substantivo masculino, singular			
(4) Definição em português: Diz-se do organismo que possui um ou mais genes de outra espécie, modificados de modo artificial: milho transgênico. https://www.dicio.com.br/transgenico/#:~:text=substantivo%20masculino%20Organismo%20vivo%20(planta,Trans%20%2B%20geno%20%2B%20ico.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 9)	(a.1) Número: 61 Grupo 9
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 12 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para o lado esquerdo (Contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para o lado direito (Ipsilateral)
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Ficha terminológica nº 50

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar			Número:50
(2) Termo: UREIA			
(3) Classe gramatical: Substantivo feminino, singular			
(4) Definição em português: Substância que, representada pela fórmula $\text{CH}_4\text{N}_2\text{O}$, pode ser naturalmente encontrada na urina dos mamíferos; Composto químico orgânico, nitrogenado, cristalino, produto final da decomposição da proteína no corpo, que constitui o principal componente sólido da urina do homem e de outros mamíferos. (ORMOND, 2006, p.291) A ureia é o fertilizante nitrogenado mais utilizado na agricultura, de menor custo e, também, o mais sujeito a perdas de N. (PEREIRA ET AL. 2009 apud FUKUDA, et al. 2014) * Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 6)	(a.1) Número:70 :
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número: 04
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Parar baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

(8) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 3)	(a.1) Número:09 :
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 10)	(b.1) Número 04
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em âmbito geral, entende-se que a inclusão de Pessoas Surdas em ambientes predominantemente ouvintista, como são as Instituições ditas inclusivas, necessariamente, precisam lidar com duas línguas: a língua que as pessoas ouvintes fazem uso oralmente e a língua visuoespacial, natural das Pessoas Surdas.

As pesquisas sobre as línguas de sinais são recentes em todo o mundo, por isso urge a necessidade de construir conhecimentos que possam contribuir com a inclusão de Pessoas Surdas de forma eficaz. Portanto, um dos principais objetivos após a pesquisa e o produto gerado a partir dela, foi contribuir com o desenvolvimento da língua de sinais e possibilitar melhoras no processo de interação entre Pessoas Surdas, docentes, intérpretes, sujeitos envolvidos em cursos das áreas Agrárias e Meio Ambiente, assim como entre pessoas do campo, as quais fazem uso da língua de sinais na perspectiva da semântica camponesa.

O glossário apresentado, indubitavelmente, contribuirá nas formações para os sujeitos envolvidos na inclusão de Pessoas Surdas no meio educacional voltado ao campo, serão formas de disponibilizar o conhecimento pesquisado e colaborar com a atuação de profissionais da área, minimizando as diferenças linguísticas, além de proporcionar possibilidades de melhora na interação e consequentemente, permitir o desenvolvimento cognitivo e facilitar o

entendimento de assuntos relativos à área camponesa por Pessoas Surdas envolvidas neste lócus.

É válido destacar que esta pesquisa não se encerra por aqui, ao contrário, ela representa apenas um passaporte para adentrar, futuramente, em águas terminológicas mais profundas. Há um rio caudaloso de termos e expressões que ainda precisa ser explorado; há muitos estudantes e docentes à espera de auxílio nessa área, portanto, na missão de manter a luta por uma educação mais equitativa, nos propomos a continuar a investigação e ampliar este acervo, além de continuarmos nossas reflexões linguísticas e inclusivas no campo.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. de S.; **Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da Infanta D. Maria.** Salvador: Quarteto, 2009.

_____. **A Lexicologia e a teoria dos campos lexicais.** In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 15., 2011, Rio de Janeiro. Anais; Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. n.5, p. 1332-1343. Disponível em http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf Acesso em: 19 de nov. 2020.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma Educação do campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BAGNO, M. (Org.). **Dicionários escolares: políticas, formas & usos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.p.119-140.

BAGNO, M. **A norma oculta.** São Paulo: Parábola, 2003.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de sinais sem mistérios.** 2ª ed. rev. atual e ampl. Salvador, v.1: Libras Escrita, 2015

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo: notas para uma análise de percurso.** Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: ed. Ática, 2008. 6ª ed.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Transgressão do Paradigma da (multi)Serição como referência para a construção da Escola Pública do Campo.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1165-1182, out./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v35n129/0101-7330-es-35-129-01165.pdf>> Acesso em 20 de ago. 2020

BIDERMAN, M.T.C. **Léxico e vocabulário fundamental.** Alfa, v. 40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. **As Ciências do léxico.** In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida. Negri. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** 2. ed. Campo Grande-MS; EDUFMS, 2001. p. 13-22.

BIDERMAN, M. T. C. **O conhecimento, a terminologia e o dicionário, 2006.** Cienc. Cult. Vol. 58 n. 2 São Paulo. Apr/Junho 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200014 Acesso em: 20 de fev. 2020

BIDERMAN, M. T. C. **Dimensão da palavra.** Filologia e Linguística Portuguesa, n.2, p.81-118, 1998

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos> Acesso em 27 de fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Ensino da Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol. I e II. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases. Lei 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 20 fev. 2020

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. <Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASIL, **Acessibilidade Brasil. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais**. Retirado de <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/> Acesso em 16 de mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, MEC/SEESP, 2008.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 31 de maio de 2012, Seção 1.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1995.

CALDART, R.S. et al. (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Ed. Expressão popular, Rio de Janeiro, 2012.

CALVET, L.J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018

CAPES, **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**, 2017. Disponível em <<http://www.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: Foco no léxico**. Brasília, 2011

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**, v. I e II. São Paulo, Edusp, 2001.

CHOMSKY, N. 1980. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix.

COSTA, A.R.M, **Mapeamento do uso e cobertura dos solos do IFPA – Campus Castanhal a partir de imagens de satélite**, Trabalho de Conclusão de Curso, IFPA, Pará, 2019.

CYRANKA, L. F. M. **Evolução dos estudos linguísticos**. Revista Práticas de Linguagem. v. 4, n. 2, jul./dez. 2014. <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/09/160-198-Evolu%C3%A7%C3%A3o-dos-estudos-lingu%C3%A1disticos.pdf>

DECLARAÇÃO de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, DF: CORDE, 1994.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo. Ed. Atlas. S.A, 2000.

DIZEU L.C.T.B. e CAPORALI. S.A. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. 2005. Retirado de <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

FAULSTICH, E. **Da linguística histórica à terminologia**. Investigações (UFPE. Impresso), Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.

FAULSTICH, E. **Para gostar de ler um dicionário**. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et al (Org.). Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166 – 185.

FELDEN A. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. In: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L de (Ed.). Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2005. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/AgrobCap1ID-Sim092KU5R.pdf> Acesso em : 20 de nov. 2020

FELIPE, Tania. A. SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, 5., Rio de Janeiro, 2000. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2000, 155 p. Tema: **De Flausino ao grupo de pesquisa da FENEIS – RJ**. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002965.pdf>> Acesso em 20 de dez. 2019.

FERNANDES, E. **Surdez e bilinguismo**. 4 ed. Porto Alegre. Editora Mediação. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FOSSILE, D. K.; VENÂNCIO, S. O. C. **Perspectiva Sociolinguística da Inclusão da Libras no Ensino Superior**. Universidade Federal do Tocantins. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 116-125, abr./jun. 2013. Disponível em <DOI:<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2013v10n2p116>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

GONÇALVES FILHO, J.S.T. **Signwriting da Linguagem Matemática para o Ensino de Geometria Plana**. – (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (IEMCI/UFPA), 2018. Disponível em:

<http://ppgecm.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/230-dissertacoes-2018>. Acesso em: 20 de fev. 2021

IFPA. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2019-2023)**. Belém, 2009.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional Campus Castanhal (2019/2023)**.

IBGE, **Estimativas da população em 2009**. Brasília: IBGE. Disponível em www.ibge.gov/cidadesat. Acesso em: 15 dez. 2019.

ISQUERDO, A.N.; OLIVERIA, A.M.P.P de. (orgs) **As Ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ed. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2001.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E.T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da.; OLIVEIRA, M. R. de O.; MARTELOTTA, M. E. T.(Org.) **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, p. 17-28. Disponível em: http://www.professores.uff.br/eduardo/wp-content/uploads/sites/43/2017/08/7funcional_2003.pdf Acesso em: 19 de nov. 2020.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, C. B. F; SANTOS . **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência** Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/>.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **Práticas de Letramento na Pré-escola de Surdos: reflexões sobre a importância de contar histórias**. In: THOMA A.; CORCINI M., Lopes. (Orgs.) **A Invenção da Surdez - cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LIMA, Vera Lúcia Souza e. **Língua de sinais: Proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico**. 2014. 272f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

MARQUES, L. M. B. **Saussure e os três cursos de linguística geral (1907, 1908/1909, 1910/1911): uma descrição histórico-comparativa das fontes do CLG e as repercussões na sua construção**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: [http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20170623162433.pdf] Acesso em: 19 nov. 2020

MARTINS, A. C. **Lexicografia, metalexicografia e a natureza da iconicidade da Língua de Sinais Brasileira**. 2017. Tese (Doutorado, Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP, 2017.

MARTINS, A. C.; CAPOVILLA, F. C. **Metalexicografia comparativa em seis dicionários de línguas de sinais de diferentes eras: análise preliminar**. Revista (Con)textos Linguísticos, v. 12, n. 21, p. 28-40, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=4606141&pid=S1519-0307201800020000900035&lng=pt> Acesso em: 20 nov. 2020

MELO, G. F.; OLIVEIRA, P. S. de J., **Ensino-aprendizagem de Libras: mais um desafio para a formação docente**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 1-10 set./dez. 2012. Disponível em < <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/155/140> > Acesso em 19 de nov. 2020.

MCCIEARY, L. **Sociolinguística**. Florianópolis 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXTO-BASE_Sociolinguistica.pdf Acesso em 19 nov. 2020.

NASCIMENTO, S. P. de F. do. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma proposta lexicográfica**. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) **Brasília**. Universidade de Brasília, 2009.

OLIVEIRA, S. M. R. **O léxico da Agricultura na interação verbal**. 2004. 2v. Tese (Doutorado em Linguística Histórica) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11460>. Acesso em: 20 de fev. 2021

PEREIRA, M. C. C. **Leitura, Escrita e Surdez**. São Paulo. FDE. 2009

PEREIRA, M. C. C. CHOI, Daniel; VIEIRA, Maria Inês; GASPAR, Priscila; NAKASATO, Ricardo. **LIBRAS: Conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PERLIN, Gladis T.T. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PINTO, C.M.P.L.F. **Sinonímia, Polissemia, Homonímia em Manuais, Gramáticas e Dicionários Escolares - para o Desenvolvimento da Competência lexical**. Tese (doutorado em linguística- Área de especialização: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012. Disponível em < <https://run.unl.pt/handle/10362/7871?locale=en> > Acesso em 20 de nov. 2020

QUADROS, Ronice Müller de. **Um capítulo da história do SignWriting: A History of SignWriting written in Brazilian Portuguese**, 1999. Disponível em: <https://moodle.ifsc.edu.br/pluginfile.php/162265/mod_resource/content/1/SignWriting%20History.pdf> Acesso em 20 de fev. 2021

QUADROS, R. M. de. KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, R. M. De. **O bi do bilinguismo na educação de surdos**. Em Surdez e bilinguismo. Eulalia Fernandes (org.). Editora Mediação: Porto Alegre. 2005.

QUADROS, R. M. de. **Língua Brasileira de Sinais I**, Florianópolis: UFSC, 2009 Disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf Acesso em: 16 jan. 2020.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos. A aquisição da linguagem**. Porto Alegre. Editora Artmed, 1997.

QUADROS, R. M de.; PIZZIO, A. L. **Aquisição da Língua de Sinais**. Florianópolis, 2011, UFSC. Disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisi_o_de_l_nguas_de_sinais_.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

QUADROS, R. M. de. **Políticas linguísticas e educação de surdos**. In: V Congresso Internacional e XI Seminário Nacional do INES, 2006, Rio de Janeiro. Anais do Congresso: Surdez, família, linguagem e educação. Rio de Janeiro: INES, 2007. v.1. p.94 – 102.

RODRIGUES, R. da S. V. **Saussure e a definição da língua como objeto de estudos**. Revista: ReVEL. Edição especial n. 2, 2008. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf Acesso em: 24 de fev. 2021.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem no mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2010.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Medição, 2013.

SOUSA, R. da P. **Agroecologia e Educação do Campo: Desafios da Institucionalização no Brasil**. Educ. Soc., Campinas, v. 38, n. 140, p.631-648, jul.-set., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v38n140/1678-4626-es-38-140-00631.pdf> Acesso em: 20 de fev. 2021

KRIEGER, M. da G. **Lexicografia: o léxico no dicionário**. In: SEABRA, M.C.T.C. de. (org) O Léxico em Estudo. BH, Faculdade de Letras – UFMG, 2006. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/O%20L%C3%A9xico%20em%20Estudo-Grafia,%20Toponímia,%20Lexicologia,%20Etimologia,%20etc..pdf> Acesso em: 19 de nov. 2020

KRIEGER, M. da G; FINATTO, M.J.B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo. Contexto, 2018.

SOFIATO, C.G. **Do desenho à litografia: a origem da língua brasileira de sinais**. Campinas, SP, 2011

SOFIATO, C.G; REILY, L.H. **Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical**. Revista Educação Pesquisa. V. 40 n.1, p.109-126, jan./mar. 2014

VILLALVA, A.; SILVESTRE J.P. **Introdução ao Estudo do Léxico: Descrição e análise do Português**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2014.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979.

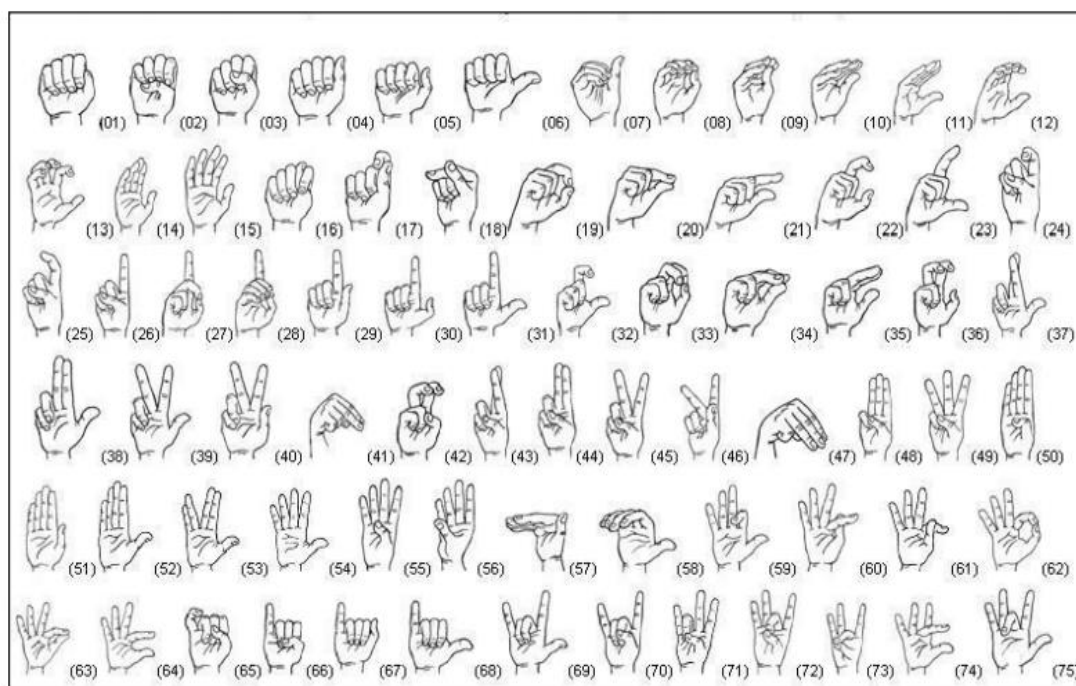
WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. (1968). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno; São Paulo: Parábola, 2006.

WEIZENMANN, M. **Foucault: sujeito, poder e saber**. Pelotas: NEPFil online, 2013. p. 33-40 Acesso em: 21 nov. 2020. <https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2019/02/2-foucault-sujeito-poder-e-saber.pdf>

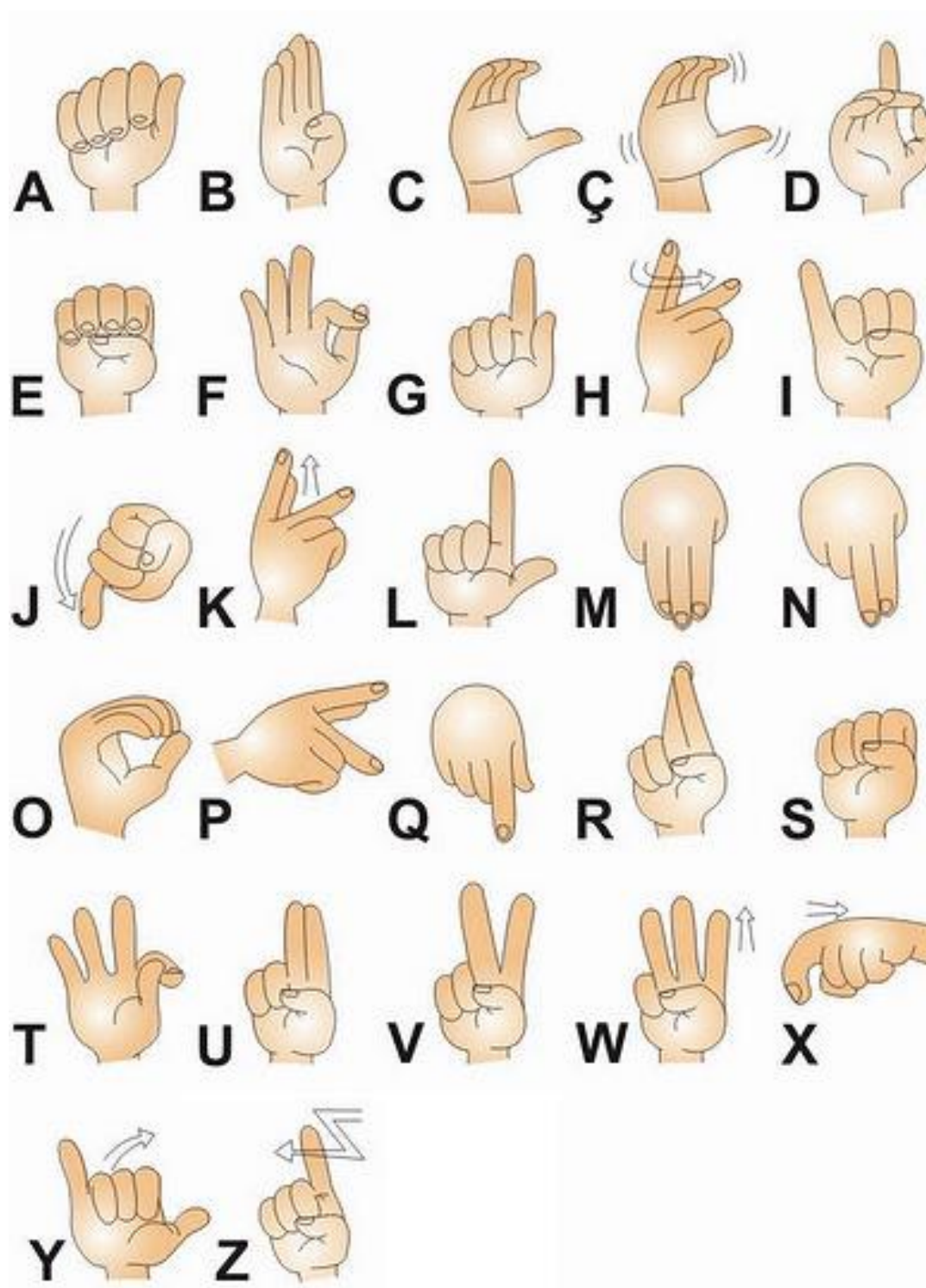
WELKER, H.A. **Panorama Geral da Lexicografia Pedagógica**. Brasília. Thensaurus, 2008. Disponível em <https://www.ethnologue.com/ethnoblog/gary-simons/welcome-23rd-edition> Acesso em 20 de nov. 2020

APÊNDICE

APÊNDICE A - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS – FARIA E NASCIMENTO (2009)



APÊNDICE B – ALFABETO MANUAL



APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Relação de professores e intérpretes com comunidade surda campesina

- 1) Nome
(opcional): _____

- Faixa etária: 20-25 () 26-30 () 31-35 () 36-40 () 41-45 () 46-50 () 51-55 () 56-60 ()
 sexo: feminino () masculino ()

- 2) Você possui familiar surdo usuário de Libras? () sim () não - Caso afirmativo preencha
 Grau de parentesco – Mãe () Pai () Irmão/irmã () Tio () Primo () Avós () Outros:

- 3) Qual sua formação acadêmica
 Magistério/Normal () Pedagogia () Letras Libras bacharelado () Letras Libras licenciatura ()
 Outra licenciatura, qual?

- Outra formação em nível superior, qual

- Graduação em andamento, qual ?

- Você possui curso de especialização em:
 Não () Libras () AEE () Psicopedagogia () Educação Especial inclusiva () Tradutor
 intérprete de Libras ()

- Modalidade: Presencial () Semi-presencial () EAD ()

- 4) Você possui outras formações? Mestrado, doutorado PROLIBRAS ou outros. Se sim,
 especifique:

- 5) Como você aprendeu Libras? Em curso de Libras () Qual nível?

- Em disciplina de Libras na graduação () Em contato com surdos adultos e participando da
 comunidade surda. ()

- Aprendi Libras
 com _____

- 6) Você é: Concursado () Contratado () Do Estado () Do Município () Outros

- 7) Qual a(s) escola(s) está lotado?

- 8) Qual o seu tempo de atuação como intérprete?

- 9) Em quantas turmas você trabalha e quais as séries e modalidades?

10) Quantos alunos surdos/alunas surdas ou com deficiência auditiva têm em cada sala nas quais você atua?

01 () 02 () 03 () 04 () 05 () 06 () Outro:

11) Elenque três principais dificuldades encontradas como intérprete/professor(a) destes alunos surdos.

12) Os alunos surdos da escola moram: () No campo () Na cidade

13) Os alunos surdos da escola têm relação com a agricultura familiar? () Sim () Não

14) Em suas aulas em Libras, você usa algum recurso para transmitir o conteúdo?

Material visual () escreve no quadro enquanto sinaliza ()
Outro: _____

15) Quais são as suas maiores dificuldades quanto a usar a Libras no ensino de conteúdos específicos?

16) Os materiais didáticos com recursos em Libras:

() Você cria de forma impressa com suas fotos fazendo sinais.

() Você cria de forma impressa com fotos dos alunos fazendo sinais.

() Você utiliza da internet – Youtube – Sites, outros

17) Utiliza dicionário de Libras? Não () Sim () Quais?

A secretaria de educação municipal (SEMED) oferece ou já ofereceu capacitação em Língua de sinais ou qualquer outra temática semelhante? Se sim, qual (is)? E quando?

18) Você gostaria que o Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal oferecesse curso de formação em Libras?

() SIM () NÃO

Quais termos em Língua Portuguesa, você conhece, que a comunidade do campo utiliza e não têm sinal em libras e você precisa fazer em datilologia?

Termo		Conhecem sinais em Libras	Usa classificadores	Conhece apenas em datilologia
Agricultura familiar	Sistema agrícola, normalmente composto por vários cultivos em combinação com atividades pecuária e de criação de aves e suínos, desenvolvidos em pequenas propriedades e tendo como força de trabalho a mão-de-obra familiar.			
Agricultura de subsistência	produção agrícola voltada unicamente ao consumo do próprio produtor.			
Agricultura orgânica	É um conjunto de processos de produção agrícola que parte do pressuposto que a fertilidade do			

	solo é função direta da matéria orgânica nele contida. A ação de micro-organismos presentes nos compostos biodegradáveis, existentes ou colocados no solo possibilitam o suprimento de elementos minerais e químicos necessários ao desenvolvimento dos vegetais cultivados			
Agrobiologia	Ramo da ciência que utiliza os conhecimentos da biologia nas suas relações com a agricultura			
Agroecologia	É um conjunto de conceitos, princípios, normas e métodos que possibilitam estudar, avaliar e manejar de forma consciente os sistemas naturais para produção de alimentos, permitindo compreender a natureza dos agrossistemas e desenvolvendo sistemas com dependência mínima de insumos energéticos externos.			
Agroecossistemas	É um ecossistema com presença de pelo menos uma população agrícola.			
Agrotóxico	Produto químico usado no combate e prevenção de pragas agrícolas; defensivo agrícola: fungicidas, herbicidas, inseticidas, pesticidas são os agrotóxicos mais usados.			
Agronegócio	Relações comerciais efetuadas com produtos agrícolas através de atividades de compra e venda.			
Agricultura sustentável	É a manutenção da produtividade e da produção agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais, buscando o equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes e outros organismos coexistente.			
Abanação	operação mecânica pela qual se separa a palha dos grãos dos cereais.			
Abate	Consiste no corte de árvores que serão usadas em processos de transformação ou para geração de energia. Normalmente este corte é feito o mais junto possível ao solo impedindo assim o rebrotamento. (2) consiste na matança de animais para fins de consumo ou comercialização			
Aceiro	Faixa sem vegetação que divide um povoamento florestal ou uma lavoura, de modo a evitar a propagação de incêndios ou pragas.			

Adubo químico	Agricultura. Matéria própria para fertilizar as terras; fertilizante. Adubo verde,			
Adubo orgânico	Adubo de galinha, adubo de gad			
Afluente	Rio ou curso d'água que desemboca em um curso de maior volume de água.			
Amontoa				
Alvião	Instrumento agrícola de metal, ferro ou aço, semelhante a uma picareta, com um dos lados em forma de ponteiro e o outro em forma de cavadeira ligeiramente afiada utilizado para destocar os terrenos, semelhante a uma chibanca, com um lado para cavar a terra e o outro para cortar as raízes e o tronco das árvores			
Arar	Preparar a terra com o arado, para o cultivo; lavrar: arar o terreno.			
Antrópico	Atividades provenientes da ação do homem.			
Apicultura	criação de abelhas para a produção de mel, ceras, própolis e outros derivados.			
Aquicultura	Cultivo de seres vivos aquáticos plantas e animais (algas, peixes, crustáceos e moluscos etc.).			
Declive (área com declividade)	Leve inclinação para baixo percebida num terreno e/ou solo; declividade. Diz-se do que se situa numa altura que vai diminuindo quando é percorrida: esta estrada possui um declive.			
Arame	Fio mais ou menos delgado, de metal flexível normalmente feito com a liga de cobre e zinco, ou de outros metais muito utilizado para execução de cercas.			
Área de capoeira	Mato fino que cresceu onde foi derrubada a mata virgem.			
Armazenar	Que deve ser feito com os produtos agrícolas quando se quer esperar uma melhora nos preços			
Assentamento	local onde se fixa ou estabelece residência.			
Assoreamento	É o processo de deposição de sedimentos de forma natural, em margens ou leito de rios, lagos, reservatórios, baías e oceanos.			
Áxilo	diz-se de planta que não produz madeira.			
Balizamento	Técnica usada no plantio da laranjeira, de forma que as plantas estejam dispostas em uma linha reta, denominando-a como base,			
Balaio	(1) cesto de palha, de talas de palmeira ou de cipó, com ou sem			

	tampa, geralmente com o formato de alguidar. (2) unidade de medida de produtos agrícolas que se utiliza uma cesta ou um lençol			
Beneficiamento do produto	Colher bons produtos, separar aqueles produtos mais bonitos, para levar até o comércio para vender; arrancar, limpar e lavar; lavar, cuidar direitinho, tirar as folhas podres...			
Brotar a planta/ germinar	Os vocábulos nascer e germinar, segundo Koogan e Houaiss (2000) são sinônimos de brotar e que condizem com a nomenclatura apresentada pelos agricultores, bem como com a significação dada por Houaiss e Villar (2001) para esta lexia			
Leira	Rego que o arado abre na terra, e no qual se lança a semente; sulco. Elevação de terra entre dois sulcos. Extensão maior...			
Pulverização	Lançar inseticida sobre: pulverizou o terreno para o plantio.			
Pragas	Animal nocivo ou doença capaz de destruir plantas ou plantações. Erva daninha; planta que causa danos a outras.			
Inseticida	Que ou o que destrói insetos: líquido inseticida.			
Coroamento	capina realizada em volta das plantas; técnica do coroamento que é realizada em volta das plantas.			
Coveamento*	preparo do solo para o plantio feito com a enxada			
Cultura anual	Tipos de vegetais de vida curta cultivados e colhidos dentro de um ano agrícola			
Curva de nível	Plantio que é realizado cortando as águas da chuva; (canteiro; valeta)			
Campesinato	Campesinato é como se define a artilação dos camponeses em uma classe. É um conceito político de definição da classe camponesa. Campesinato é o conjunto dos camponeses articulados como classe camponesa.			
Educação politécnica				
Destocar	Quando o trabalhador rural retira os tocos de uma área que vai ser cultivada;			
Destorroar o solo	Finalidade de se fazer a gradagem de uma área recém-arada			
Erosão	Buracos que a chuva faz quando bate nas encostas ou morros			

Escarificar o solo	Quebra da superfície impermeável de um canteiro feita com um escarificador para melhorar a infiltração de água e a aeração			
Feijão macáçar	O feijão que produz vagens em ramas espalhadas pelo chão			
Forrageira	Nome se dá aos diferentes tipos de capim utilizados na alimentação animal			
Fungo	Nome que se dá ao causador de mofo nas plantas			
Maniva				
Herbicida	Produto que mata a planta ou o mato			
Material orgânico	Esterco de galinha, gado e folhas, após sua decomposição			
Olerícola	Nome que se dá às plantas cultivadas em uma horta			
Poda	Atividade de retirada dos galhos mortos ou ramos ladrões das plantas			
Praga	Insetos que atacam as culturas causando prejuízo			
Produtividade	Resultado da divisão da quantidade de produto colhido pela área cultivada			
Raiz Pivotante	Nome se dá às raízes que alcançam grandes profundidades no solo em busca de água e nutrientes			
Solo	De onde as plantas cultivadas retiram os nutrientes necessários ao seu desenvolvimento			
Uréia	Substância que, representada pela fórmula $\text{CH}_4\text{N}_2\text{O}$, pode ser naturalmente encontrada na urina dos mamíferos;			
Leira	sinônimo de canteiro, o primeiro como “parte de uma horta em que se cultiva uma única espécie de planta”			
Quilombos	Lugar secreto em que ficavam ou para onde iam os escravos fugidos, normalmente encoberto ou escondido em meio ao mato: quilombo dos Palmares.			
Revolução verde	Pacote tecnológico – insumos químicos, sementes de laboratórios, irrigação, mecanização, grandes extensões de terra – conjugado ao difusionismo tecnológico, bem como a uma base ideológica de valorização do progresso.			
Sementes	Qualquer substância ou grão que se deita à terra para germinar: semente de trigo.O grão ou a parte do fruto próprio para a			

	reprodução: semente de melancia.			
Sustentabilidade	Conceito que, relacionando aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais, busca suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras. Qualidade ou propriedade do que é sustentável, do que é necessário à conservação da vida.			
Transgênico	Diz-se do organismo que possui um ou mais genes de outra espécie, modificados de modo artificial: milho transgênico.			

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**, v. I e II. São Paulo, Edusp, 2001.

Ferri, M.G; Menezes, N. L de; Monteiro, W.R.; **Glossário ilustrado de botânica**. São Paulo, Nobel, 1981

Oliveira, S.M.R.; **o léxico da agricultura na interação verbal**, – UFB - Instituto de Letras, 2004.

Rocha, A. E. da S.; Oliveira, J.; Zoghbi, M.das G.B.; Bastos, M.de N. do C.; Ferreira, M.R.C.; Jardim,

M.A.G.; **Catálogo da Flora da reserva Extrativista Chocoaré – Mato Grosso – Santarém Novo Pará**. Belém, MPEG, 2009

Ormond, J.G.P.; Comp.; **Glossário de Termos Usados em Atividades Agropecuárias, Florestais e Ciências Ambientais**; Rio de Janeiro: BNDES, 2006



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL E GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS
AGROALIMENTARES

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Duas vias: uma sob posse da pesquisadora e outra do(a) entrevistado (a).

Eu, _____, fui convidado/a e aceitei participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **ESTUDO DA (IN)EXISTÊNCIA DE SINAIS EM LIBRAS A PARTIR DA SEMÂNTICA FOCADA NA AGRICULTURA FAMILIAR E PROPOSTA DE GLOSSÁRIO**, desenvolvida pela Mestranda Claudia do Socorro Azevedo Magalhães. Recebi informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas de que:

1. participarei deste estudo, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa;
2. fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo;
3. minha participação neste estudo não trará nenhum dano à minha integridade física, social e emocional;
4. sempre que necessário, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
5. minha colaboração se fará por meio de entrevista semiestruturada/observação concedida a pesquisadora;
6. o sigilo será garantido e não será revelado o nome de qualquer participante na pesquisa, exceto quando citados em agradecimento durante a editoração do produto da final.
7. a divulgação das informações obtidas nesta pesquisa só será feita entre os(as) profissionais estudiosos(as) do assunto e com a finalidade de colaborar na execução do produto da dissertação em construção;
8. a qualquer momento, poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
9. as informações por mim fornecidas serão úteis para a produção de conhecimento nas áreas das ciências sociais, agrárias, desenvolvimento rural, educação inclusiva, Linguagens e Libras, gerando debates e publicações que podem contribuir para a melhor qualificação da abordagem da temática no campo no contexto paraense e nacional;

Após ter lido e conversado com a pesquisadora, os termos contidos neste consentimento, concordo em participar como informante, colaborando, desta forma, com a pesquisa.

Portanto, eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Castanhal, ____/____/ 2020.

Assinatura do participante



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL E GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS
AGROALIMENTARES

APÊNDICE E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,
Brasileiro(a) Nascida no dia____, ____/____.Estado civil _____,
Exercendo função de_____
RG_____, CPF_____
Residente na_____nº____Cidade_____Estado_____

AUTORIZO o uso de minha imagem em material entre fotos, filmagens, documentos, eventos, publicações em livros, revistas e outros meios de comunicação, **APENAS** para a pesquisa **ESTUDO DA (IN)EXISTÊNCIA DE SINAIS EM LIBRAS A PARTIR DA SEMÂNTICA FOCADA NA AGRICULTURA FAMILIAR E PROPOSTA DE GLOSSÁRIO**, a qual está sendo desenvolvida pela pesquisadora Claudia do Socorro Azevedo Magalhães e destina-se à elaboração de um produto acadêmico elaborado a partir do Programa de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares – Campus Castanhal do IFPA.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, ou sejam, em destaque: (I) Glossário; (II) Livros; (III) Apresentação em eventos; (IV) Artigos Científicos; (V) Mídia Eletrônica (sites educacionais, vídeos, redes sociais, entre outros).

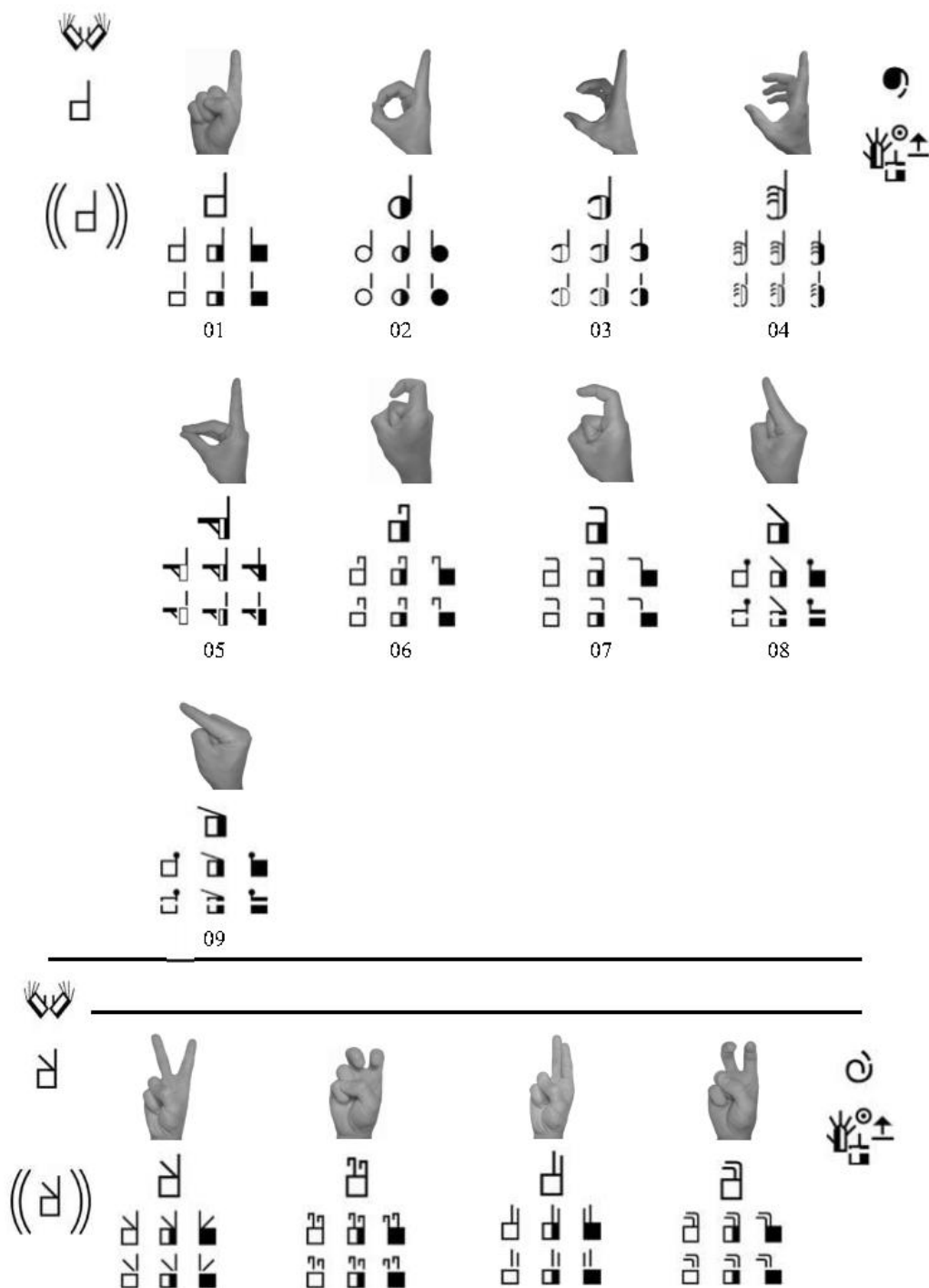
Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

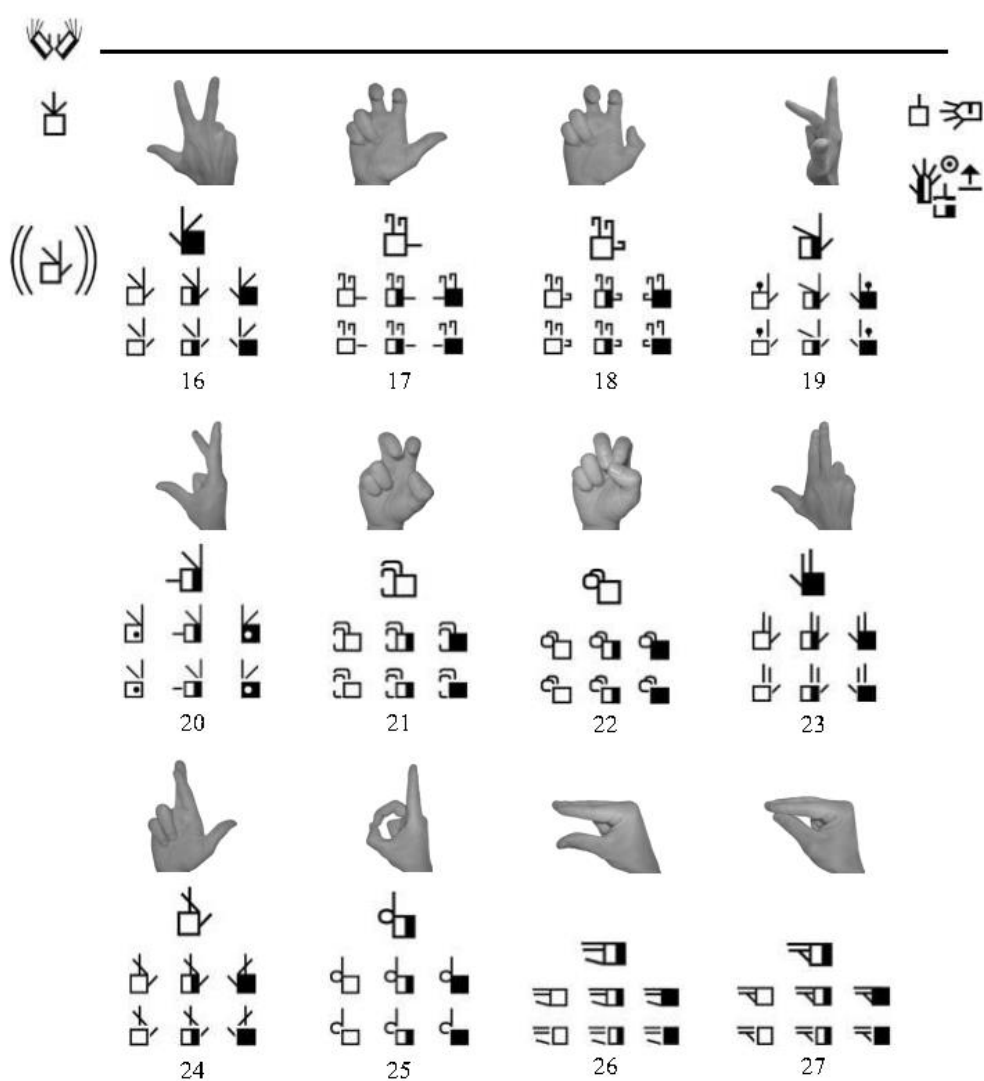
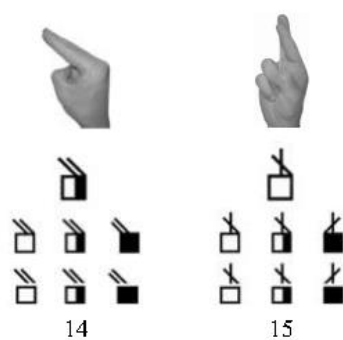
Portanto, eu, _____ declaro ter sido informado(a) e concordo em participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa acima descrito.

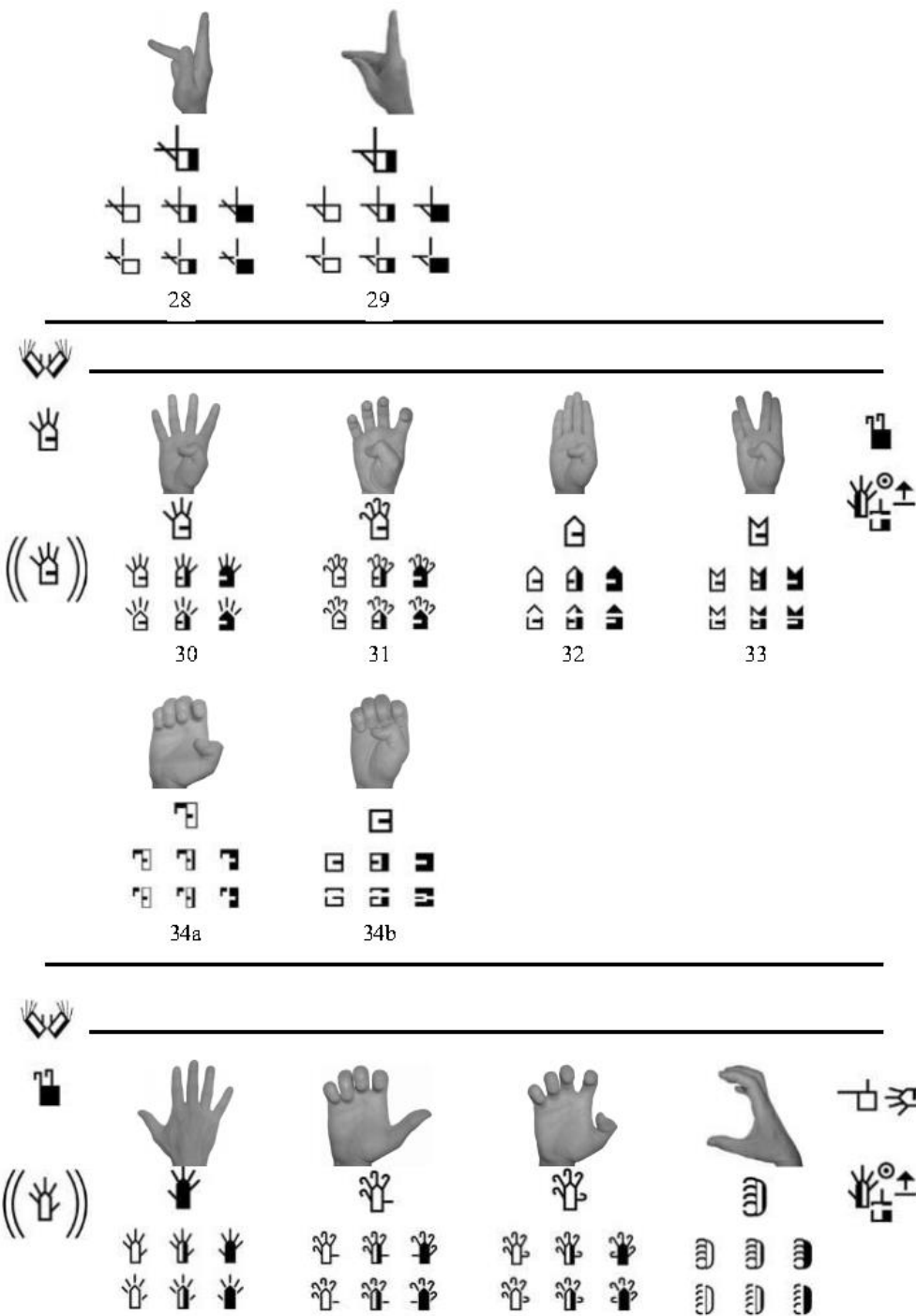
Castanhal, ____/____/ 2020.

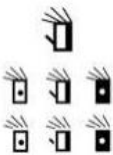
Assinatura do(a) participante

ANEXO

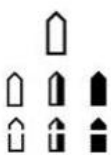




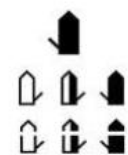




39



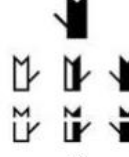
40



41



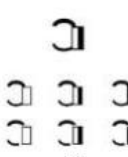
42



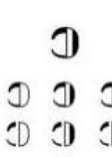
43



44



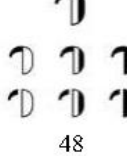
45



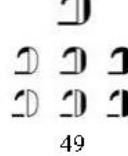
46



47



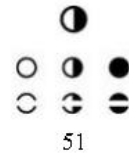
48



49



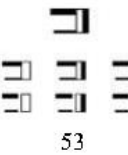
50



51



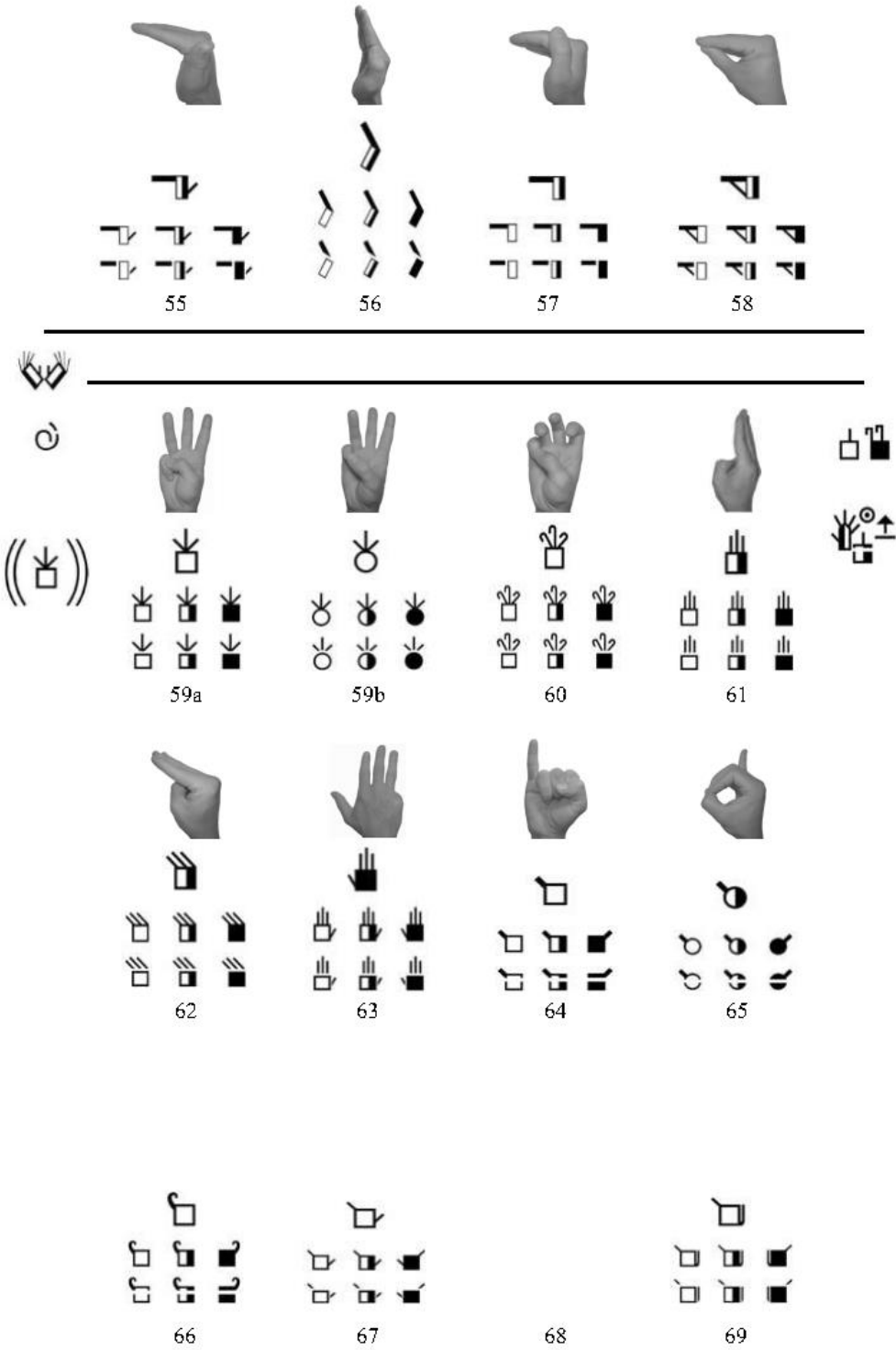
52

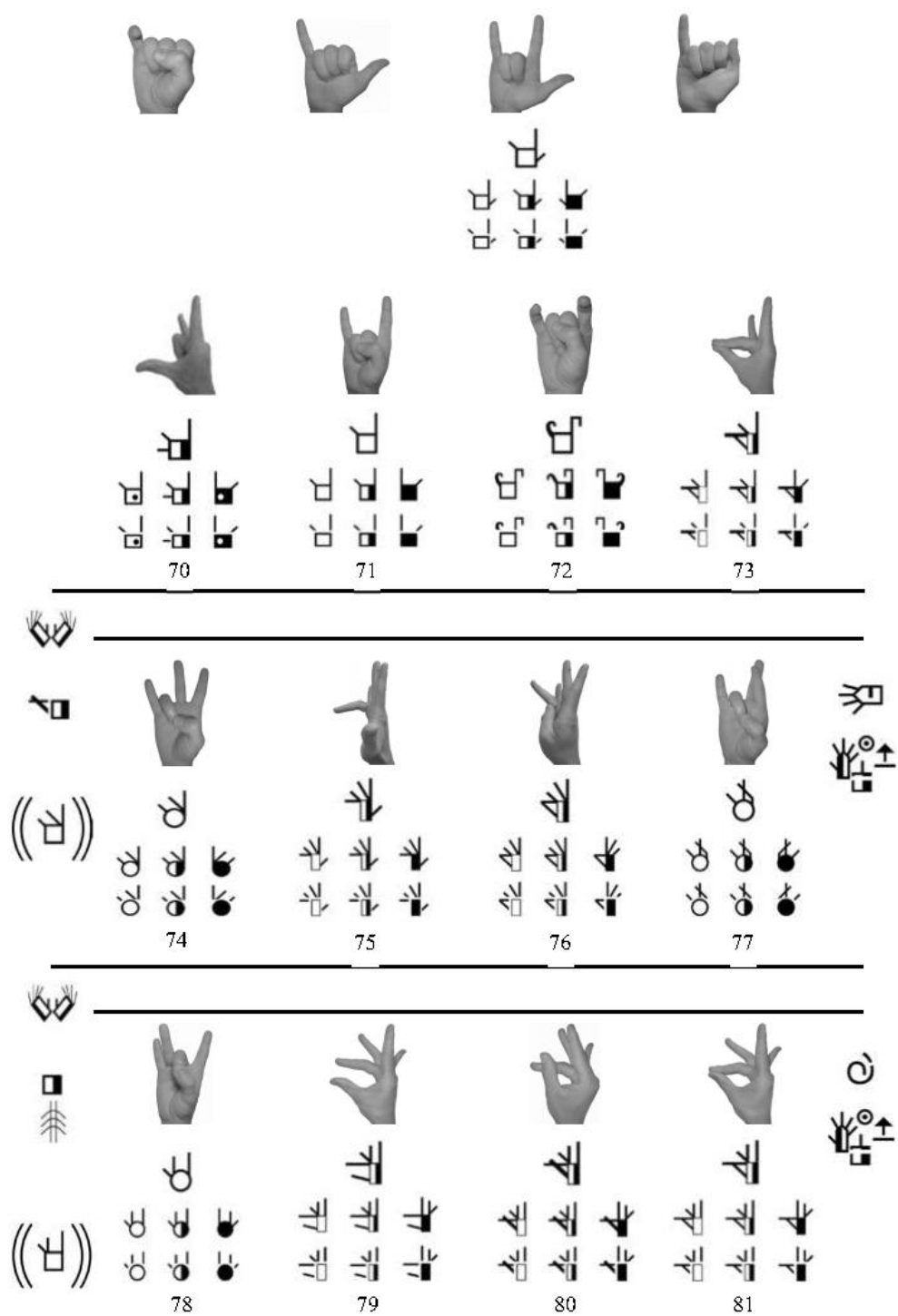


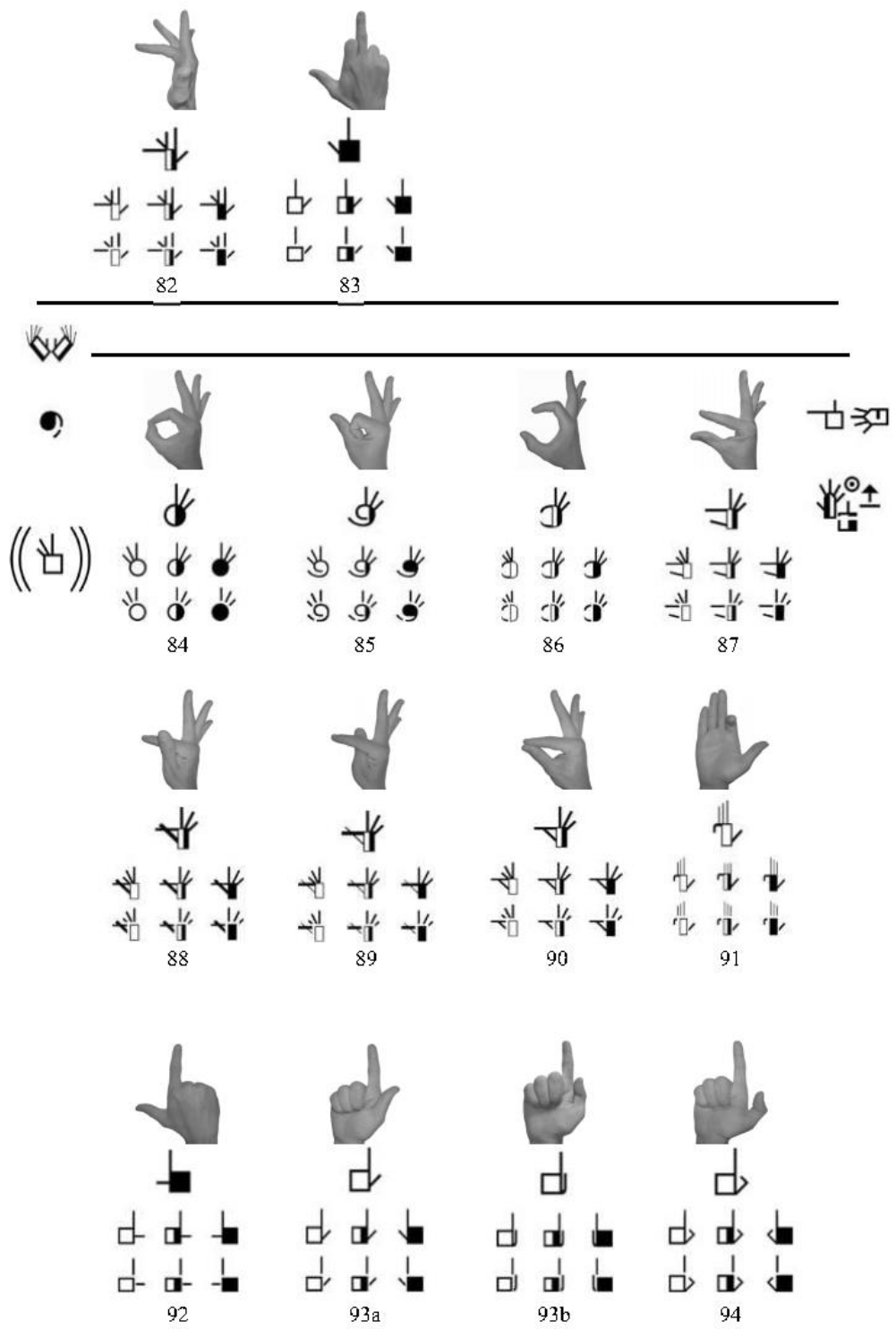
53



54









95



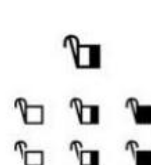
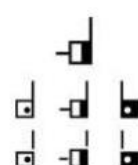
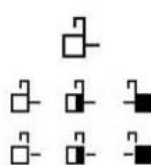
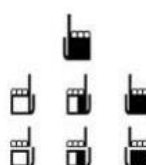
96



97



98



99



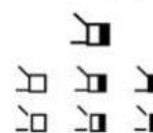
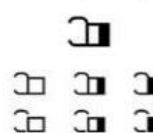
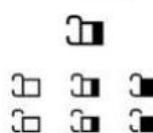
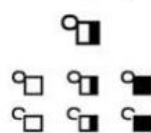
100



101



102



103



104



105



106

